

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**VIDA DE PROFESSOR: O PESSOAL E O  
PROFISSIONAL NA CONSTRUÇÃO DA  
TRAJETÓRIA DOCENTE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Juliana da Silva Silveira**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

# **VIDA DE PROFESSOR: O PESSOAL E O PROFISSIONAL NA CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE**



**Juliana da Silva Silveira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como pré-requisito para obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Hugo Norberto Krug**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silveira, Juliana da Silva  
Vida de professor: o pessoal e o profissional na construção da trajetória docente. / Juliana da Silva Silveira.-2014.  
114 p.; 30cm

Orientador: Hugo Norberto Krug  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2014

1. História de Vida 2. Vida Pessoal 3. Vida Profissional 4. Trajetória Docente I. Krug, Hugo Norberto II. Título.

---

©2014

Todos os direitos autorais reservados a Juliana da Silva Silveira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por do autor.  
Endereço eletrônico: [juliana.cef@gmail.com](mailto:juliana.cef@gmail.com)

---

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação de Mestrado

**VIDA DE PROFESSOR: O PESSOAL E O PROFISSIONAL NA  
CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE**

elaborado por  
**Juliana da Silva Silveira**

como pré-requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Prof. Hugo Norberto Krug, Dr. (UFSM/RS)**  
(Presidente/Orientador)

**Profª. Helenise Sangoi Antunes, Drª. (UFSM/RS)**

**Profª. Mariângela da Rosa Afonso, Drª. (UFPeI/RS)**

**Profª. Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes, Drª. (UFSM/RS)**  
(Suplente)

Santa Maria, março de 2014.

## Agradecimentos

Obrigada, gente!

Minha irmã ria muito. Todos olhavam para mim com ar de felicidade. Iam me abraçando um por um e desejando-me felicitações. Meus olhos estavam marejados. Afinal, eu nunca tinha recebido uma festa surpresa. Eu nervosa e sem discursos para agradecer punha a mão direita no peito, inclinava a cabeça para baixo e só dizia duas palavras: Obrigada, gente! Mais ainda minha irmã ria dos meus agradecimentos.

Agradeço primeiramente a Deus, força universal e maravilhosa a qual acredito muito. Agradeço aos meus mentores pela oportunidade de estudar e também oportunizar a evolução para ambos.

Aos meus pais Luiz Fernando e Terezinha que me deram os princípios, a base educacional e humana para que eu me tornasse professora.

Ao meu esposo Vitor pelo amparo e proteção diante das dificuldades.

A minha irmã, quase filha, Jennifer pela confiança depositada em mim. Pareceria que só ela tinha certeza de que eu conseguiria vencer esta etapa.

Agradeço a CAPES pelo auxílio financeiro na produção desta dissertação.

Ao meu querido mestre, professor Hugo Krug por ter recebido uma aluna ainda no terceiro semestre num grupo composto por especializandos e mestrandos.

A minha querida mestra professora Helenise, que num dia também festivo em meio a muitas crianças me disse: “Querida, teu lugar é lá conosco. Tu tens potencial para isso”. Jamais esquecerei o seu incentivo.

Ao meu amigo Marcio pelo convite à pesquisa e ao GEPEF. Aos amigos de Grupo de Estudo e Pesquisa na Formação Inicial e Alfabetização – GEPFICA – produção científica Vanir e Julia.

As amigas do coração Érika e Jamila por todos os momentos compartilhados desde adolescência. Você são a própria amizade personificadas.

As empresas que me acolheram Vagalume Diversões e Zuera festas por terem me proporcionado tantos dias festivos como hoje. Mais uma vez, obrigada, gente!

Aos mestres com carinho,

Agradeço ao professor Hugo pela oportunidade de estar aqui hoje com vocês. Por todos os conselhos, os puxões de orelha. Por todas as vezes que nos orientou.

Agradeço a professora Helenise por todos os beijos, os abraços fraternos, os incentivos aos meus objetivos.

Agradeço ao colaborador desta pesquisa, querido professor Kunz, por ter aberto tão lindamente o livro de suas memórias, pela paciência e dedicação.

Ser mestra...

Muito antes de começar a fazer a graduação já desejava ser mestra.

Contudo, com a realização desse sonho percebo que não é a conclusão deste trabalho que me faz mestra. As titulações não tem tanto peso assim.

Ser mestra é cuidar da saúde dos meus pais.

Ser mestra é parar minhas atividades para ajudar meus amigos.

Ser mestra é cuidar de três cachorras, casa, marido, e mesmo assim realizar este trabalho.

Ser mestre pra mim é acurar a minha sensibilidade e quem tem sensibilidade tem olhos ávidos por aprender as coisas boas e deixar que as coisas ruins escoem no rio da vida.

Ser mestra é ser mestra na vida.

E desejo que tenha sempre minhas covinhas acentuadas para mostrar o sorriso que dei a um estranho ou amigo. Quero leveza e simplicidade para minha vida, cumprindo minhas tarefas com amor.

E que siga a vida, porque sei que meu coração é muito mestre na minha vida.

Juliana Silveira

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **VIDA DE PROFESSOR: O PESSOAL E O PROFISSIONAL NA CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE**

AUTORA: JULIANA DA SILVA SILVEIRA

ORIENTADOR: HUGO NORBERTO KRUG

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 20 de março de 2014.

Este estudo está inserido na linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGE/CE/UFSM em nível de mestrado. O objetivo é proporcionar uma aproximação com a história de vida de um professor de Educação Física atuante no curso de mestrado em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFSM). Nos objetivos específicos foram pontuados a vida em família do professor, a vida escolar, a opção pela docência como profissão, o curso de formação inicial, o ingresso em sala de aula como professor até a formação continuada e a construção da abordagem pedagógica para as aulas de Educação Física embasada na Teoria Crítico-Emancipatória. A metodologia utilizada será de cunho qualitativo segundo Bauer, Gaskell e Allum (2003). O método utilizado será o biográfico – história de vida e o procedimento para a coleta de informações será a entrevista narrativa. Através da narrativa autobiográfica compreenderemos melhor os fatores que levaram a escolher a profissão professor, como se dá a constituição da trajetória formativa do professor, como foi o ingresso na docência e as situações da vida familiar que interferiram nesses fatos ocorridos durante a vida. Para a análise das informações obtidas utilizaremos a análise temática. A vida em família na infância foi marcada pela liberdade, o ingresso na escola foi no sistema de internato. No internato apresentado ao Atletismo e começa o interesse pela Educação Física. Gradua-se em Educação Física, faz especialização, mestrado e consegue a primeira bolsa de doutorado na Alemanha em Educação Física através do Goethe Institut. História de vida linda e emocionante permeada pela construção da trajetória profissional e sofridos períodos de distanciamento da família.

**Palavras-chave:** História de Vida. Vida Pessoal. Vida Profissional. Trajetória Docente.

## **ABSTRACT**

Master's Dissertation  
Graduate Program in Education  
Federal University of Santa Maria

### **LIFE OF PROFESSOR AND PROFESSIONAL STAFF IN THE CONSTRUCTION OF TEACHING CAREER**

AUTHOR : JULIANA da SILVA SILVEIRA

SUPERVISOR: HUGO NORBERTO KRUG

Date and Venue of Defense : Santa Maria, March 20, 2014.

This study is entered on line Research Training, Knowledge and Professional Development Program Graduate Education, PPGE/CE/UFSM at Masters level. The goal is to provide an approach to life story of a Physical Education teacher active in the Master's degree in Physical Education at the Center for Sports and Physical Education ( CEFD / UFSM ) . In the specific goals were scored in the life of the teacher's family, school life, the choice of teaching as a profession, the initial training course, entrance into the classroom as a teacher to continuing education and the construction of pedagogical approach to classes Physical education Critical Theory grounded in Emancipation. The methodology used is a qualitative one second Bauer, Gaskell and Allum (2003). The method used is the biographical - life story and the procedure for the collection of information will be the narrative interview. Through autobiographical narrative better understand the factors that led them to choose the profession teacher, how is the constitution of the training course teacher, as was the entry into the teaching and situations of family life that interfered in these events during life. For the analysis of the information obtained will use thematic analysis. Family life in childhood was marked by freedom, enrollment in school was in boarding school system. Presented to the boarding begins Athletics and interest in Physical Education. He graduated in Physical Education, is specialization, master and gets the first doctoral scholarship in Germany in Physical Education through the Goethe Institut. History of beautiful and exciting life permeated by the construction of professional development and sustained periods of estrangement from family.

**Keywords:** History of Life. Personal life. Professional Life. Lecturer trajectory.



# SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA.....</b>	<b>9</b>
1.1 Partindo da minha história ao encontro da história de outrem .....	12
1.2 Objetivo geral .....	18
1.3 Objetivos específicos .....	18
1.4 Justificativa.....	19
<b>2 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>21</b>
2.1 Histórias de vida.....	21
2.2 A trajetória formativa do professor .....	25
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>31</b>
3.1 Caracterização da Pesquisa – Qualitativa.....	31
3.2 Método Biográfico – História de Vida .....	33
3.3 Participante .....	37
3.4 Procedimentos para a coleta de informações – Entrevista Narrativa .....	38
3.5 Análise de informações .....	42
<b>4 HISTÓRIA DE VIDA, VIDA EM FAMÍLIA E VIVÊNCIAS ESCOLARES .....</b>	<b>44</b>
4.1 Infância e vida em Família.....	45
4.2 O internato.....	47
<b>5 TRAJETÓRIA FORMATIVA .....</b>	<b>52</b>
5.1 A escolha profissional.....	52
5.2 Profissionalização – Formação Inicial .....	58
5.3 Formação Continuada.....	63
5.4 Doutorado em Hannover/Alemanha .....	68
5.5 O desalento .....	74
<b>6 PROFISSIONALIZAÇÃO E PUBLICAÇÕES .....</b>	<b>77</b>
6.1 Ingresso como professor universitário.....	77
6.2 Atividades destaque: Construção da Pedagogia para as aulas de Educação Física.....	79
6.3 Transformação Didático-Pedagógica do Esporte .....	83
<b>7 VIDA PESSOAL.....</b>	<b>98</b>
7.1 Musicalidade .....	98
7.2 O misticismo.....	101
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>112</b>
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	113

# 1 APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA

Esta pesquisa intitulada “Vida de Professor: o Pessoal e o Profissional na Construção da Trajetória Docente” faz parte da linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação, em nível de Mestrado, da Universidade Federal de Santa Maria.

Na educação brasileira a formação de professores e as histórias de vida têm ganhado cada vez mais espaço nas produções acadêmicas. Contudo, na área da Educação Física, o uso de histórias de vida como metodologia para a construção da representação da trajetória docente com vistas às temáticas da formação inicial e continuada ainda é pouco utilizada comparando-se ao acervo já construído por outras áreas da educação, Sociologia e Psicologia.

Sabemos que a constituição do ser enquanto professor perpassa o campo pessoal e o profissional. Assim, através da memória de professores, busca-se trazer o conhecimento de uma história de vida e, posteriormente, uma reflexão sobre a relação entre a sua trajetória, pessoal e profissional, com a sua concepção pedagógica<sup>1</sup> de Educação Física.

Neste sentido, com intuito de vislumbrar estudos sobre as histórias de vida fundamentamo-nos em autores como Nóvoa (1992), Goodson (1992), Bueno (2002) e Abrahão (2004 a,b) e para dar suporte à análise da trajetória docente pesquisamos Gonçalves (1992), Huberman (1992), Moita (1992) e Isaia (2009).

Na área da Educação Física um dos primeiros estudos sobre e com histórias de vida foi produzido há mais de 15 anos por Betti e Mizukami (1997) que analisaram a história de vida de uma professora de Educação Física recém-aposentada. Mais recentemente Almeida e Fensterseifer (2007) investigaram as trajetórias de duas professoras de Educação Física formadas em diferentes momentos históricos, mas com uma prática pedagógica semelhante baseada em

---

<sup>1</sup> Castellani Filho (1999) define Concepção, Abordagem ou Tendência Pedagógica e as localiza, no que se refere à metodologia de ensino, em não-propositivas e propositivas. Em relação às não-propositivas, encontram-se as abordagens Fenomenológica (Silvino Santin e Wagner Wey Moreira), a Sociológica (Mauro Betti) e a Cultural (Jocimar Daólio). No campo das propositivas, detecta-se a presença das não-sistematizadas e das sistematizadas. Na primeira, situam-se as concepções Desenvolvimentista (Go Tani), Construtivista (João Batista Freire), Crítico-emancipatória (Elenor Kunz), Plural (Jocimar Daólio), e de Aulas Abertas (Hildebrandt e Langing). Na segunda, situam-se a da Aptidão Física e a Crítico-superadora, esta assinada por um Coletivo de Autores.

atividades esportivas como um fim em si mesmas. Já Almeida; Bracht e Santos (2009) analisaram as experiências escolares, formação e trajetória profissional de três professoras com mais de 20 anos de carreira e um professor aposentado. Também Folle et al. (2009) investigaram as escolhas, perspectivas e trajetórias vivenciadas por quatro professores de Educação Física em diferentes fases da carreira.

Nunes e Godoi (2013, p.158) citam outros estudos de histórias de vida de professores de Educação Física realizados por:

Folle e Nascimento (2009) estudaram os momentos marcantes da trajetória profissional de quatro professores de Educação Física, com mais de 25 anos de atuação no magistério público; Oliveira; Diehl e Silva (2009) analisaram como o professorado narra sua história de vida e confere sentidos para a Educação Física Escolar nos tempos atuais.

Neste direcionamento de ideia, sobre história de vida e trajetória docente, entendemos que os professores de Educação Física quando buscam o curso de graduação, ou seja, sua formação inicial, já tem uma trajetória anterior, como aluno da educação básica, contendo vivências positivas ou negativas que lhe permitem comparar/analisar/avaliar os saberes advindos de seus professores, bem como comparar/analisar/avaliar as experiências de vida pessoal, as quais poderão servir de apoio para o seu aprendizado docente durante esta formação.

Gonçalves (1992) ao analisar o percurso profissional docente, julga que este é o resultado da ação conjugada de três processos de desenvolvimento: o pessoal, o da profissionalização e o da socialização profissional.

O conhecimento das questões humanas, no âmbito pessoal, é irrefutavelmente subjetivo, decorrente dos signos, ações, contextos nos quais os sujeitos estão inseridos e da individualidade das pessoas, das diferentes crenças e interesses. Nesse sentido, as histórias de vida nos auxiliam a compreender os entraves da formação, no âmbito profissional, as dificuldades, as perspectivas, as alternativas de ação e o principal, como se constrói a trajetória formativa do professor.

Nas narrativas de professores, a formação inicial é relacionada como aqueles saberes adquiridos na universidade. No caso específico do professor de Educação Física acreditamos que não inicia na instituição de ensino superior, este começa a se constituir como professor, enquanto indivíduo no mundo da vida, nas

brincadeiras da infância, no espaço escolar onde ocorrem as primeiras vivências esportivas ou até mesmo em clubes como praticantes de atividades físicas.

Assim, este estudo oferece a compreensão de como se deu a construção da trajetória formativa através do conhecimento da história de vida de um professor. Goodson (1992) recomenda um novo projeto de investigação na área da educação, de modo a assegurar que a voz do professor seja ouvida, através do estudo das histórias de vida. Sendo assim, ao pesquisar e refletir sobre a temática tão complexa das histórias de vida com vistas à formação de professores, às trajetórias docentes e ao desenvolvimento profissional surge a seguinte questão problema: **Quais são as histórias de vida que permearam a trajetória docente de um professor de Educação Física? Como se deu a construção da sua trajetória docente?**

As histórias de vida nos permitem um leque amplo de como contar essas histórias. Assim, ao pensarmos/repensarmos esse estudo, decidimos por desenvolver um trabalho sensível aos olhos dos que o ler, e desta forma, me apropriado dessa ideia para contar minhas histórias, minha trajetória (usarei para isso a primeira pessoa do singular) e a partir daí suscitarão alguns fatores que me fizeram apaixonar pelas ricas histórias de vida que li, pelas belas e, às vezes, sofridas trajetórias que os atores da vida real, nós professores, passamos. São memórias que ficam escondidas, no fundo de uma caixinha, perdidas nas nossas lembranças, porém quando vêm à tona contribuem muito para nós humanos que somos. É necessário que nossas memórias se derramem sobre os outros com singeleza para expressar nossos sentimentos e emoções, colocando ao exercício da educação nossa afetividade. Deixo carinhosamente em suas mãos minha história de vida, que apresento a seguir.

## 1.1 Partindo da minha história ao encontro da história de outrem

### O Autorretrato

No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais  
lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...  
e, desta vida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,  
no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!  
(Mario Quintana)

Ao revirar minha caixa de fotos buscando reminiscências de como contar minha história de vida, encontro uma fotografia...

Na porta do quarto para o lado de fora, sorrindo um simpático palhaço cor de rosa anunciava que ali tinha uma menina, chamada Juliana. O quarto era impecável, lembro que os móveis de madeira clara reluziam de tanto brilho, nas paredes as prateleiras eram enfeitadas com laços de fita e rendas cor de rosa.

No quarto, quantos brinquedos, eu tinha bonecas, bebês, palhaços, porta-jóias, porta-retratos, tudo extremamente limpo e organizado devido ao fato de que eu era uma criança 'cheia de problemas' como diz minha mãe. Os problemas a que ela se reportava eram respiratórios, a bronquite asmática e alergia acompanharam-me durante toda a infância.

As brincadeiras foram limitadas à dentro do quarto rosa, com as bonecas, as panelinhas e xicrinhas, enquanto as outras crianças brincavam na rua, jogavam bola, andavam de bicicleta, pulavam e brincavam na piscina.

A fase da infância também foi marcada pelas primeiras idas à escola. Fiz o maternal na escola Sant'Anna, recordo-me de poucas imagens, os azulejos brancos pintados com tinta colorida, as escadas de pedra, a merendeira. Recordo ainda que tinha um dia destinado ao brinquedo.

No ano seguinte, passei a freqüentar outra escola, era época de crise e eu não podia mais estudar numa escola com mensalidade de valor tão elevado, então fui para o famoso, na cidade, Educandário São Vicente de Paulo. Essa escola, antigo internato de meninas carentes, era mais acessível as condições financeiras da família, além disso, todos comentavam que os alunos recebiam a mesma educação, pois também era uma escola franciscana. Digo era porque fechou, há alguns anos, para a consolidação do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) campus II.

No educandário relembro, agora, de várias imagens desde a pré-escola como: as cadeiras e mesinhas verdes pequeninas, os trabalhinhos pendurados nas paredes em fio de lã, os joguinhos de quebra-cabeças, o cavalinho que construíamos com cabo de vassoura e as mãozinhas pintadas nos cartões para o dia das mães. A educação infantil ficava num anexo do prédio da escola, e lá tinham as salas de aula, um refeitório e também um pátio todo gradeado para as crianças ficarem seguras. No pátio tinha poucos brinquedos: alguns balanços, pneus para se balançar, um sobe-sobe, (é um brinquedo grande de ferro, que as crianças escalam, se penduram) todo colorido e areia, bastante areia, para a gente brincar.

Nas aulas das séries iniciais do ensino fundamental, lembro das salas de aula amplas, dos corredores escuros, para chegar ao segundo andar, uma escada marrom com as guardas de madeiras super frouxas, não era seguro subir por ali, o chão de tábuas velhas se estalava o tempo todo, os cupins estavam tomando conta da escola. Entretanto, eu gostava das aulas, as crianças copiavam sem parar, não me recordo de livros, usávamos uma cartilha amarela, às vezes, ganhávamos 'folhinhas' mimeografadas com cheiro de álcool para colar no caderno.

O pátio da escola também era amplo dispunha de duas quadras, uma de vôlei e uma de futebol. Lá haviam várias árvores enormes e num cantinho tinham uns pneus presos ao chão. Nós, crianças, ficávamos pulando de um pneu para o outro, era bem divertido. As aulas de Educação Física eram nesse pátio e fazíamos

brincadeiras como: pular corda, sapata, caçador e estafetas. Nas brincadeiras de correr eu sempre chegava por último, tossindo muito e com falta de ar.

De todas as brincadeiras, a favorita era brincar de escolinha, primeiramente como aluna de uma amiga mais velha (a professora) que atualmente é pedagoga. Mais tarde atuava como professora de duas amigas, as quais foram inseridas no mundo das letras durante essas brincadeiras, hoje uma é educadora especial e a outra também professora de Educação Física.

Na adolescência, já haviam boatos do fechamento da escola, então meus pais resolveram me trocar novamente de escola, foi quando conheci a Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D'Ambrósio, lá cursei, da sexta até a oitava série do ensino fundamental. A escola era mais apertada, toda amarela, tinha um funcionamento completamente diferente, recebíamos livros, merenda e não tinha uma filosofia cristã.

Outro aspecto bem diferente da escola anterior, eram as aulas de Educação Física que ocorriam em turno inverso das demais, eram separadas por clubes e eram fora da escola, no ginásio ao lado denominado Centro Desportivo Municipal (CDM). O primeiro clube que escolhi foi o de Atletismo, eu detestei aquela modalidade, a gente só corria, corria e corria na pista em pleno sol das duas da tarde.

No ensino médio, fui estudar na Escola Estadual de Ensino Médio Cícero Barreto. A adolescência é um período muito difícil permeado por dúvidas, mas nessa escola tive o primeiro contato com algo que me inspiraria a ser professora de Educação Física, a dança. As aulas de Educação Física no, carinhosamente chamado pelos alunos, Cícero também eram por clubes de vôlei, de futebol, de ginástica e de dança. Então, através das aulas de Educação Física, me inseriram no grupo de dança. Aí conheci uma pessoa formidável que serviu de exemplo para escolha de minha profissão, tinha por nome professora Elisete.

Esta professora trabalhava a dança de uma maneira totalmente diferenciada, nós escolhíamos as músicas de nosso interesse, cada aluno dava a ideia de um passo e assim íamos paulatinamente coreografando, e quando de repente estava tudo pronto, um verdadeiro trabalho em grupo. Antes de entrar no grupo de dança, meu sonho profissional era ser dentista. Hoje eu nem consigo me imaginar dentista! A minha escolha profissional foi influenciada pelo meu desejo de trabalhar com movimento, logo eu que fui uma criança tão reprimida. Realmente, eu não

queria que fossem negadas as ricas e importantes experiências de movimento para o desenvolvimento biológico e cognitivo de nenhuma criança.

O ingresso na universidade foi muito bom, conheci muitas pessoas novas, fiz amizades. Porém, tive muitas dificuldades no curso de graduação no âmbito motor, as disciplinas práticas como os esportes eram muito difíceis. As aulas, no decorrer dos semestres, eram extremamente cansativas com variados exercícios de vôlei, futebol, futsal, basquete, ginástica, natação e hidroginástica parecia muita coisa para uma pessoa só aprender.

A disciplina de basquete foi a que mais me marcou em todo o curso de graduação. O professor era extremamente tradicional/tecnicista, nas aulas ele só ensinava os alunos repetirem o exercício, até aprender o movimento correto. Este cobrava nas provas práticas e teóricas a técnica e a tática do basquetebol. Sentia-me extremamente envergonhada por não saber executar tal movimento como o *jump*<sup>2</sup>, por exemplo, que nunca aprendi.

Em contrapartida, eu consegui aprender a nadar graças a um excelente professor que tive, levando-se em conta o fato de que é uma habilidade muito mais complexa. O professor de natação cobrava a técnica também, mas de uma maneira suave, através da ludicidade fez com que eu perdesse o medo da água. Eu podia ter certeza de que com ele jamais morreria afogada.

Durante um, entre muitos almoços no Restaurante Universitário (RU) conheci um cara bem legal, o Marcio, não era muito velho, mas já era careca, bem simpático convidou-nos, os estudantes também da Educação Física, para participar de seu grupo de pesquisa, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física (GEPEF).

Este rapaz se apresentou e explicou o que era um grupo de pesquisa, seus objetivos, quem eram os componentes e o professor líder do grupo. Como tinha bastantes dificuldades financeiras para continuar estudando, eu já participava de projetos de extensão no Hospital Universitário de Santa Maria, chamava-se 'Recreação e Ludicidade na psiquiatria'. Eu expliquei que já era bolsista do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), mas que teria vontade de participar de estudos teóricos sobre Educação Física e Formação de Professores.

---

<sup>2</sup> Jump é um tipo de arremesso com os joelhos flexionados, saltar elevando a bola acima e à frente da cabeça com ambas as mãos e executar o arremesso no momento mais alto do pulo.



Então, ingressei no GEPEF, isto apenas no terceiro semestre do curso de graduação. Conheci o professor Hugo, que me acolheu em meio a um grupo de pessoas que estavam em 'níveis mais avançados' do que o meu, alguns estavam terminando a graduação, outros cursando especialização, outros no mestrado.

Esta vivência com o grupo foi fundamental para o meu crescimento pessoal e profissional. Paulatinamente, fui me inserindo nos processos, primeiramente, fazendo resumos para apresentação em eventos, apresentando trabalhos, desenvolvendo, assim, minha oratória e desinibição. No GEPEF, fui bolsista de iniciação científica, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pois tínhamos um grupo coeso e bastante produtivo.

Através deste trabalho proporcionado pelo GEPEF intitulado "A Entrada na Carreira de Professores de Educação Física: Um Estudo Fenomenológico" comecei a ter contato com a temática da construção da identidade profissional, das trajetórias formativas dos professores e do desenvolvimento profissional. As pesquisas construídas por nós também focalizavam a Educação Física crítica, proposta por duas distintas abordagens: a Crítico Superadora proposta pelo Coletivo de Autores e a Crítico Emancipatória criada pelo professor Eleonor Kunz.

Durante os três estágios curriculares da Licenciatura em Educação Física que realizei com a supervisão do professor Hugo, me centrei mais na abordagem Crítico Emancipatória, influência direta de meu amigo Marcio que me apresentou a coletânea de livros do professor Kunz. No meu primeiro estágio, em nível de ensino médio, trabalhei com a ginástica localizada e introduzi no aquecimento a dança como um elemento para a reaproximação das alunas às aulas de Educação Física. No segundo, a proposta era futebol para os meninos e vôlei para as meninas, proposta da qual surgiram algumas ideias para a construção do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura (TCCL). No terceiro estágio, trabalhei com o atletismo para as crianças do primeiro ano, foi maravilhoso. É praticamente impossível trabalhar uma abordagem como a Crítico Emancipatória nos estágios, mas incluir elementos desta fez toda a diferença nas práticas em sala de aula e no pátio.

Durante este período de estágios, nós integrantes do GEPEF, nos reuníamos, ora como o grupo geral, ora como subgrupos, ou carinhosamente como chamávamos de Gepefinho, na casa do estudante, onde meu amigo residia. Regados a chimarrão e pipoca com melado, líamos, discutíamos e escrevíamos

nossas inquietudes frente às temáticas da Educação Física. Desses estudos no GEPEF resultou meu trabalho de conclusão de curso de licenciatura, intitulado 'Os Jogos Esportivos Coletivos do CEFD/UFSM e a Transformação do Esporte: Que Relação É Essa na Formação Inicial'?

No decorrer desta pesquisa pude estudar, um pouco mais, sobre essa nova proposta de Educação Física, a teoria Crítica Emancipatória que traz como base o respeito às individualidades das crianças, cada aluno é único e diferente dos demais. O objetivo principal desse modelo de pedagogia dos esportes é a autonomia do cidadão. A metodologia utilizada é bem simples e está fundamentada em lançar desafios, deixar as crianças descobrirem o modo pelo qual elas mais gostam de realizar a tarefa, desenvolver a criatividade implementando novas maneiras que não são permitidas pelo modelo técnico, o qual pode ser apenas observado e repetido. Compreendi que o modelo técnico-desportivo não contempla a criança em sua totalidade.

Tem-se a consciência de que não é tarefa fácil a modificação e construção de uma nova concepção de educação, porém a mudança começa a surgir quando na prática percebemos que algo está errado e ao contrário de nos conformar, reflete-se sobre o assunto e começa-se a repensar novas formas de educar. Acredito que o modelo técnico que me acompanhou desde as aulas nas séries iniciais do ensino fundamental até o curso de graduação em Educação Física suscitou muitos medos de errar o movimento, sentir vergonha, ser motivo de chacota dos colegas. Além disso, contribui para uma sociedade cada vez mais excludente, hierárquica e alienada. Enfim, com todos os percalços consegui concluir o curso de Licenciatura em Educação Física. Fiz o curso de Especialização em Educação Física Escolar na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) para aprimorar meus conhecimentos na área escolar e também me constitui enquanto professora e pesquisadora na área da Educação/Educação Física.

Durante meu percurso na especialização tive a oportunidade de transcrever as histórias de vida de três professoras de Educação Física que recebeu o seguinte título: 'A Formação de Professores em Educação Física e Sua Realização com o Mundo da Vida'. Esse exercício me proporcionou uma experiência única de conhecer as histórias, os sentimentos das professoras frente à família e ao universo escolar me sensibilizaram muito.

Construir nossa trajetória é pessoal e intransferível. Acredito que essa trajetória narrada com muito carinho cooperou para eu ser a pessoa que sou, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Meu ingresso no mestrado se deu com objetivo de mostrar o quanto sou incompleta e de como sou capaz de aprender sempre.

A vida tem mão única. Flui muito rápido. Num piscar de olhos os bebês crescem, as roupas encurtam, as canelas ficam de fora, passa realmente muito rápido. Todavia, se nós pudermos parar um segundo para pensar em nossas memórias é muito bom, prazeroso e com êxito podemos até sentir os cheirinhos da infância. É com esse sentimento barroco de efemeridade do tempo e da vida que me proponho a desenvolver este estudo com o objetivo de perpetuar histórias, passagens e momentos de um professor renomado de Educação Física.

## **1.2 Objetivo geral**

Proporcionar uma aproximação com a história de vida do professor, estabelecendo as relações com a trajetória formativa: a vida familiar, o exercício profissional e a concepção de Educação Física que contribuíram para a construção da pedagogia para as aulas.

## **1.3 Objetivos específicos**

Aproximar-se da vivência do professor antes de ingressar na escola, na vida em família.

Conhecer a vivência do professor durante o processo de escolarização.

Descobrir os motivos pelos quais escolheu a docência como profissão, ao optar pelo curso de Educação Física.

Conhecer a formação inicial em Educação Física do professor e o ingresso como professor na escola. Desvendar os melhores e piores momentos na docência.

Conhecer a formação continuada do professor e os encaminhamentos do professor com relação à concepção de Educação Física que construiu como pedagogia das aulas.

#### 1.4 Justificativa

A constituição do sujeito enquanto professor encanta-me muito, pois através do conhecimento da trajetória docente poderei conhecer a história de vida de um estudioso da área, um professor querido e renomado no campo da Educação Física. De posse desta narrativa autobiográfica poderei compreender melhor como se dá a constituição do professor, os fatores que levaram a escolher a profissão professor, como foi o ingresso na docência e os fatos da vida familiar que interferiram nas escolhas.

A intenção é de que este estudo seja importante para que outros professores possam também compreender sua trajetória. Não somente aqueles que ainda vão ingressar na carreira, mas também aos que já exercem a ‘profissão professor’<sup>3</sup>. Portanto, este trabalho servirá como embasamento para estudiosos da área da Educação/Educação Física.

É importante salientar que o leitor ao ler este trabalho sobre histórias de vida e formação, conseguirá, sem evitar, vislumbrar partes de sua vida, práticas semelhantes, situações da vida pessoal que também percorreram. E, ao fazer esse exercício estará, com êxito, refletindo não apenas sobre sua formação inicial, mas também sobre a formação continuada. Estará pensando nas suas ações em sala de aula junto aos alunos, nas reuniões pedagógicas, nos percalços que já passou sendo professor, em quantas vezes pensou em abandonar tudo, em outras tantas vezes que se entusiasmou com novas atividades, novas metodologias de trabalho pedagógico.

Como educadora, creio que os trabalhos científicos devem sempre contribuir com a comunidade relacionada, neste caso nós professores, e eis a importância e a beleza do trabalho que nos faz lembrar nossa trajetória pessoal e profissional, a

---

<sup>3</sup> Termo Profissão professor dá nome à coletânea de artigos que oferece uma reflexão sobre a situação dos professores organizados por Antônio Nóvoa em 1991.

partir do conhecimento de outras trajetórias. Além disso, nos proporciona refletir sobre a nossa própria história de vida.

Creio também que sempre nos é oportunizado, escutar ou até mesmo ler, um pouquinho da experiência dos outros, os percalços que passaram. Essas experiências nos servem como uma mola propulsora para alavancar nossos sonhos, correr atrás dos nossos objetivos, ir com garra e lutar. No entanto, penso como é difícil criar, fazer o novo. Mas, é possível para quem tem boas ideias, boa vontade, ver o mundo, ler o mundo, reinventar, recriar. Tão fácil é repetir em Educação Física, arremessar, de novo e mais uma vez até que saia perfeito. A vida é mais que isso, a Educação não deve ser relegada a meras repetições. Temos que ter conteúdo e propriedade para assumir nossas escolhas. Eu quero o diferente, quero que se (re)planeje, que se (re)faça, que se (re)aproxime o professor dos alunos e mais que tudo quero que se (re)invente uma Educação Física melhor para todas as crianças e adolescentes que tenha um sentido/significado para toda a comunidade relacionada pais, alunos e professores.

## 2 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 Histórias de vida

Bueno (2006) cita variadas denominações utilizadas por diferentes autores como: memória(s), lembranças, relatos de vida (*récit de vie*), depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, história de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico, método autobiográfico, método psicobiográfico, perspectiva autobiográfica.

Essa gama de denominações dificulta a categorização das histórias de vida, porque há uma abertura no que concerne ao método. Estes termos supracitados são colocados nos trabalhos como complementares para explicar a metodologia utilizada. Além do bloqueio para a categorização das histórias de vida, há de se ressaltar também a imprecisão conceitual devido à diversidade de termos empregados como sinonímia. Aliás, a própria desconsideração pela história das histórias de vida com seus avanços, recuos, descontinuidades e por ser uma temática instável e inovadora.

Ainda Bueno (2006) faz uma análise histórica detalhada do método biográfico e coloca que embora o uso seja bastante recente nas ciências da educação, desde a década de 1920 e 1930 foi largamente utilizado pelos sociólogos da escola de Chicago. Nas décadas seguintes, após o sucesso do método como resposta a busca de superação à sociologia positivista, há um retorno aos métodos empíricos que relega as histórias de vida ao desuso durante anos.

Somente a partir da década de 1980 houve um redirecionamento nos estudos sobre formação docente enfatizando os aspectos pessoais da vida do professor. Uma obra que, segundo Nóvoa (1992), é considerada como um 'divisor de águas' no que diz respeito às histórias de vida é o artigo 'O enseñante es tambien una persona' da autora Ada Abraham publicada em 1984, na qual trata da

vida de uma educadora e reitera a importância da pesquisa educacional pela história oral de vida sobre a existência do professor.

Bueno (2006) destaca obras clássicas como 'Profissão professor' e 'Vida de professores' que são coletâneas de artigos de autores como Michael Hüberman, Ivor Goodson, José Alberto Gonçalves, Maria Helena Cavaco, entre outros, organizadas por Antônio Nóvoa e publicadas, respectivamente, nos anos de 1991 e 1992.

Nas histórias de vida, a referida autora compreende que as temáticas estudadas eram referentes à profissionalização, à formação de professores e aos ciclos de vida, focalizando sobre a prática pedagógica com objetivo de transformação, autoconhecimento, conhecimento sobre o professor, constituição da sua subjetividade e formação. A questão da identidade docente foi pouco abordada.

Compartilho as ideias de Moita (1992, p.116) quando nos fala que:

Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com seus contextos.

Concordo com isso, pois as histórias de vida conduzem a informações de grande valia para a percepção do eu singular, com o profissional e o coletivo suscitando, assim, a reflexão do professor sobre as várias facetas que assumiu na docência e como compreende sua trajetória.

A mesma autora complementa, ainda, afirmando que “numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as transferências de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes em vários espaços do cotidiano” (MOITA, 1992, p.117). Essas pluralidades no universo das histórias de vida as tornaram cada vez mais interessantes, pois se trata de um universo particular, singular, único dentre pluralidades. Assim, esses fatores despertaram a curiosidade de estudiosos de diversas áreas de conhecimento.

No Brasil, a intensificação da história de vida como metodologia se deu, a partir, dos anos 1990, o que contribuiu para uma renovação nas metodologias de trabalho principalmente aos estudos da carreira docente e formação de

professores. Essa diversificação fez aflorar os debates sobre novas questões como a profissionalização docente que antes era vista, apenas, como vocação, profissão docente que foi regulamentada, exclusivamente, após a construção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) n. 9394/96. Portanto, a questão da identidade docente sofreu mudanças significativas do contexto de vocação para profissão regulamentada por lei.

Bueno (2002) reitera que no contexto do desenvolvimento atual das pesquisas educacionais, é inegável a presença e a importância, cada vez mais crescente, que os estudos com e sobre histórias de vida vêm adquirindo. Para esta autora os nomes de maior destaque, isto é, os que mais se dedicaram aos estudos sobre histórias de vida nos últimos dez anos, são Goodson e Nóvoa, os quais procurarei trazer a partir de agora para minha revisão sobre a temática.

Goodson (1992, p.67) propõe que “a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente”. Essa opinião clássica do autor traz algumas noções sobre o foco das pesquisas e a ‘reconceptualização’ das ideias de pesquisa na área, a prática sozinha se esvaziaria, de modo similar a história de vida, apenas, discorrendo sobre as individualidades do professor. O mesmo autor afirma ainda que juntar a dimensão pessoal à formulação das práticas é uma atitude desejável pelo fato de construir uma alusão à importância das perspectivas biográficas.

Neste sentido, pontua sobre o desenvolvimento docente e repreende trabalhos com foco, tão-somente, na prática do professor. Goodson (1992, p.69) vai além ao afirmar que “o ingrediente principal que vem faltando é que a voz do professor seja ouvida.” Escutar as histórias de vida de professores nos propicia um mergulho ao universo subjetivo do professor, esse exercício nos auxilia a compreender os processos de ensino aprendizagem que o fizeram escolher ser professor, conhecer as etapas do desenvolvimento profissional através da reflexão.

As ideias de Goodson (1992, p.71) reafirmam a importância das narrativas dos professores quando nos diz que:

[...] ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, a vida, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este fato surpreendente. O que considero surpreendente, senão francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes.



O autor citado aponta sete argumentos em prol da utilização de dados sobre histórias de vida de professores: em primeiro lugar, a consistência do discurso sobre histórias de vida na interpretação da linha de conduta e prática tem sido notável; as experiências de vida e o ambiente sociocultural contribuem para a construção da pessoa; o estilo de vida do professor, sua identidade e comportamento dentro e fora do ambiente escolar.

Conforme o referido autor a compreensão do ciclo de vida do professor; os estágios da carreira docente só podem ser analisados dentro de um contexto; os incidentes críticos na vida do professor e, por fim, menciona que “os estudos com histórias de vida podem nos ajudar a ver o indivíduo, permitindo-nos encarar a intersecção com a história de vida com a história da sociedade” (GOODSON, 1992, p. 75) servindo, assim, a esclarecer as escolhas, contingências pelas quais o professor passa.

A narração das histórias de vida está diretamente ligada à memória do professor. Nas palavras de Ricoeur (2007, p.26.):

[...] nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. A própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último à memória continua sendo o passado, independente do que possa significar a preteridade do passado.

Bosi (2004, p.68) traz o seguinte questionamento: “Qual a forma predominante de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da sua própria vida é o testemunho eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.

Na perspectiva de ampliar os horizontes da pesquisa, fundamento-me em Halbwachs citado por Bosi (2004, p.95) na qual diz “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão. Enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

No livro intitulado ‘A Memória, A História, O Esquecimento’, Paul Ricoeur (2007) coloca, primeiramente, que é através da associação de ideias que está situada uma espécie de ‘curto-circuito’ entre memória e imaginação. Elas são adjacentes, ou seja, “evocar uma – portanto, imaginar- é evocar outra, portanto, lembrar-se dela” (RICOEUR, 2007 p.25). O mesmo autor cita as diferenças entre

imagem, que seria ficção, o irreal, fantástico, fantasioso, utópico e a memória voltada para realidade, anterioridade marcada pelo tempo.

Esta dualidade entre imaginação e memória põe em dúvida a veracidade e fidelidade das pesquisas nessa área, uma herança cartesiana. Afinal, quem disse que as pesquisas deveriam ter rigor, fazer testes, quantificar amostras e que teriam que ser 'quase' cem por cento seguras?

## **2.2 A trajetória formativa do professor**

O presente estudo tem por tema a trajetória formativa do professor. Isaia (2009, p.95) coloca que este se constitui “pelas relações que estabelece com os outros que lhe são significativos, e ainda com a história sociocultural, geracional e pessoal”.

A trajetória docente compreende porções de tempo que vão se sucedendo ao longo da vida dos professores. Contudo, essas fases não são estagnadas com início e fim, elas se entrelaçam no tempo, convivem, simultaneamente, no mesmo tempo histórico com sujeitos também em constante movimento de busca, mudança e transformação.

Moita (1992, p. 117) coloca que “cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único”. A trajetória do professor é marcada por tudo que acontece na vida dele a saída de casa, perdas, ganhos, aquisições, novas realizações, casamento, a vinda dos filhos, a perda dos pais.

A personalidade do professor, suas características pessoais interferem no processo de ensino-aprendizagem. O contexto onde ele vive é de suma importância para a questão de pertencimento. Ressalto aqui duas temáticas de suma relevância: a privacidade e a intimidade, afinal, o professor é uma pessoa comum, com defeitos e qualidades, para tanto suas características pessoais devem ser respeitadas.

Conforme Morosini (2006) a trajetória pessoal envolve a perspectiva subjetiva do professor quanto ao desenrolar do seu ciclo vital, no qual as marcas da vida e da profissão se interpenetram, mas mantêm sua especificidade própria. Esse percurso pessoal tem como marco significativo a idade adulta. Essa se

caracteriza pela possibilidade de mudanças e transformações, o que envolve, simultaneamente, perdas, ganhos, aquisições e novas reorganizações. Assim, no decorrer da vida pessoal, vai-se alterando o modo como os adultos/professores e o mundo transacionam, influenciando-se mutuamente.

Ainda Morosini (2006, p.368) descreve a trajetória profissional como o “processo que envolve o percurso dos professores em uma ou em várias instituições de ensino nas quais estão ou estiveram atuando. É um processo complexo em que fases da vida e da profissão se entrecruzam, sendo único em muitos aspectos”.

Isaia (2009, p. 97) coloca que:

[...] a idade, fase ou etapa por marcar porções de tempo vivido, não compreende apenas um ano, mas um conjunto de anos vivenciados por um conjunto de pessoas que compartilham entre si valores, crenças, convicções, estilos de vida. A tal compartilhar a autora denomina de geração.

A constituição do professor perpassa o campo pessoal e profissional. .A dimensão pessoal ou vida adulta situa-se entre os 25 e os 65 anos e pode se estender até os 75 anos de idade. Cenário no qual a vida do professor adquire consistência e significado existencial. No que respeita a trajetória profissional ou carreira docente é marcada por três diferentes períodos denominados como: iniciação que é o da formação acadêmica até os primeiros anos de docência; predomínio que contempla o exercício continuado, o professor nessa fase sente-se responsável pelas novas gerações; e a fase do envelhecimento que é o período correspondente à saída do exercício profissional e ao aconselhamento de novas gerações.

De acordo com Imbernón (2000), a formação inicial tem o papel de fornecer as bases para construir um conhecimento pedagógico especializado, pois se constitui no início da socialização profissional e da assunção de princípios e regras práticas.

A formação inicial é a denominação atribuída à etapa de preparação voltada ao exercício profissional ou qualificação no início da profissão. Conforme Garcia (1999, p. 25), esta é a fase de “preparação formal numa instituição específica, na qual o futuro professor adquire conhecimentos pedagógicos e de disciplinas acadêmicas, assim como realiza as práticas de ensino”.

Para Isaia (2009) a formação inicial tem sido considerada pelos professores, demasiadamente teórica, pouco prática, muito afastada da sala de aula. A queixa principal é que os professores formadores não explicam o suficiente ou não fornecem informações precisas sobre: as dificuldades encontradas, o tipo de aluno com o qual trabalharão, as influências dos problemas sociais existentes em classes, a psicologia dos alunos e as técnicas a serem aplicadas para o ensino para promover sua aprendizagem, e conseqüentemente, seu desenvolvimento, e; as estratégias a serem trabalhadas para desenvolver os conteúdos científicos.

A formação continuada, tratada também como formação permanente, tem como finalidade dar continuidade aos estudos, aperfeiçoá-los bem como proporcionar a aquisição de novos conhecimentos. Para Garcia (1999) a formação continuada é entendida como todas as atividades que permitem o aperfeiçoamento do ensino e o desenvolvimento profissional.

A partir desse autor, compreendo que a formação continuada é o processo de aprendizagem que se dá ao longo da vida do professor. Essa busca incessante que faz o professor procurar novos conhecimentos, novas metodologias, dinâmicas de grupo que propicie ao aluno um conhecimento para além da sala de aula. Assim, colabora para o autoignição, ou seja, vontade dos futuros professores, que mais tarde estarão nas escolas. Entretanto, friso, não ministrando aulas como robôs, mas construindo as aulas junto com seus alunos, aulas com sentido/significados para esses sujeitos.

Isaia (2009) conta em seu estudo que a formação continuada dos professores em serviço, o enfoque sobre a teoria é considerado excessivo, não possibilitando a solução dos problemas práticos, pois se fala de um aluno pouco real, sendo desconsideradas informações necessárias sobre: o aluno e sua realidade sociocultural, as relações entre teoria e a prática, os problemas sociais, os problemas de aprendizagem as formas de atuação/intervenção didáticas que podem minimizar os problemas encontrados.

Ao falar sobre formação de professores Zabalza (2011, p.398) se refere à “intervenções de diversas índoles com diferentes graus de permanência: desde a formação inicial dos professores que pretendem ascender ao ensino universitário até a formação continuada dos professores com experiência”. Concordo que devem ter estratégias de formação, tanto para os professores em serviço, quanto para os

professores ditos pesquisadores, que contribuam para o desenvolvimento profissional.

Para Isaia (2009) o desenvolvimento pessoal e profissional se constitui via rede de relações, permitindo a construção da professoralidade, alicerçada na construção do conhecimento pedagógico compartilhado. Nessa mesma perspectiva, Goodson (1992, p.71) assevera que “os acontecimentos da vida particular influenciam a vida profissional, da mesma forma que os acontecimentos advindos da profissão têm forte influência na vida pessoal”.

É o desenrolar da vida que alicerça as trajetórias. A docência é uma atividade específica envolvendo um repertório de conhecimentos, saberes e fazeres sob a influência da trajetória profissional e pessoal. Esta pode ocorrer no contexto sociocultural ou no contexto institucional concreto. A docência é uma ação complexa porque os saberes relacionados à docência são heterogêneos. Um fator que prevalece é que possui atividade político-pedagógica, tem uma dimensão relacional, coletiva e socioeducativa.

Outro fator importante é a questão da ambiência da aprendizagem como possibilidade levando em consideração o contexto histórico por meio de valores de cidadania. A docência envolve ainda uma gama de atividades como planejamento das atividades de ensino aprendizagem estabelecendo metas junto aos educando e comunidade escolar, além de acompanhar o desenvolvimento através da avaliação.

A docência é uma tarefa complexa. Vários fatores contribuem para essa complexidade como a desmotivação dos alunos, condições precárias de trabalho, excessiva burocracia nas instituições. Não obstante, os professores ao fazerem o curso de formação inicial se comprometeram em conhecer o conteúdo, estruturar e explicar da melhor maneira para os alunos, mesmo sabendo dos desafios dessa profissão. Um desafio importante é dar um sentido aos conhecimentos para os alunos, o que eu tenho que fazer para aquele conhecimento se tornar interessante e sedutor. Nesse âmbito a questão da empatia, ter uma relação positiva com os alunos contribui muito para que os conteúdos tenham sentido/significado e colaborem efetivamente para a melhoria na qualidade do ensino.

As atividades educativas partem de quatro questões básicas: O que ensinar? O porquê de ensinar? Como ensinar? E, para que ensinar? Os saberes relativos à docência são ideias, juízos, razões, discursos ou argumentos que o

professor utiliza para explicar, tornar os conhecimentos mais acessíveis aos alunos.

A melhoria na qualidade do ensino superior está, muitas vezes, agregada à titulação como cursos de mestrado e doutorado. Apesar disso, para se progredir em qualidade dever-se-ia desenvolver de uma pedagogia específica para o ensino superior com vistas ao estímulo para a busca de inovações.

Para Maciel (2009, p.69):

O professor gerativo ou grupo gerativo é uma imagem que desponta, identificando a tomada de decisões individual e coletiva, frente ao conflito geratividade versus estagnação, identificando um engajamento que configura uma prática pedagógica diferenciada, como práxis significativa para o tempo em que vivemos.

Nesta oposição entre geratividade e estagnação, fatores como procriatividade, produtividade e criatividade são fundamentais para o desenvolvimento profissional. O professor precisa de um impulso para sair do labirinto proposto por Abraham<sup>4</sup>. As ações transformativas e a construção do conhecimento emancipatório no trabalho do professor contribuem para a autonomia do educando e construção de uma educação democrática.

As principais motivações para o professor são oportunidades de realização profissional, reciprocidade dos colegas e condições de trabalho favoráveis (materiais e humanas). Interessantemente as condições salariais não foram citadas como um fator motivacional.

A aprendizagem docente compreende os conhecimentos específicos e experienciais. Depende da aprendizagem colaborativa para a reestruturação individual, trocas, autonomia do sujeito e solução de diferentes situações. O desenvolvimento profissional é um processo individual e coletivo concomitantemente mediado pela escola.

A construção da identidade profissional se dá por uma soma de fatores como a trajetória pessoal entendida no contexto em que o professor desenvolve seu trabalho. As características cognitivas também são respeitáveis nesse contexto

---

<sup>4</sup> Metáfora do labirinto como símbolo de se percorrer um caminho difícil para chegar a uma meta descrita por Ada Abraham no artigo “El universo profesional del enseñante: un labirinto bien organizado”.

porque ajudam na construção da identidade do professor. Cabe o seguinte questionamento: Na verdade quem eu sou? E, quem eu quero ser?

Moita (1992, p.115) “coloca que a identidade pessoal constitui também a apropriação subjetiva da identidade social,” isso quer dizer que, o professor deve ter consciência de si mesmo, observância da sua situação em relação aos outros indivíduos interligados com o sentimento de pertencimento a uma comunidade. E complementa ainda que o conhecimento sobre a identidade pessoal e profissional se dinamiza no processo social e podem, com isso, “ajudar-nos a compreender o papel da profissão na vida e o papel da vida na profissão”.

Conforme Moita (1992, p.115):

[...] ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações, ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com seus contextos.

A construção da profissão docente é tecida por uma rede de relações como a observação, o saber-fazer, o saber-saber, a geratividade e as histórias de vida como características pessoais de cada professor. E o tripé ação-reflexão-ação como eixo fundamental da professoralidade.

Para que o ocorra o desenvolvimento profissional é necessário que haja autoignição<sup>5</sup>, ou seja, vontade do professor. Através do compartilhamento do conhecimento também se contribui para a construção da professoralidade, tendo em vista que se coloca em contrastes diferentes pontos de vista, se busca a opção de espaços interativos e, sobretudo o respeito à multiplicidade. Essa rede de compartilhamento envolve o conhecimento teórico e conceitual, as bases epistemológicas do professor atrelado à experiência prática através da intervenção em sala de aula. Logo após se dá o processo de reflexão, ou seja, por meio de algum mecanismo o docente pensa sobre a prática, promove uma alternativa de ação para o que considera inadequado, e assim pode ocorrer a transformação das futuras práticas colaborando para o desenvolvimento profissional.

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para expressar vontade do professor em vários artigos da coletânea Pedagogia Universitária: Tecendo redes sobre a Educação Superior das organizadoras Silvia Isaia, Dória Bolzan e Adriana Maciel.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 3.1 Caracterização da Pesquisa – Qualitativa

Utilizando-se da metáfora do jogo de futebol, Bauer; Gaskell e Allum (2003), ilustram e explicam termos da pesquisa qualitativa com a finalidade de evitar confusões. Citam que no jogo existem os 'atores' são os jogadores e os árbitros; o terreno, isto é, o gramado verde e as arquibancadas são o 'campo da ação'. Contido nesse campo teremos os espectadores, fervorosos torcedores, que formam o 'campo de observação ingênua', no sentido de que acreditam fazer parte do jogo e tomam partido por qualquer ação contra ou a favor do seu time.

Por fim há a posição dos narradores. A narração nas palavras dos mencionados autores "requer uma análise fria da situação que não tenha envolvimento com nenhum dos times compondo, assim, o campo de observação sistemática" (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2003, p.18), no qual os *experts* em arbitragem, ex-jogadores consagrados analisam a veracidade da situação. Portanto, os narradores seriam os pesquisadores e quanto maior for o grau de imparcialidade, mais, facilmente, a pesquisa se caracteriza como ideal ou como uma "situação ideal de pesquisa".

Sobre a investigação qualitativa, Bauer; Gaskell e Allum (2003, p.18) comentam que:

[...] a investigação da ação empírica exige: a observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das auto-observações dos atores e dos expectadores; exige técnicas de entrevista; e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores, pelos expectadores e uma análise sistemática.

Para os modos ou meios de representação da pesquisa têm-se dois tipos de dados: formais ou informais. Os dados formais são textos como artigos, já os dados informais as pessoas podem falar, desenhar ou contar mais abertamente. O interesse foca-se "na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros" (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2003, p. 21).



Esta investigação terá como base o modelo qualitativo e observando os objetivos da proposta da dissertação. A pesquisa qualitativa “evita” números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*<sup>6</sup>, o modelo mais conhecido é certamente a entrevista em profundidade. Este fato justifica a opção por utilizar apenas um colaborador para este estudo.

Bauer; Gaskell e Allum (2003) citam que um avanço na pesquisa qualitativa seria que os debates sobre pesquisas têm conseguido desmistificar a sofisticação estatística como único caminho para se conseguir resultados significativos. Por outro lado, colocam que na pesquisa quantitativa o ‘distanciamento emocional’ é um fator relevante para seu uso, levam a crer que o pesquisador ficará em contato com números.

Para a ordenação do tempo, a pesquisa qualitativa é vista como um empreendimento autônomo de pesquisa, no contexto de um programa com uma série de diferentes projetos. A pesquisa qualitativa é considerada como um ‘pesadelo didático’ visto que os pesquisadores encontram pouca clareza e orientação na literatura para seus procedimentos. Embora isto esteja mudando lentamente, á medida que a massa crítica de pesquisadores desta linha está aumentando, a maioria ainda está preocupada em demarcar o território deste procedimento metodológico autônomo.

Bauer; Gaskell e Allum (2003) apresentam uma crítica construtiva aos métodos quanti/qualitativo. A crítica se refere às estruturas propostas pelos pesquisadores quanti/qualitativos, na qual os pesquisadores de cada área buscam apenas identificar o modelo sem discussões sobre eles e amplia a ideia de que a pesquisa qualitativa necessita desenvolver ‘equivalentes funcionais’ não somente com objetivo de reforçar a autonomia e a credibilidade, mas também fazer referências as diferentes concepções epistemológicas que representam estes modelos.

A abordagem qualitativa relaciona dinamicamente o mundo real e o sujeito, trazendo vínculos entre o mundo objetivo e a subjetividade. Sabendo disso, optou-se por utilizar a metodologia das histórias de vida através de narrativas autobiográficas. Trata-se um processo de construção, no qual pesquisador e

---

<sup>6</sup> Termo inglês que significa suave.

colaborador tecem juntos os fios de uma teia chamada vida num *locus*, particular e específico, como a ‘tessitura da trajetória’<sup>7</sup> docente.

### 3.2 Método Biográfico – História de Vida

Para a construção do método biográfico - história de vida, deste estudo embasei-me, preferencialmente, em duas obras “História e Histórias de Vida – Destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense” e “A aventura (auto)biográfica – Teoria & empiria” ambos organizados pela professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão no ano de 2004.

O método Biográfico – Histórias de Vida proposto por Maria Helena Menna Barreto Abrahão explica que as histórias de vida proporcionam uma construção/reconstrução de itinerários passados. É a reconstrução de uma história contada a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante quando o fica posto nas entrelinhas, nos silêncios, ou interjeições emotivas. A maneira de contar revela uma opção do que se deseja contar ou silenciar.

A pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história autorreferente, portanto, plena de significado, em que o sujeito se desvela para os demais. Produzir pesquisa (auto)biográfica significa utilizar-se do exercício da memória como condição *sine qua non*. A memória é elemento chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais. A pesquisa (auto)biográfica, embora se utilize de várias fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se da rememoração, por excelência. Esta é o componente essencial na característica do(a) narrador (a) na construção/reconstrução de sua subjetividade. Esta também é um componente essencial com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo a refletir em busca da compreensão de seu objeto de estudo, ao tentar articular memória e conhecimento, procurando edificar uma “arqueologia da memória”. (Abrahão, 2004a, p. 202-203)

Ao edificar a arqueologia da memória percebe-se que o resgate das histórias de vida não se resume a mero relato ou recolhimento de objetos, mas na participação efetiva da elaboração de uma memória que emerge a pedido do

---

<sup>7</sup> Terminologia utilizada por Isaia no artigo “Na tessitura da trajetória pessoal e profissional: a constituição do professor no ensino superior”, do livro Pedagogia Universitária tecendo redes sobre a formação, publicado em 2009.

investigador. Por este motivo a história de vida não é escuta e transmissão, mas o exercício de construção/reconstrução da qual participam o pesquisador e o colaborador.

Abrahaão (2004b) caracteriza o processo de pesquisa que consiste em “fazer surgir” histórias de vida em planos históricos ricos de significado, em que aflorem, inclusive, aspectos subjetivos. O rompimento com questões cristalizadas de investigação que valorizam mais o dado pronto e acabado em detrimento do enlace a captura de sentidos e significados da vida.

A história de vida diz respeito ao estudo de caso referente a uma pessoa, compreende não apenas o relato de vida, mas qualquer tipo de informação ou documentação adicional que permita uma reconstrução da forma mais exaustiva possível.

Abrahaão (2004b) delinea para o processo de interpretação das informações uma concepção em que as “categorias dos sujeitos são entendidas como espaços de enunciação, em que os elementos pertinentes vão se desenhando mediados pela relação dos relatos com seus contextos”.

Sobre a compreensão do contexto, ou seja, que é tecido com, Abrahaão (2004b p. 21) nos diz que há três planos diferenciados:

O contexto vivido no passado, que comporta a totalidade de referenciais biográficos e sociais dos sujeitos entrevistados; o contexto do presente dos sujeitos, que supõe as redes de relações sociais do presente dos sujeitos, desde as que se elaboram mediante a concreta situação de entrevista estabelecendo seu sentido para o presente; o contexto da entrevista, que supõe as formas de acordo e cooperação para a efetivação da própria entrevista, com a relação de escuta e transmissão em reciprocidade como condição para a reflexão.

Conforme Abrahão (2004a), a história oral de vida valoriza o indivíduo, o ato narrador, sua experiência como resultado de vida. Essa experiência é o ponto crucial da narrativa, com suas contradições; o aspecto individual e subjetivo é o mais importante; interessa, portanto, a experiência vivencial de cada pessoa. Neste caso a interferência do entrevistador durante os depoimentos é mínima.

Está metodologia de trabalhos apresenta, como em todas as outras, prós e contras, ainda no prefácio do livro de Abrahão, 2004b Nóvoa discorre sobre os riscos da autobiografia, para ele:

[...] o texto é construído pelas “vivências” e pelas “vozes” dos actores. A perspectiva experiencial situa os indivíduos no centro da história sociocultural, concedendo uma atenção privilegiada às suas memórias e recordações. Mas para compreender a construção cultural complexa da vida e da experiência é preciso que nos dotemos de novos instrumentos teóricos e metodológicos. Caso contrário caímos na armadilha de “naturalizar” as vozes dos professores ou de “sacralizar” as histórias de vida.

O autor tem grandes contribuições na área e adverte para um fato possível de se ocorrer, banalizar ou sacralizar a história de vida.

Com relação a essa inovadora metodologia de investigação Nóvoa (1992, p. 19) comenta que os principais motivos da crítica estão centralizadas:

[...] na fragilidade metodológica, na ausência de validade científica, no esvaziamento das lógicas sociais, na excessiva alusão a aspectos individuais e na inabilidade de entender as dinâmicas grupais de mudança social. Apesar de todas as críticas é inegável que as histórias de vida têm originado práticas e reflexões muito estimulantes, condimentadas pelo encontro de várias disciplinas e pelo recurso a uma variedade de ajustamentos conceituais e metodológicos.

A fragilidade metodológica é também um assunto discutido por Moita (1992), para este, das histórias de vida não podem ser elaboradas conclusões generalizáveis, cada trajetória de vida é única e pessoal. Também aborda que para o sucesso da pesquisa deve haver um “contrato de confiança” entre pesquisador e colaborador, no qual cada um deve ter comprometimento com seu papel. O pesquisador precisa estimular o colaborador a contar a história, já o colaborador, por sua vez, necessita, realmente, querer contar sua história, para evocar a melhor maneira suas memórias.

Goodson (1992, p. 70) coloca como dificuldade do método a classificação, uma vez que os próprios pesquisadores rotulam como pessoais, idiossincráticos ou flexíveis, constitui, portanto, um “exemplo de utilização seletiva da voz do professor”.

Consciente dos riscos e das dificuldades do trabalho que me proponho humildemente a realizar, observei no decorrer da leitura, que Nóvoa (1992) elenca quatro características comuns a estes destacados educadores rio-grandenses. Utilizo-me destas características que também podem ser observadas na trajetória do professor colaborador desta dissertação.

Em primeiro lugar, atenção constante à ligação entre teoria e prática, mistura curiosa de desconfiança e crença em relação à escola, a convicção de que é possível e – de que deve ser possível – educar todas as crianças, sem nunca esquecer que só há ensino quando alguém aprender, e por último a afirmação da pedagogia como exercício cívico.

Neste estudo Abrahão (2004b) coloca como objetivos: verificar as características da formação desses educadores; influências que tiveram/têm, tanto durante a vida acadêmica, quanto na vida profissional; qual seu entendimento a respeito da sociedade, de homem, de educação; que relações e como as estabeleciam/estabelecem com esse entendimento, sua prática profissional; que veios teóricos informam seu saber e seu fazer; qual a práxis desses educadores; como se educaram/educam em seu ambiente de trabalho; porque são reconhecidos como destacados educadores rio-grandenses.

A autora supracitada, comenta, ainda que se utiliza à luz das histórias de vida, clarificar, para melhor compreender, a própria história da educação no estado em determinados período (ABRAHÃO, 2004b).

No processo de construção da história de vida do colaborador dessa dissertação, acontecerá, acredito, de maneira semelhante, pelo que conheço da sua biografia e obras. Utilizarei as histórias de vida para atravessar a história da Educação/Educação Física. E quando me proponho a atravessar não será velozmente como os atletas, em dez segundos atravessam uma pista de cem metros. Será a braçadas lentas nesse rio da vida, que, às vezes, se pinta uma piscina azul e límpida, às vezes aparece como um rio caudaloso, às vezes é mar esbravejante e truculento. Entretanto, muitas vezes temos que atravessar com braçadas rápidas, outras podemos nadar de costas e apreciar a paisagem, mas é sempre gostoso atravessar a vida. Vivê-la, conhecê-la, mergulhar nela e sentir todas as experiências que ela pode nos proporcionar, tudo que podemos sentir.

Convicta de que não se pode separar o eu pessoal do eu profissional e que “só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (MOITA, 1992, p. 116).

Os materiais utilizados para a construção da história de vida serão: como fonte principal, os próprios registros do professor colaborador, ou seja, a narrativa oral propriamente dita, gravada e transcrita. Como material de apoio utilizarei

documentos pessoais, fotografias, matérias de jornais e correspondências. Sobre as categorias que serviram de matriz analítica traçamos um olhar sobre a vida em família, trajetória formativa e construção da abordagem.

### **3.3 Participante**

Para a construção deste item fico me perguntando: o que me levou a escolher este colaborador? É claro que minha história de vida foi um fator determinante no processo. Contudo, misteriosamente acredito que tenha algo além, e nesse emaranhado de dúvidas, mesmo antes de fazer as entrevistas, de poder me aproximar da pessoa do professor, ouvindo suas histórias.

Eis que recebo via e-mail um convite do grupo Quitanda coordenado pelo professor Valdo Barcellos intitulado “De Augusto Pestana a Hannover” palestrante professor Eleonor Kunz. Senti-me provocada ao ver o convite e pensei que já havia ouvido o professor falar sobre muitas temáticas da Educação Física, esportivização precoce, abordagem Crítico Emancipatória, mas não tinha ouvido falar sobre sua trajetória.

Para a elaboração do perfil do professor colaborador do estudo tive, inicialmente, dificuldades, porque nos livros a que tive acesso do professor Kunz, não há notas sobre o autor, quase nada se sabe sobre ele. E por quê? No aspecto profissional pesquisei no currículo lattes, nos diz sua formação, as instituições pelas quais passou, os livros que produziu e os artigos que publicou. Todavia, no aspecto pessoal tantas lacunas a preencher pela minha curiosidade saltitante que brilhou muito em meus olhos ao ouvi-lo neste dia tão especial para o início de um novo ânimo em meu trabalho.

Ao adentrar a sala em meio a um grupo de pessoas desconhecidas, visualizo emocionada dois professores queridos na Educação Física, que contribuíram efetivamente para que a Educação Física tivesse conteúdo, pedagogia, leitura e reflexão e deixasse de ser percebida como meramente prática. O professor Silvino Santini e professor Kunz com seu sempre boné. O professor Valdo Barcelos fez a apresentação do ator que será o colaborador central do estudo possui doutorado em Instituto de Ciências do Esporte pela Gottfried Wilhelm

Leibniz Universität Hannover(1987) e pós-doutorado pela Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover(1996) Alemanha.

O professor Kunz contou um pouco de sua trajetória de Augusto Pestana a Hannover. Uma bonita história cheia de mistérios, misticismo, alegrias, angústias e o principal não somente uma contribuição rica para estudiosos da área de Educação Física, mas também para a construção de uma escola mais igualitária e de uma sociedade mais consciente e justa.

O ator que será membro desta investigação se caracteriza por ser professor do curso de Pós-Graduação em Educação Física, curso de Mestrado em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O instrumento utilizado para coleta das informações será uma entrevista autobiográfica, gravada e transcrita.

É inegável que para contar a história de vida de uma pessoa, esta terá de ser necessariamente importante na nossa trajetória pessoal ou profissional. Neste caso o sujeito da investigação que já foi convidado e aceitou este desafio de narrar sua vida, é um professor renomado na área da Educação Física. De acordo com os paradigmas científicos, manteria seu nome em segredo, usaríamos um álter ego como na literatura Machadiana. Contudo, só existe um professor que criou a teoria Crítico Emancipatória em Educação Física, todo esforço com o objetivo de mantê-lo em sigilo científico seria em vão.

### **3.4 Procedimentos para a coleta de informações – Entrevista Narrativa**

Narrativa é uma forma de expressar nosso mundo subjetivo. Narrar, contar, lembrar, fantasiar, enfeitar. Todos esses verbos descrevem o universo da narrativa. Quem nunca contou uma história? Quem já inventou uma história? Já contou uma peripécia que aprontou na infância? Quem se fez galante príncipe na adolescência? Quem nunca enfeitou as suas histórias, ocultando alguns pontos lembrados? Quem fez questão de esquecer daquele fato ocorrido, mas que não se quer mais lembrar? Quem se deleita ao lembrar da sua vida, as cores, os cheiros, os sabores, as vistas maravilhosas, os lindos passeios, os livros inesquecíveis, as lindas canções que embalaram sua vida. Quem deixa de contar suas histórias

realmente esquece ou fica no esquecimento. Dizem que os melhores contadores de estórias são aqueles que leem um pouco e inventam a continuidade do desfecho. Assim, podemos entender que são as pessoas que constroem sua própria história e podem muito bem construir uma narrativa dessa história.

Conforme FLICK, 2009 entre os elementos da entrevista narrativa destaca-se, inicialmente, a questão gerativa da narrativa que tem como objetivo estimular o entrevistado a narrar à temática concernente a investigação. Abaixo segue um exemplo de uma questão geradora de narrativa, bem ampla que pode contribuir para o início de uma bela narrativa:

Quero que você me conte a história de sua vida. A melhor maneira de fazer isso seria você começar pelo seu nascimento, pela criança pequena que um dia foi, e, então passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após outra, até o dia de hoje. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa (HERMANN, 1995, p.182).

Ao decorrer da entrevista realizam-se questões mais aprofundadas da narrativa, na qual se complementam fragmentos que ficaram obscuros. O último estágio é a fase de equilíbrio, no qual se busca uma melhor compreensão do assunto procurando chegar à concordância com o narrador. É importante salientar que não se deve interromper o narrador para fazer questionamentos, porque isso pode gerar uma interrupção na sequência narrada por ele. Por outro lado Flick (2009) reitera que, como entrevistador deve-se ouvir o narrador e estimular que este tenha vontade de contar sua história do início ao fim.

Jovchelovitch e Bauer (2002, p.91) falam que através das narrativas:

[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia dos acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana.

As narrativas estão presentes em todos os lugares, narrar, contar parece inato ao ser humano. A referida autora expressa a ideia de que a narração permite ao sujeito aliviar, desabafar suas emoções através da comunicação e que não é necessário uma educação ou um grau elevado de competência linguística para tal.



Os acontecimentos podem ser transmitidos aos ouvintes ou leitores em termos gerais ou indexados.

A indexação remonta os fatos concretos, em um referido lugar e num dado tempo. Normalmente as narrações são ricas de colocação 'indexicadas' porque se referem à experiência pessoal e ao detalhamento focalizando nos acontecimentos da história. Essa reconstrução memorialística deve ser feita da maneira mais adequada para o entendimento dos ouvintes ou leitores ela deve mostrar o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do narrador.

Esta cadência de acontecimentos, um após outro, vai constituindo um enredo para estruturar a narrativa que nas palavras de Jovchelovitch e Bauer (2002, p.92), "dá coerência e sentido, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos moralidades e relações que geralmente constituem a história". É crucial que os capítulos individuais ganhem o contexto geral, não transformando a narrativa apenas como uma listagem de acontecimentos, todavia que estes sejam interligados no tempo, espaço com os significados dos acontecimentos para os atores envolvidos.

A entrevista narrativa é eliciada através de um esquema autogerador, quer dizer, força-se a saída de algum relato a base de provocações específicas. Na infância quando digo, por exemplo, 'era uma vez' tem-se a certeza de que fluirá uma historinha com início, meio e fim.

Jovchelovitch e Bauer (2002) comentam as três principais características deste esquema autogerador: Em primeiro lugar a 'textura detalhada' refere-se a necessidade de dar informações detalhas a fim de dar conta do tempo, espaço, motivos, pontos de orientação, estratégias e habilidades. A segunda característica é a 'fixação da relevância' que diz respeito à seleção dos acontecimentos que serão narrados ou grau de importância dos temas abordados. E por fim, o 'fechamento da *Gestalt*'<sup>8</sup> que seria uma conclusão da história, um fechamento que poderá ser a narração do tempo presente.

Para a coleta de informações nesta dissertação a entrevista com o sistema de pergunta-resposta não será utilizado, pois selecionar a temática, e os questionamentos e verbaliza-los induz o pesquisador a responder o que o

---

<sup>8</sup> Termo de origem alemã que significa expor o que é colocado diante dos olhos, exposto ao olhar.

pesquisador deseja ouvir. Jovchelovitch e Bauer (2002, p.95) propõem o esquema de narração para além do esquema pergunta-reposta como objetivo de “se conseguir uma versão menos imposta e mais “válida” da perspectiva do informante, a influência do pesquisador deve ser mínima”.

Os autores supracitados delineiam uma técnica para “eliciar informações” baseada em quatro fases: iniciação, narração, fase de questionamento e fala conclusiva. Na fase de iniciação diferenciam questão exmanente de imanente. As questões exmanentes aquelas que se referem aos interesses do pesquisador. Por outros enfoques, as questões imanentes são aquelas referentes aos temas, tópicos e relatos trazidos pelo informante. Na análise da entrevista a principal tarefa do pesquisador é traduzir questões exmanentes em questões imanentes, dito de outra forma, tomar como base para suas elaborações a própria narrativa do colaborador.

Embasado em Jovchelovitch e Bauer (2002) proponho que a coleta de informações seja realizada mediante a narração das histórias de vida do professor que serão gravadas e posteriormente transcritas. A estrutura da pesquisa não seguirá uma entrevista, propriamente dita no esquema pergunta-resposta, foi preparada através de tópicos com o objetivo de propiciar uma abertura maior as vivências do colaborador. Para que isso ocorra, de maneira organizada foi constituída uma matriz analítica geral, conforme o quadro 1, a seguir:

Conversas/Prosas	Você poderia me contar a História de sua Vida?		
	Objetivos Específicos	Tópicos Questões Exmanentes	Questões Imanentes
	1)	Vida em Família na Infância	
	2)	Vivências escolares	
	3)	Escolha Profissional	
	4)	Formação inicial	
	5)	Exercício Profissional	
	6)	Formação Continuada	
7)	Concepção de Educação Física		

Quadro 1 – Tópicos para a entrevista

Fonte: Elaborado pelo autor (2013).

As narrativas transcritas deverão ser encaminhadas ao colaborador para leitura com a intenção de conferir, fazer esclarecimentos e alterações sobre o texto que pondere pertinentes. Esse procedimento concerne tranquilidade ao colaborador, por que há uma diferença entre contar, narrar e ler depois, afinal um trabalho com fins acadêmicos, as informações devem estar de acordo, autorizadas para a efetivação de posteriores publicações. que levaria a construção de um questionário mais aprofundado sobre os aspectos que ficaram obscuros na narração.

Na primeira entrevista após ser transcrita e analisada surgiram dúvidas. Contudo, por vontade do colaborador não foi necessário a elaboração de questões iminentes, por que o próprio professor se dispôs e reescrever alguns pontos que considera importante de sua história de vida e trajetória formativa.

Como neste estudo me dedicarei, apenas, a uma história de vida, gostaria de fazê-la com maior riqueza de detalhes. Para tanto, além das análise das narrativas do professor, pretendia utilizar outros três colaboradores como um familiar ou amigo do professor; um professor também do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM que foi, o maior discordantes de suas falas e práticas; outro atualmente professor de Educação Física que foi seu aluno desde os primeiros anos do ensino fundamental até o doutoramento em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Com isso pretendo dar maior visibilidade a história de vida do professor, recolhendo depoimentos escritos sobre sua vida, fotos, cartas, alguns documentos para dar maior consistência à pesquisa. Consciente do tempo, deixei esta parte para outro momento poder complementar meu estudo, mantenho a ideia como uma maneira de expressar que não desisti de fazê-la.

### **3.5 Análise de informações**

O primeiro passo para análise das informações de uma entrevista narrativa é a transcrição. Este processo é lento e recomenda-se que o próprio pesquisador faça pelo menos parte desse trabalho sem delegar à outras pessoas com o objetivo de apreensão da realidade do colaborador e preservar os dados.

Jovchelovitch e Bauer (2002, p.106) colocam que as características paralinguísticas, tais como “o tom de voz ou as pausas devem ser transcritas a fim de que se possa estudar a versão das histórias não apenas quanto ao seu conteúdo, mas também quanto a sua forma retórica”.

Abrahão (2004b) contribui neste sentido afirmando que para se interpretar um depoimento precisa conhecer mais do que o significado das palavras, “precisa ler nas entrelinhas, nos silêncios dos depoentes”. Além disso, necessita “saber sobre questões de estrutura e de estratificação social, deve conhecer formas de transmissão cultural, mecanismos de memória, precisa ter esclarecido conceitos de espaço e tempo”.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) a análise pode ser análise temática e/ou estruturalista. Optei pela estruturalista, obedecendo assim os tópicos contidos no quadro 1.

## 4 HISTÓRIA DE VIDA, VIDA EM FAMÍLIA E VIVÊNCIAS ESCOLARES

Caboclo...

Não existe caminho certo para caminhar  
Caboclo caminha por cima da folha,  
Por baixo da folha, em qualquer lugar.

Com o intuito de cumprir o que foi trazido pela literatura das histórias de vida procurei dar vez e voz ao professor colaborador. A metodologia proposta por Bauer, Gaskell e Allum (2002) com a entrevista para o além do esquema pergunta e resposta surtiu um resultado muito positivo. O entrevistado sentiu-se a vontade para fazer seus relatos, narrar o que lhe viesse a memória considerando todas as suas lembranças como importantes e significativas para a construção da história de vida e composição da trajetória formativa.

Na primeira entrevista pontuei alguns aspectos para o professor que serviriam de base para cumprir os objetivos propostos à dissertação: Vida em Família na Infância, vivências escolares, escolha profissional, formação inicial, exercício profissional, formação continuada e concepção de Educação Física. Os aspectos foram o suficiente para que o professor Kunz discorresse sobre sua vida durante mais ou menos uma hora. Após exatas dezessete páginas de transcrição, devolvemos para que fizesse correções ou alterasse algo para compreensão posterior.

Numa tarde beirando quarenta graus em janeiro de nossa querida “Maria da Graça” recebo um convite do professor a me dirigir ao CEFD para conversar sobre a entrevista. Disse-me ele: “Não gostei. Eu falo demais! Conteí muitas histórias desnecessárias, mas eu vou reescrever o que falta e é interessante. Você pode colocar a história de vida na íntegra?”

O trabalho que estava desenvolvendo era reescrever a história de vida delineando a trajetória formativa do professor, mas diante de um pedido especial de um professor que dedica horas de afastamento do lar, da cidade que reside para colaborar com a iniciante pesquisadora. Repensei, revi e mudei o formato para publicar suas memórias na íntegra cedendo a vez e a voz ao professor.

Escuta-lo foi muito bom, aprender com quem tem brilho no olhar pela educação, que gosta de observar o brincar das crianças, ouvir histórias de Egito antigo e conversar sobre misticismo.

Portanto, apresento a entrevista na íntegra apenas dividindo em etapas da vida e trajetória formativa. No final de cada bloco faço minhas colocações sobre a etapa, apresento também algumas histórias contadas “off-line”.

#### 4.1 Infância e vida em Família

*Nasci no dia 20 de agosto de 1951, por volta de três horas da manhã, numa zona rural, colônia, meus pais descendentes de alemães que eram colonos no interior de um pequeno município atualmente conhecido como Augusto Pestana. No meu período de **infância** esse município pertencia a Ijuí, como distrito municipal conhecido como Vila Dr. Pestana. Vivi ali minha infância até os doze para treze anos de idade e se pudesse defini-la em uma palavra, essa palavra certamente seria, liberdade. Tive uma infância muito livre, tinha toda e plena liberdade, meus pais não eram muito controladores da minha vida, tanto que às vezes ficava fora de casa por dias, ficava na casa de parentes, vizinhos, e ninguém ia em minha busca pois sabiam onde estava e não se preocupavam com isso, e foi dessa forma, com essa liberdade toda, que eu fiz também a escola, o ensino primário daquela época. Apesar desta vida de muita liberdade e sem grandes esforços para as tarefas escolares, não tive grandes problemas na escola, não lembro de ter feito deveres de casa, ou estudado alguma lição de aula, mesmo assim, tirava boas notas. Para uma sequência de estudos não tinha a menor ideia, nem sequer imaginava que fosse possível continuar estudando depois de concluída a quinta série do primário. Me interessava isso sim, na maior liberdade que teria depois desta fase de estudos. (E. k)*

As vivências na infância foram ricas e de plena liberdade no ambiente rural descrito como colônia, áreas verdes com frondosas árvores para se esconder e contato com animais compunham o cenário da época. A vida em família e descrita como livre, os pais não eram controladores de sua vida, porém o professor lembra de um fato estranho: embora conhecesse a mata e seus entornos um dia se perdeu

brincando com seu bodoque e observando os passarinhos. O sumiço até o anoitecer, sem aparecer na casa dos familiares gerou uma busca. Todos estavam a sua procura. Mas o menino foi resgatado por alguns trabalhadores rurais que o viram perdido. Quando retornou a casa, os pais ficaram felizes, mas não teve aquele abraço carinhoso com palavras de afeto. O carinho em família parece um sentimento velado. Compreende-se que os pais não queriam demonstrar o sentimentos pelo filho, mas mesmo assim o olhar fraterno que lhe dirigiram foi o suficiente para que se sentisse muito amado no seio familiar.

Depreende-se também da fala do professor que os sentimentos na época da colônia eram diferentes, não havia essa necessidade constante de cuidado, amor e esse sentimento parece-me moderno de proferir nossos sentimentos aos quatro cantos pelos filhos, pelo marido ou compartilhar através das redes sociais. Antigamente, as crianças nasciam e se criavam. Não estou dizendo que falar eu te amo é errado, tento, apenas estabelecer uma linha que divide culturas diferentes, nas quais o eu te amo pode não ser repetido várias vezes no mesmo dia. Contudo, no momento que mais se precisa ele é sentido podendo não ser pronunciado.

O ingresso no ambiente escolar de zona rural também foi de plena liberdade, não teve grandes problemas na escola, não se lembra de ter feito deveres de casa ou de ter se debruçado sobre os livros para obter algum resultado. Nessa escolinha rural, não passou sempre de ano e não tinha a menor ideia de que pudesse dar continuidade aos estudos.

Eis que surgiu uma oportunidade de um primo de Kunz fazer na época se chamava exame de admissão para o ginásio, e precisava de alguém para acompanhá-lo. Como um mero acompanhante do primo que iria fazer essa prova, sem conhecimentos ainda, sem nunca ter ido uma grande cidade. Partiram rumo a Ijuí, que não era uma grande cidade, mas aos olhos rurais, tornou-se para ele uma grande cidade. Ambos fizeram a sabatina e retornam sem êxito para a colônia.

Passaram-se as férias e em fevereiro de 1963 receberam (o primo e Kunz) convite de uma segunda chance, uma nova prova para esse colégio, era uma instituição particular com internato. Os alunos do interior que passavam tinham que ficar interno porque não tinha oferta de ônibus para transportar os alunos todos os dias este longo trajeto para estudar.

## 4.2 O internato

*Mas eis que surgiu uma oportunidade de um primo, que estudava numa outra escola do interior, querer continuar seus estudos em Ijuí, num grande e conhecido Colégio. Precisava para isso fazer o que na época se chamava de exame de admissão para o ginásio. O tal ginásio era naqueles tempos considerado um estudo muito elevado, a pessoa que tinha feito o ginásio tinha o status de mais ou menos o que hoje são as que tem o curso de pós-graduação como o mestrado. Então, esse meu primo queria se aventurar e fazer a tal da prova para a admissão ao ginásio, que era praticamente um vestibular. Meu primo não queria ir sozinho, ou seja, seus pais não o deixavam ir sozinho para esta prova que durava dois dias, então, precisava de alguém para acompanhá-lo e é um mistério para mim até hoje porque eu fui o escolhido. Fui, assim, um mero acompanhante de um primo que iria fazer uma prova num colégio enorme e rico. Eu mesmo não tinha ideia do porque daquela prova. E, alguém deve ter nos inscrito para ela, pois para mais uma surpresa minha eu passei de mero acompanhante para mais um candidato para uma vaga no Ginásio, do famoso Colégio Evangélico Augusto Pestana de Ijuí, o CEAP. Não só o colégio era grande como a própria cidade de Ijuí, que não conhecia, até então, achava enorme. Assim sendo, fizemos a prova. Meu primo não passou nesta prova, para meu espanto, pois tinha se preparado muito para isso e... eu, evidentemente, também não passei, nem me preocupei em passar ou não passar, não era o meu problema, o meu problema era o acompanhamento, e daí mais uma vez eu pensei: "Pronto tô livre dessa"! Não sei como é que eu fui aceitar acompanhar um primo a fazer uma coisa dessas, querer continuar estudando. Esta prova deve ter acontecido em dezembro de 1964, pois fevereiro de 1965, perto do reinício das aulas, das quais eu me via livre para sempre, surgiu uma nova oportunidade para o meu primo realizar aquela prova, ele recebeu um convite de uma segunda chance, uma nova prova. Este colégio era muito conhecido em toda região que além de ser considerado o melhor colégio da região e um dos melhores do estado funcionava também no regime de **internato**, masculino e feminino. A média de alunos internos passava dos cem. Então, não somente alunos de cidades vizinhas ou mesmo de Santa Catarina e Paraná, como havia no meu tempo, mas especialmente alunos do interior do Rio Grande do Sul da colônia ou do*



*campo constituía o grupo de alunos internos. Logo, quem passava na prova do ginásio e residia fora de Ijuí, passava a residir no internato, muitas vezes até concluir também o colegial, como se chamava na época o ensino médio. Assim, meu primo recebe uma segunda chance e com isso o convite para eu acompanhá-lo mais uma vez. Em princípio foi uma surpresa ainda maior que da primeira vez, pois tinha “certeza” de que naquele colégio não voltaria nunca mais. Mas não consegui forças para negar o acompanhamento, e eu não sabia por que, se pela cidade, pelo hotel onde a gente parava ou se foi só para ver meu primo fracassar mais uma vez. Com o tempo fui reconhecendo que essa incapacidade de resistir a uma força maior que me arrastava para alguma coisa me acompanhou ainda muitas vezes em minha vida. Assim, fizemos a prova exatamente como da outra vez e aí a grande, a maior e quase inacreditável surpresa, o meu primo passou, mas não apenas isso, Eu também passei. Soube muitos anos depois de um professor que corrigia as provas que passei, ou me passaram, porque pensavam, na época que se eu não fosse acompanhar mais uma vez meu primo, agora no internato, ele não viria. Assim, fui parar no internato desse colégio, o CEAP. Ou seja, da quase liberdade total para um quase presídio. As dificuldades iniciais foram grandes porque ninguém na minha casa estava preparado para uma mudança destas. Meus pais tiveram que arrumar as pressas minha mala para residir em outro lugar e isso era extremamente difícil porque não tinha nada em casa para colocar dentro da mala. Então, tínhamos que ir as compras e o dinheiro era pouco para muita coisa que o internato exigia. Fui levando a metade só e muitos que me conheciam achavam que era correto que meus pais não investissem tanto em mim com roupas e outras coisas, já que tinham a certeza que minha permanência naquele local não passaria de um mês. Outro arrependimento que deu em meus pais foi quando veio a primeira conta do colégio, para o pagamento dos estudos e do internato. Era altíssimo para o que meus pais ganhavam com a venda de alguns produtos da colônia, como porcos especialmente. Logo veio a ideia do retorno para eles e para mim também, embora já tivesse tomado gosto de algumas coisas no colégio, como o esporte. Mas eis que um belo dia, mais uma vez em minha vida algo surpreendente, maravilhoso e diria até misterioso aconteceu. Essa vez com muito mais força e poder porque esse fato mudou completamente minha vida e me impulsionou para o que sou até hoje. Como já comentei, aquele colégio era um dos melhores do estado e, portanto, exigente com relação a estudos e a comportamentos. As provas para cada disciplina eram extremamente severas e*

*difíceis. Houve a primeira prova, era uma prova de Geografia, com um professor muito severo como eram quase todos, na minha visão daquela época, muito durões. A prova transcorreu normalmente com todo mundo se concentrando muito nela e entregando para o professor apenas nos minutos finais marcados para a entrega. O extraordinário aconteceu na semana seguinte quando da devolução da prova corrigida pelo professor. O resultado das provas foi um fracasso para todo mundo e o professor estava muito furioso com todos e dos internos ele cobrava o cartão de interno, o passaporte para poder sair dos muros do colégio em algumas oportunidades. Até que ele pegou a minha prova e se demorou um pouco olhando para aquilo que, creio eu, nem ele acreditava. Me chamou pelo nome completo, os outros ele apenas mencionava o primeiro nome, eu tremendo dos pés a cabeça já imaginando o meu retorno para a roça, fui levantando da cadeira devagarzinho e então o professor me olhou e disse algo que até hoje não entendo: - Meus parabéns, você é o único que se salva desta turma, você tirou dez, nota máxima. Esse fato continua sendo o maior mistério em minha vida, pois esse simples acontecimento mudou completamente minha vida dali para frente, o próprio comentário dos colegas, era de que agora em diante, quem tira nota dez numa prova, não pode "ir mal" em outras. Ou seja, dito de outra forma me passaram para a categoria dos inteligentes, dos estudiosos do colégio e sendo assim, me esforcei de verdade para corresponder, embora nunca fosse de estudar muito, mesmo naquela época. Tive uma boa capacidade de concentração e memória o que fazia com que mesmo não estudando muito tirava boas notas em todas as disciplinas menos uma nos primeiros dois anos de colégio que era justamente o Português, devido ao fato que até os nove anos de idade e na minha casa só se falava alemão. Assim, como "resumo da ópera" até o último ano daquele colégio sempre estive entre os primeiros três melhores alunos em termos de notas escolares. Num colégio que os alunos melhores colocados do ensino médio da época passavam em qualquer vestibular na primeira tentativa geralmente, isso era muito importante para qualquer perspectiva de futuro.(E.K.)*

Aos doze anos de idade foi parar no internato, colégio ginásial, coisa que nem sabia o que era. O aconselhamento para o ingresso no internato era de levar "enxoval" roupas de cama, toalhas, roupas e uniformes.

O professor conta sorridente que colono usa uma muda de roupa e só, uma ou duas mudas de roupas e que não tinha nem a metade do que foi recomendado. Na época recebeu uma longa lista, seus pais ficaram apavorados, ficaram também arrependidos de terem lhe mandado junto com um primo para fazer essa tal de prova, e ter passado com ele, coisa que ninguém esperava.

Aflito em ter que estudar ficar interno e, além disso, não ter condições de comprar o que era necessário para o ingresso na escola. Já interno pensou muitas vezes em voltar para a casa porque a vida no internato era muito dura, os professores eram severos, sem liberdade nenhuma, o interno tinha cartão de saída para meio dia dar uma volta na cidade, tudo acontecia no colégio e somando a isso o fato de ter que estudar que não estava habituado. O professor não se adaptou, essa mudança foi radical e muito violenta para ele.

Misteriosamente aquela força que lhe impulsionava pra acompanhar o primo se revelou no momento em que estava pronto para fugir. Foi quando eles fizeram a primeira sabatina de Geografia. O professor, muito severo e durão como todos os outros, realizou a prova numa semana e na outra entregou os resultados, como castigo quem tirava notas baixas deveria entregar o cartão que possibilitava a saída para a cidade. O professor tira a nota máxima e ganha elogios como nunca recebeu.

Então, desiste da fuga do internato para se dedicar com mais afinco aos estudos e também influenciado pelos comentários dos colegas de que se tirou dez não pode mais diminuir de nota e tem que ir bem em todas as disciplinas. Mesmo assim, não era de estudar muito, mas se concentrava tanto que aquilo que estudava aprendia rápido. A única disciplina que tinha dificuldades era Português porque até os 9 anos em casa falava apenas a língua alemã.

O professor termina o colegial científico no internato, entre os três primeiros colocados, naquela época os alunos que saíam do terceiro ano do CEAP, certamente eram aprovados direto no vestibular e passavam nos cursos mais conceituados como medicina e engenharia.



Recebendo o diploma do Colegial Científico no Colégio Evangélico Augusto Pestana de Ijuí.

## 5 TRAJETÓRIA FORMATIVA

### 5.1 A escolha profissional

*Foi neste colégio que, sem aquela liberdade da infância e, mesmo dedicando bastante tempo aos estudos, interessei-me - provavelmente pelo sentimento de liberdade que me faltava - pelo **esporte**, e o esporte que escolhi para praticar e treinar foi o Atletismo. No Atletismo em especial nas provas de velocidade e arremessos me destaquei. Competi por longos 16 anos nestas provas e vencendo muitas competições no estado e fora dele. E foi justamente por causa de minha vida atlética que me interessei no final do meu curso colegial, a fazer a faculdade de **Educação Física**, embora não imaginasse que a Educação Física fosse ser no futuro a minha profissão, nunca imaginei porque eu queria a Educação Física enquanto era atleta, depois queria fazer outro curso, inclusive meus professores do colégio não gostaram nada quando lhes comuniquei que o meu vestibular era para Educação Física, eles queriam que eu fizesse profissões mais nobres, medicina ou qualquer outra coisa, mas não Educação Física, foi uma decepção para os mesmos. Assim, fiz o vestibular para Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre uma vez que eu já andava treinando no Internacional até o clube fechar o departamento de Atletismo e aí iria ser transferido para a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA). Este clube, um dos maiores e melhores clubes esportivos do país, para o esporte amador como era na época, iria me acolher até para morar nas suas dependências. Assim, fiquei muito tranquilo pensando que minha vida estava quase resolvida, fazendo algo que gostava muito, o esporte – a SOGIPA certamente iria me proporcionar competições muito mais importantes nacional e internacionalmente – e estudando algo que certamente iria garantir o meu futuro profissional. Mas, mais uma vez a vida não queria que fizesse o já estava, de certo modo, determinado. Então, no período de férias esperando o início das aulas e dos treinos em Porto Alegre, o diretor da escola onde estudei e fui interno, veio me buscar no interior, na casa de meus pais. Ele chegou e me perguntou logo: “você quer mesmo fazer Educação Física?” E eu disse: “sim, estou pronto para ir a Porto Alegre”. Ele me fez uma oferta de não mais fazer o curso em Porto Alegre e sim em Cruz Alta onde abriu, naquele ano,*

*1972, um curso de Educação Física. Com essa possibilidade de fazer o curso na região de Ijuí eu poderia continuar morando no internato do colégio com o compromisso de atender as turmas de Educação Física, ou seja, a coisa mais mal resolvida na minha vida com relação aos estudos começava a acontecer sem tempo para pensar: Ser Professor de Educação Física. O diretor do colégio que me buscou de volta sabia também das minhas dificuldades financeiras para me manter em Porto Alegre, pois o tempo todo que estudei e fui interno no colégio eu mesmo arcava com as despesas do colégio, estudos e o internato, com meu trabalho – as vezes rachando lenha para a cozinha – e depois pelo esporte que praticava, pois através dele fui contemplado com bolsa de estudos. Mesmo assim continuava trabalhando no colégio, especialmente para pagar as despesas do internato. Assim, além de auxiliar de cozinha, fui bibliotecário, assistente de professores. Com esse acontecimento senti um misto de sentimentos de alegria e frustração. A alegria era muito grande, pois o estranho, e principalmente a cidade grande me assustava muito, portanto o fato de precisar residir em Porto Alegre me era assustador e com isso também o retorno ao colégio que havia morado tanto tempo como aluno, era um grande sentimento de “voltar para casa”. A frustração veio pela perda de oportunidade de me destacar ainda mais no esporte que com certeza aconteceria se fosse morar em Porto Alegre e treinar na SOGIPA.(E.K.)*

Sobre o motivo da escolha profissional o professor conta que se interessou muito pelo esporte, por causa sua liberdade de brincar, de se-movimentar na infância, mas não por um esporte coletivo, foi pelo esporte individual, em especial o Atletismo que carinhosamente abraçou.

Treinou Atletismo tornou-se um velocista e arremessador, foi campeão gaúcho várias vezes em 100, 200 e às vezes 400 metros também e arremesso de peso e dardo. Fazia muitas provas, era muito forte e veloz. Demonstrava através da realização das provas o anseio pela liberdade que desejava conquistar. Por causa disso, optou pelo curso de Educação Física, mas não pensando como futuro profissional, apenas como um curso útil ao tempo que seria atleta.

O professor conta que a escolha da profissão – professor de Educação Física – para os professores do internato foi uma decepção. Como ele era um dos melhores alunos do colégio, eles queriam que investisse em profissões mais nobres como medicina. Os professores sabiam que ele tinha plenas condições de

passar no vestibular nos cursos mais concorridos, através das excelentes notas que tirava na escola.

Fez o vestibular para a Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no ano de 1972, por causa da relação com o esporte, inclusive escolheu a universidade de Porto Alegre porque já tinha sido atleta do Internacional até fechar o departamento de atletismo. Estava tudo organizado para partir a capital gaúcha, sua carreira esportiva certamente iria alçar voos maiores. Pediu transferência para a Sogipa, um dos maiores clubes esportivos de esporte amador da época que o acolheria, iria morar na Sogipa, atenderia lá internamente a escolinha de Atletismo e iria estudar na UFRGS.

A escolha da prática de um esporte individual revela outra característica marcante na personalidade de nosso colaborador – a timidez – é muito mais fácil imprimir velocidade ao um corpo que se movimenta sozinho do que acelerar um time rumo ao gol. É mais prático imprimir força ao objeto que desloca sozinho no ar como o dardo, que depende única e exclusivamente do posicionamento e giro de um corpo, um objeto que tem apenas o ar como obstáculo para chegar ao ponto desejado e não necessita conversar com grupo sobre quem deve passar da zaga, quem deve chutar a gol. A timidez e a dificuldade de se comunicar acompanharam o professor por longos anos.

Internamente, talvez esse pode ser o sentimento que mais influenciou sua escolha por permanecer no internato, no qual sentia-se a em casa, vontade. O próprio colaborador conta que profissionalmente seria melhor mudar para a capital, Porto Alegre, para alavancar sua carreira como treinador. Em contrapartida, a timidez e o medo de mudar para “cidade grande” e sofrer novamente as adaptações fizeram o professor continuar no internato trabalhando ao mesmo tempo em que fazia o curso de formação inicial em Educação Física.



No pódio como campeão no arremesso de peso.



## Conheça os novos campeões

O maior destaque no atletismo foi Cláudio Soares de Novo Hamburgo, que bateu seu próprio recorde dos jogos intermunicipais, na prova de salto em altura com 1,83 metros. No final da prova, quase sem poder respirar, Cláudio conseguiu falar: "Eu estava preparado para esta vitória. Precisava vencer e consegui e agora estou satisfeito".

As provas finais de revezamento não foram disputadas por causa das fortes chuvas.

**Provas:** 400 metros rasos: Eleonor Kunz, Ijuí, 52s8d; Luís Araújo, São Borja, 54s; Fernando Borlotuci, Santa Maria, 54s4d; **Salto em altura:** Cláudio Flores, Novo Hamburgo, 1,83 metros; Carlos Goicosen, Pelotas, 1,75 metros; Jorge Arce Osório, 1,70 metros; **Salto em distância:** Anemaria Jurger, Caxias, 4,55 metros; Maria Flores, Novo Hamburgo, 4,51 metros; Vera Aguiar, Osório, 4,43 metros; **Arremesso do dardo:** Edemar Schweig, Ijuí, 51,33 metros; Vitorino Torin, Uruguaiana, 50,75 metros; Ave-lino Gallette, Santa Maria; **1500 metros:** Elói Scheder, Passo Fundo, 4min15s2d; Antônio Carvalho, Livramento, 4min20s; Valdir Souza, Pelotas, 4min22s5d; **100 metros:** Maria Flores, Novo Hamburgo, 12s9d; Dijanira França, Passo Fundo, 13s1d; Midia Bytrowski, Santa Cruz, 13s3d; **Salto em altura:** Iolanda Schmidt, São Borja, 1,40 metros; Anemaria Burger, Caxias, 1,40 metros; Vilce Belazário, Bento Gonçalves, 1,40 metros; **Salto em distância:** Antônio Iralett, Uruguaiana, 6,33 metros; Luís Zafalon, Pelotas, 6,32 metros; Lauro Damikt, Santa Maria, 6,16 metros; **Arremesso do dardo:** Gisela Gollener, Lageado, 26,61 metros; Maedy Wrasse, Santa Maria, 26,38 metros; Lúcia Coleti, Santa Cruz, 26,36 metros; **100 metros:** Antônio Silveira, Uruguaiana, 11s; João Freitas, Santa Cruz, 11s1d; Milton Baldin, São Borja, 11s2d; **Arremesso do peso:** Elisabet Mafalochi, Passo Fundo, 11,70 metros; Gisela Gollener, Lageado, 10,70 metros; Maria Talini, Santa Maria.

**Classificação geral das provas femininas e masculinas:** Novo Hamburgo, 77 pontos; Santa Maria, 54; Pelotas, 43; Cachoeira, 33; Santa Cruz, 32; Ijuí, 23,5; Caxias, 23; Soá Leopoldo, 19; Canela, 13 e Rio Grande, 13 pontos.

### BASQUETE

O jogador Paulão, de Novo Hamburgo, que na partida pela fase semifinal foi expulso junto com Castelhamo, de Santa Cruz, por discussão em quadra, foi o destaque na partida final de ontem e ajudou muito para a vitória de sua equipe por 43 a 46, contra Santa Maria. O primeiro tempo acabou em 22 a 21 para Santa Maria. O final do jogo, sempre muito equilibrado e com poucas cestas, foi tranquilo até os últimos minutos, quando o nervosismo tomou conta; reclamações constantes, o jogo parava a todo instante. O técnico de Novo Hamburgo, Carlos Leptien, irritou-se com o juiz, criando uma situação complicada para quem assistia. Nos últimos segundos, Rampinini, Novo Hamburgo, o mais alto da quadra e cestinha da partida com 16 pontos, fez a última cesta, garantindo a vitória: Novo Hamburgo venceu com Wilde (3), Luís (3), Macaco, Paulão (5), Queijo (10), Coco, Rampinini (16), Luis, Leo, Marcos, Elmo (4) e Gilberto. Santa Maria também jogou muito bem e perdeu com Motta (12), Paulo, José, Francisco, Cebola (12), Altamir, Chico (4), José, Otto, Felipe, Luís (10) e Marquita (10). A arbitragem foi de Renato Marsiglia e Marnei Motta foi boa.

A classificação geral masculina de basquete foi esta: Novo Hamburgo, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Rio Grande, Cachoeira, Caxias, Livramento e Bagé.

**Feminino:** O torneio de basquete feminino, que mais parecia um treino do que uma partida de final, segundo palavras da treinadora de Rio Grande, terminou em 74 a 19 para a equipe de Rio Grande. No primeiro tempo, Livramento fez 40 a 9 em Rio Grande. Depois, quando Rio Grande parecia tentar uma recuperação, a jogadora Lúcia, uma das melhores levou um soco no nariz e não apresentava mais condições para jogar. Livramento ganhou fácil com Neide, Maria Aparecida, Laís, Sônia (27), Cleides (10), Marisa, Margaret (cestinha da partida com 33

pontos), Elisabete (4) e Inelda. Rio Grande ficou vice-campeã com Tânia, Roseir, Dóris, Susimar, Vera, Carmen, Janete, Lúcia, Célia, Sônia, Mara e Magda. Arbitragem de Fernando Fossati e Luís Alberto Rosa.

**Classificação geral feminino:** Livramento, Rio Grande, Novo Hamburgo, Pelotas, Caxias, Osório, Santa Maria, São Leopoldo, Bento Gonçalves, Taquara, Santa Cruz e Cachoeira.

### VOLIBOL

Com muitas faixas coloridas e uma delas "La decision: Passo Fundo x Uruguai" a delegação de Passo Fundo gozou a equipe de Jaguarão por ter alguns jogadores castelhanos até o fim do jogo, quando tiveram que parar porque perderam o título: 2 a 1 para Jaguarão com parciais de 15x11, 13x15 e 15x10. O jogo não foi fácil. No primeiro set, Jaguarão destacou-se em boas jogadas dos dois "uruguayos" Válder e Luis. No segundo, Passo Fundo buscou, principalmente, com as boas cortadas de César. No set decisivo Passo Fundo vinha à frente com uma diferença de seis pontos, mas os adversários não pararam.

Erraram pouco e procuraram manter-se calmos em cancha, o que não conseguiram. Mas mesmo assim a vitória veio com João Manoel, Paulo, Luís, Isaías, Haroldo, Diomar, Flávio, Godofredo e Válder. Passo Fundo perdeu com Edino, Sérgio, Verner, Ivo, Renato, Juarez, Zélio, Osvaldo, Ricardo, Cesar e Eduardo. Arbitragem de Adão Silva e Carlos Loretto. Na mesa, Rui Barcellos.

A classificação geral do masculino: Jaguarão, Passo Fundo, Ijuí e Pelotas.

**Feminino:** gritando muito, principalmente "vamos lá", "vamos buscar", "tira o saque", Rosane, a melhor jogadora de Novo Hamburgo, conseguiu incentivar bem as companheiras e chegar ao título de campeãs de vólibol, vencendo por 2 a 1 na decisão contra Santa Cruz, com parciais de 15x4, 8x15 e 15x6, ontem à noite, no ginásio da Fenarroz. Depois do primeiro set, parecia que a vitória para Novo Hamburgo estava certa, pois venceu por 2 a 0. Mas Santa Cruz não parou e conseguiu reagir e ganhar muito bem o segundo set. O terceiro foi bastante disputado e as cortadas de Rosane assustaram as adversárias, que não resistiram. Novo Hamburgo ganhou com Rejane, Eunice, Isabel, Vera, Rosane, Marilise, Raquel, Graça, Vânia, Maria Inês, Lillian e Ana. Santa Cruz não foi bem com Maria, Bete, Mariana, Maria Elisabet, Flávia, Dóris, Lenice, Ivone, Adélia, Dulce e Rosária. O juiz foi Nilo Gonçalves auxiliado por Luís Spalding. Classificação: Novo Hamburgo, Santa Cruz, Caxias do Sul e Passo Fundo.

### NATAÇÃO

A natação foi o esporte dos recordes. Todos os quatro nadadores que melhoraram as marcas pertencem à Ginástica de Novo Hamburgo: Dimas Barreto Correa, Jaime Barreto Correa e Rejane Teresinha Weiss que conseguiu dois recordes.

**Provas:** 100 metros; livre: Jaime Barreto Correa, 1min01s8d; 100 metros livre: Vera Maria Treis, .... 1min21s2d; 100 metros peito: Dimas Barreto Correa, 1min17s2d; 100 metros peito: Rejane Treis, 1min31s9d; (recorde); 100 metros costas: Carlos Magno Zorzan,



Elenor Kunz, de Ijuí

Campeão de 400 metros rasos nos JIRGS de 1972 com direito á foto no Jornal da Tarde de Porto Alegre naquela época.



Técnico da Seleção Gaúcha de Atletismo no JEBs, Jogos Estudantis Brasileiros em Porto Alegre, 1976, com atletas de Ijuí.



Técnico e Organizador de Jogos Escolares em Ijuí.

## 5.2 Profissionalização – Formação Inicial

*Voltei para o colégio que deixei como interno para morar nele como professor. Por tudo isso fiz a faculdade de Educação Física em Cruz Alta, viajando todo dia, na verdade à noite, pois fiz o curso noturno, de Ijuí a Cruz Alta, mais ou menos 45 km, com apenas 10 Km de asfalto naquela época. Quando chovia dava trabalho, passamos por muitas aventuras naqueles tempos. No começo dos estudos gostei bastante, especialmente das disciplinas práticas onde me saía muito bem por causa da minha experiência com o esporte, como atleta, mais adiante me decepcionei um pouco pela falta de leitura e estudo que era acostumado a fazer no colégio, com exceção de algumas disciplinas e que despertaram meu interesse. Assim, por exemplo, a fisiologia me interessava muito porque iniciei o curso de Educação Física não para dar aula, mas para assumir o treinamento de Atletismo, fui mais um técnico ou treinador do que professor neste colégio. O próprio colégio que tinha grande destaque no estado nas modalidades de Atletismo e Voleibol, incentivava isso, ou seja, não se importavam muito se eu era um bom professor de Educação Física, o que importava é que eu era um bom **treinador** de Atletismo. E nesse quesito acredito que dei conta do recado, pois consegui formar atletas de grande expressão nacional e, inclusive, em 1976 eu mesmo fui convidado como treinador da seleção gaúcha de atletismo nos JEBs (Jogos Escolares Brasileiros) daquele ano, acompanhando outros treinadores de Porto Alegre. E em 1981 fui contemplado, através da própria Confederação Brasileira de Atletismo, com uma viagem de estudos para os Estados Unidos, aprendendo cada vez mais na área do treinamento esportivo, no caso o Atletismo. Meu interesse, no entanto, era sempre estudar mais e além das disciplinas do treinamento esportivo gostava muito da leitura de obras como a Filosofia e a Pedagogia. Foi por isso que também passei a estudar mais ainda áreas do conhecimento como as filosofias não clássicas como as chamadas filosofias de vida, o misticismo ou esoterismo entre outras.(E.K.)*

No ano de 1972, ingressou no curso de formação inicial da UNICRUZ, fazendo longas viagens à noite. No curso se identificou com as disciplinas práticas porque já tinha uma boa relação com o movimento, o próprio aprendizado do correr, saltar, lançar e arremessar que Atletismo fornece as bases motoras para a

prática de vários esportes coletivos. Contudo, os conceitos que havia para estudar eram embasados no método ginástico e fisiologia do exercício, pouco ou quase nada era discutido em Educação Física.

A ideia de que na narrativa do professor, a formação inicial é relacionada como aqueles saberes adquiridos na universidade se confirma. No caso específico do professor de Educação Física acreditamos que não inicia na instituição de ensino superior, este começa a se constituir como professor, enquanto indivíduo no mundo da vida, nas brincadeiras da infância (lançar pedras no rio, atirar com bodoque mirando passarinho) e também no espaço escolar onde ocorrem as primeiras vivências esportivas, no caso o internato onde iniciou a prática do Atletismo.

O professor passou anos no internato estudando sobre diversos assuntos, lia de tudo. Quando ingressou na universidade, seu pensamento não poderia ser diferente de que havia muito para ser estudado, espantou-se com muita prática e pouca teoria. Por gostar de estudar e ter muito êxito como treinador e não professor como ele mesmo menciona recebeu o convite para aperfeiçoar seus conhecimentos de Atletismo nos Estados Unidos. Após uma tentativa frustrada e ingressar no curso de formação continuada – Mestrado em Ciências do Movimento Humano – em Santa Maria, partiu rumo aos “states” para estudar.



Recebendo o diploma de professor de Educação Física pela Faculdade Educação Física de Cruz Alta (FEFCA) em 1975.

### Técnicos de Pelotas e Ijuí falam sobre os problemas no interior

Floresimar Thomas e Eltoner Kunz têm muitas coisas em comum. Os dois são técnicos de atletismo; trabalham em clubes do interior; enfrentam inúmeros problemas; e vieram a Porto Alegre participar do campeonato estadual pagando as suas próprias despesas. Esta última característica se estende também aos seus atletas.

O que o diferencia é a sua maneira de ser. Eltoner Kunz, técnico e atleta do Gaúcho, é introvertido; não gosta de falar muito. Ao contrário de Thomas, técnico da Associação Pelotense, que "quando começa a falar, não pára mais".

Material humano é o que não falta em Ijuí, afirma Kunz. "Só que não tem um mês atrás a gente não tinha nem pista para treinar. Tinha que treinar na rua mesmo. E na rua não dá para se elaborar um programa de trabalho".

O departamento de atletismo do Gaúcho estava em recesso até o início deste ano, quando os dirigentes do clube resolveram reiniciar as atividades. Só que de uma maneira um tanto estranha. Filtraram-se à Federação Atlética Rio-grandense, inscreveram atletas "mas na hora de viajar quem paga as despesas é a gente mesmo".

Thomas já foi atleta (do Grêmio) mas antes de ingressar no atletismo em 1978, era jogador de futebol, pelo Farroupilha de Pelotas. Embora o seu futuro como ponta-de-lança fosse mais promissor, abandonou o futebol desiludido por achar que "existe muita sujeira. O jogador é explorado pelos dirigentes".

No atletismo, embora não tenha conseguido um destaque acentuado como atleta, a sua realização foi maior: "Aqui ao menos a gente sabe que quem ganha é o melhor mesmo. Eu me realizo vendo os resultados alcançados pelos meus atletas".

Mas depois da mudança de profissão os problemas não deixaram de existir. Só que agora são outros: os dirigentes da Associação Pelotense só querem saber de futebol de salão. Por isso é que a gente vai fundar um clube de atletismo lá em Pelotas. Nós inclusive já falamos com o presidente da Federação sobre isso e ele nos deu inteiro apoio; até nos liberou de "pagar" as taxas para a filiação".

Outro problema que a gente enfrenta é relacionado com os pais, que não gostam que as filhas pratiquem o esporte por acharem que elas ficarão masculinizadas. Isto é um tabu que precisa acabar. A mulher que pratica atletismo tem a tendência de ficar com o corpo mais bonito. Com os exercícios há queima do tecido adiposo, eliminando gordura e celulite".

Mais do que um tabu, "é o fato de algumas pessoas afirmarem que atletismo é esporte para a raça; só porque vêem negros participando acham que o nível é baixo. Isto pra mim se chama racismo. Pessoas de má índole existem em todas as classes sociais, até na alta sociedade para onde muitos pais querem levar os seus filhos ou filhas. O cara que pratica atletismo não tem vícios e vive praticamente em função do esporte; enquanto que o cara que tem mais posses pode fazer o que bem entender: bebida, fumo, tóxico...".

Lutando contra este tipo de coisas é que Thomas aguarda pelo dia em que "os jornais deixarem mais espaço para um atleta que tenha quebrado um recorde do que para um jogador de futebol com dor de dente, como acontece agora".

quinto no masculino (13). O Novo Hamburgo, ocupa a sexta posição no masculino com nove pontos e tem igual número de atletas inscritos na competição.



Kunz: "Vimos por conta própria".



Thomas trocou o futebol pelo atletismo

RESULTADOS INDIVIDUAIS			
PROVA	VENCEDOR	MARCA	CLUBE
110 com barreira	Enio da Silva	15s2	Inter
Arremesso de peso	Celso Moraes	13,90m	Sogipa
Salto com vara	Luis Portinho	4,05m	Sogipa
1.500 rasos	Sérgio Soares	4min3	Inter
100 rasos	Nória Nunes	13s0	Sogipa
1.500 rasos	Iracema dos Anjos	5min11s3	Sogipa
100 rasos	Valmir Júnior	11s2	Cauduro
30.000 (marcha)	Ricardo Nuske	1h46min48	Pelotense
400 com barreira	Eduardo Rodrigues	54s6	Sogipa
Arremesso de peso	Maria Godoy	10,64m	Sogipa
Salto em altura	Luis Fernando Moraes	1,90m	Sogipa
400 rasos	Marcia Michael	60s0	Gaúcho
10.000 rasos	Juvenal Chibinque	31min14s7	Cauduro
Salto em altura	Ana Maria Marcon	1,65m	Sogipa
Arremesso de disco	Celso Moraes	45,46m	Sogipa
Salto em distância	Claudio Luis Flores	6,82m	Inter
200 rasos	Jandir Neves	22s6	Cauduro
Pentlato	Susana Operrmann	3,094	Sogipa

Destaque em Jornais regionais como atleta e treinador de atletas vencedores de JIRGS, Jogos Intermunicipais de RS em Novo Hamburgo.

## NÁDIA DA COSTA E MARIANE MICHAEL BRILHARAM NO ESTADUAL DE ATLETISMO



Nádia da Costa quebrou dois recordes estaduais.

As atletas ijuenses Nádia da Costa e Mariane Michael tiveram destacada participação no campeonato estadual de atletismo, realizado no último fim-de-semana em Porto Alegre nas categorias mirim e infantil. Participaram dessa competição promovida pela Federação Atlética Riograndense, as equipes da SOGIPA, Internacional e Cauduro, de Porto Alegre, além da Olímpica, de Novo Hamburgo e do Grêmio Esportivo Gaúcho, de Ijuí, este com



Mariane Michael, na foto junto com seu técnico Elenor Kunz, também teve participação destacada

as atletas Nádia da Costa e Mariane Michael, da categoria infantil feminino.

Nádia da Costa foi o principal destaque da competição, quebrando dois recordes estaduais com expressivas marcas. O primeiro recorde foi alcançado no salto em altura, onde Nádia atingiu a marca de 1m50cm, quando o recorde anterior era de 1m45cm e pertencia a Liliana Lohamnn, da SOGIPA, atual recordista sulamericana da mesma prova na cate-

goria menores. O outro recorde obtido por Nádia foi na prova de 300m rasos, onde ela estabeleceu a marca de 45seg, quando o recorde anterior era de 48seg. Nádia ainda conseguiu um 3º lugar em arremesso de peso.

A outra participante do Gaúcho, de Ijuí, Mariane Michael, não foi muito feliz nas suas provas uma vez que foi prejudicada devido as chuvas. Mesmo assim, Mariane conseguiu um primeiro lugar em salto em distância com a marca

Destaque em jornais de Ijuí como técnico de atletas campeãs.

## MARLENE SCHUBERT, ELENOR KUNZ E ADALBERTO WUTCKE, NOSSOS CAMPEÕES NOS JIRGS

Novo Hamburgo recebeu a visita de 31 municípios do Rio Grande do Sul nos dias 18, 19, 20 e 21 deste mês, totalizando 1.671 entre atletas e dirigentes. As 6 primeiras cidades com o maior número de atletas e dirigentes são: Novo Hamburgo com 173 atletas, Santa Maria com 140 atletas, Cachoeira do Sul com 132 atletas, Caxias do Sul com 131 atletas, Santa Cruz do Sul com 111 atletas. A 2.ª Delegação mais numerosa foi Pelotas com 155 atletas.

Uruguaiana, com delegação de 96 atletas, percorreu 1.600 km na viagem de ida e volta e não pode participar das competições por motivo de seu dirigente ter chegado com 1 hora de atraso.

Ijuí participou nas modalidades de tênis masculino, atletismo masculino e feminino, e ginástica olímpica nos dois naipes.

**No atletismo** — Com os atletas: Elenor Kunz, Joel B. da Silva, Paulo Coracini, Liomar Schemmer, Adalberto Wutcke e Marlene Schubert.

**100 metros rasos** — Elenor Kunz com o tempo de 11",02 e Marlene Schubert com o tempo de 12,08 foram os campeões do X JIRGS.

**200 metros rasos** — Novamente Elenor Kunz com o tempo de 24",00 foi o

campeão e Marlene Schubert ficou em 3.º lugar.

**800 metros** — Joel Batista da Silva ficou em 5.º lugar com o tempo de 2,08".

**Arremesso de Peso** — Elenor Kunz com a distância de 11m 97 cm ficou em 3.º lugar e Marlene Schubert com a distância de 9 m 08 cm ficou em 3.º lugar.

**Arremesso de Dardo** — Elenor Kunz ficou em 2.º lugar com a distância de 50,94 metros.

**Salto em Altura** — Liomar Schemmer e Paulo Coracini ficaram em 6.º e 7.º lugares com a altura de 1,60 m.

**Marcha Atlética** — Adalberto Wutcke, é o campeão dos X JIRGS nos 10.000 metros com o tempo de 58 m, 38 segundos.

**Salto em Distância Feminino** — Marlene Schubert ficou em 5.º lugar. Ijuí desfalcado no Atletismo pois não foram 80% dos atletas devido compromissos pessoais, de 31 municípios Ijuí classificou-se em 5.º lugar no geral tanto no naipes feminino como masculino.

**No tênis masculino** — Com Jaime Martel, Fernando Siebeneisler e Paulo Weckerle ficaram em 3.º lugar por equipe, vencendo as cidades de Lajeado, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul e perdendo para Pelotas.

### Na Ginástica Olímpica

— 5 cidades disputavam os dois naipes na Ginástica Olímpica. Ijuí, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Maria e Pelotas. Ijuí superou a expectativa que se esperava nos dois naipes.

### No naipes feminino

Ligia Regina Schneider é a nova estrela dos X JIRGS conquistando 4 medalhas de ouro e 1 de bronze.

Nos aparelhos individuais Ligia conquistou o 1.º lugar na Trave, Solo e Salto ao cavalo, ganhou na soma geral de pontos individuais e o 3.º lugar por equipe. Tânia Mello ficou em 8.º lugar e Cleir Metadorf em 10.º lugar no individual.

### No masculino

Por aparelho Ildo Luiz Pizzutti ficou em 2.º lugar no salto ao cavalo e no Geral Individual, Ildo Luiz Pizzutti ficou em 3.º lugar e Ison Romano Pizzutti em 4.º lugar, Elton dos Santos em 7.º lugar e Max Schmidt em 10.º lugar. Ijuí é vice-campeão dos X JIRGS na Ginástica Olímpica masculina.

A vinda da delegação de Ijuí deu-se sábado à noite, ficando somente a equipe de tênis que tinha competições para realizar.

Destaque em Jornais regionais como atleta e treinador de atletas vencedores de JIRGS, Jogos Intermunicipais do RS em Novo Hamburgo.

### 5.3 Formação Continuada

*Após o término do curso de graduação em Educação Física procurei pelos cursos de especialização e foi muito difícil porque a área que eu queria, treinamento em Atletismo, não tinha na época até que a própria universidade que me formou abriu um curso de especialização em Atletismo e então, mesmo com três alunos terminei me especializando naquela faculdade. Depois veio o interesse pelo curso de **mestrado** em Santa Maria. O mestrado em Santa Maria começou em 1980, na segunda turma tentei entrar e não consegui, mas nesse mesmo ano, ou seja, em 1981 fui para os Estados Unidos, naquela viagem de estudos e com um currículo um pouco mais enriquecido tentei no ano seguinte, 1982 novamente o mestrado em Santa Maria e desta vez conseguindo uma das dez vagas existentes. A Universidade Federal de Santa Maria abriu o segundo curso de mestrado em Educação Física no Brasil. O primeiro curso ocorreu, um ano antes, na USP em São Paulo. Assim, me considero um privilegiado, pois devo ter sido um dos, senão o primeiro professor de escola, e não de universidade, a entrar no mestrado em Educação Física no Brasil. No período de mestrado em Santa Maria não consegui dispensa do estado e fui trabalhar na Escola Margarida Lopes situada no bairro Camobi. Foi neste período também, que tive um colega de Florianópolis no curso de mestrado e através dele surgiu a oportunidade de trabalhar em Florianópolis, algo que eu e minha esposa da época muito desejávamos. Um dia então esse colega me interrogou da seguinte forma: “você não quer morar em Florianópolis?” E aí ele confirmou que haviam aberto duas vagas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para professor no Centro de Desportos, CDS, uma vaga masculina e uma feminina. Como era tudo o que queríamos aprontamos a documentação para a inscrição. Porém dias antes da minha viagem a Florianópolis, pois eu iria lá para fazer a inscrições de nós dois, sofri um acidente de moto aqui em Santa Maria e quebrei a perna, frustrando a possibilidade da viagem e em consequência, pensava na época, da nossa inscrição no tal concurso. Mas o destino veio novamente a favor e, o mesmo colega o ofereceu a possibilidade de um irmão seu, que trabalhava na **UFSC** fazer a inscrição para nós. E assim foi feito, ou seja, mandamos a documentação. Porém, ele conseguiu fazer a inscrição apenas de minha esposa porque para vaga masculina já tinha que ter o diploma de mestre, como*



*eu não tinha concluído o mestrado ainda, somente ela se inscreveu e aí se formou mais um dilema lá em casa: minha esposa iria ou não fazer o concurso. Resolvemos que ela iria fazer o concurso. Foi e passou em primeiro lugar e com isso um novo e mais terrível dilema, vai assumir ou não a vaga de professora na UFSC? Para mim faltava um ano de mestrado ainda que só terminei em final de 1983. Um ano antes em 1982 nasceu minha filha ainda em Santa Maria, então ela não tinha um ano, quando decidimos que minha esposa iria sim assumir a vaga em Florianópolis. Foi um dos períodos mais difíceis da vida com minha família, dois filhos pequenos, em Florianópolis e eu em Santa Maria trabalhando em escola pública e terminando o mestrado. No mestrado em função desta vida que levava fui um dos primeiros da turma a terminar o curso, defendi minha dissertação com o tema da “Especialização Precoce no Esporte” em outubro de 1983. No período que fiquei em Santa Maria e minha família em Florianópolis foi, como já mencionei, um dos mais difíceis da minha vida. Viajava apenas uma ou duas vezes por mês para Florianópolis para ver minha família e, a volta sempre foi uma das coisas mais dolorosas que já vivi, meus filhos não dormiam mesmo quando pegava o ônibus mais tarde para voltar. Eles não dormiam sabendo que eu iria voltar para Santa Maria e os deixar mais uma vez, eles se penduravam no pescoço e eu e minha esposa tínhamos que arrancar a força para me deixarem ir embora. Esse foi sem dúvida um dos motivos para terminar logo o mestrado. Porém, o término do mestrado não garantia a união com a família, pois eu trabalhava em Santa Maria e minha esposa em Florianópolis. Surgiu um concurso para professor assistente (com mestrado) no CEFD da UFSM e como já era de se esperar, pelos motivos que já me referi anteriormente, eu era candidato único, embora preferisse que o concurso fosse em Florianópolis me inscrevi para o mesmo. Mas havia a esperança de, caso passasse no concurso aqui eu pudesse trazer minha família de volta pela transferência de minha esposa. Mas aí mais uma vez aconteceu algo digo que foi, pelo menos inesperado e não somente para mim, como para a maioria de meus colegas da época. O que aconteceu? Eu não passei no concurso, embora a banca do concurso fosse praticamente a mesma banca do meu mestrado e que me elogiou muito pelo trabalho que fiz. Portanto, o dilema de deixar minha esposa na época ir trabalhar em Florianópolis levando nossos filhos ficou pior, porque, ou eu conseguiria também um emprego em Florianópolis ou ela teria que voltar para Santa Maria ou talvez Ijuí de onde saímos. (E.K.)*

A formação continuada do professor começou com um curso de especialização na própria UNICRUZ. Logo após foi realizar outra especialização em treinamento de atletas nos Estados Unidos. Ao retornar com o currículo enriquecido pela viagem ao exterior, situação que só era proporcionada para os melhores alunos da época, consegue uma vaga no curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

Este trecho é muito importante na vida do professor, representa a saída do internato, uma possibilidade de estudar no exterior, uma carta de alforria. O professor presta concurso público para o ingresso no magistério estadual. É chamado para trabalhar na escola Margarida Lopes, no bairro Camobi, onde constrói uma relação muito positiva e um sentimento particular pelas crianças. Percebe-se que o choque com a realidade se dá neste período em que o professor observa a realidade das escolas públicas brasileiras e começa a refletir sobre as condições reais de treinamento que tem os alunos, os espaços oferecidos, as condições materiais.

É neste momento que sua trajetória se entrelaça com a trajetória de outra professora de Educação Física. Casam-se. Conhecem Florianópolis/Santa Catarina. Apaixonam-se pela ilha da magia e desejam residir futuramente lá. A oportunidade de realizar o sonho vem com a abertura de um concurso com duas vagas de distintos sexos como era ofertado naquele tempo. E aí trava-se um impasse entre duas trajetórias que se desalinham. Ela passa em primeiro lugar, vai morar em Florianópolis com dois filhos pequenos. Ele permanece em Santa Maria para terminar o mestrado, pois sem o título não consegue nem realizar a inscrição para tal concurso.

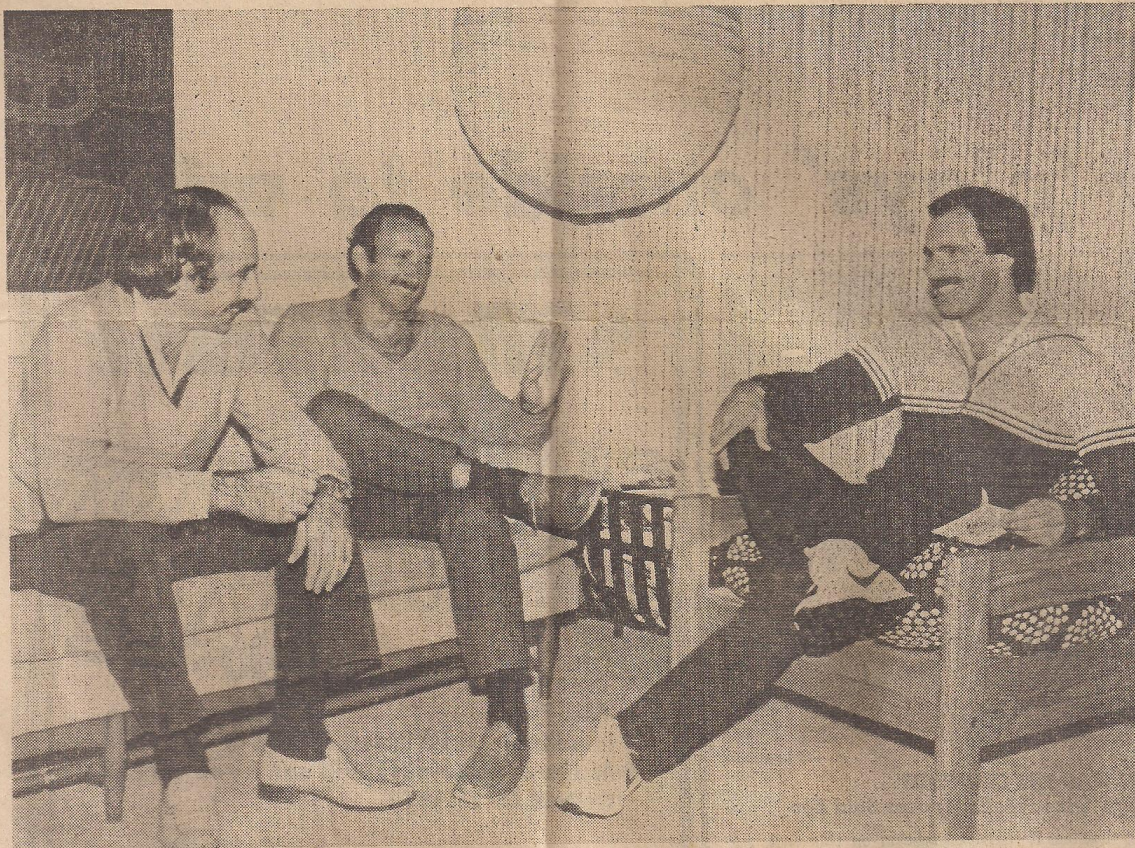
A distância da família é sem dúvida um fator de dolorosas lembranças evocadas pela memória do colaborador. Contudo, inteligentemente em vez de desistir, transforma em algo muito positivo, acelera a elaboração da dissertação de mestrado com a temática da Especialização Precoce<sup>9</sup>. Todavia, terminar rapidamente não garantia a união com a família porque trabalhava em Santa Maria. Nesse dilema ficaram por um tempo procurando uma solução plausível, tentando fazer concursos.

---

<sup>9</sup> No detalhamento da teoria Crítico Emancipatória será melhor elucidada a temática da Especialização Precoce.

Sobre a temática da especialização precoce, Kunz define como um dos melhores trabalhos que produziu, foi elogiado, teceu a dissertação com base em observações desde que estudava no internato e depois como professor da instituição era comum as crianças serem treinadas desde pequenas o que atrapalha o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e emocional.

## Sports



## PLENTY OF TALK ABOUT TRACK

—Staff Photo by Frank Oll

Brazilian track coaches (from the left) Elenor Kunz, Tarcizio Bellinazio and Enio Pereira enjoy Lafayette stay

Lafayette a learning experience**Brazilian track coaches visit**

By JEFF WASHBURN  
Staff Sports Writer

American soccer coaches have spent time studying in Brazil, so isn't it only fair Brazilian track coaches study in America?

As the crow flies, it's about 5,000 miles from Lafayette to the country of Brazil, but track coaches Elenor Kunz, Enio Pereira and Tarcizio Bellinazio admitted they found many things to learn here this week on their final stop of a two-week trip to Indiana.

The three coaches were here as part of the Coca-Cola, Brazil-sponsored sports exchange through the assistance of the Washington, D.C.-based "Partners of the

our country a chance for scholarships and thus the athletes are getting better and better.

"A problem we have is that there isn't the chance to compete regularly. At the high school level there are only two actual competitions a year — the local meet and the national meet, and without a lot of competition, our athletes are not improving the way they should.

"At 17 or 18, athletes in Brazil reach their peak, because there isn't good organization for competition, although the potential is there."

The coaches said the running surfaces in Brazil are basically of the dirt and cinder variety, and

night, the coaches' Lafayette hosts, Purdue Professor Dick Smith and local Coke executive Dan Casey took them out to dinner at the Lafayette Country Club, where Purdue basketball Coach Gene Keady joined them.

In keeping with their

love of beef, the coaches ordered steaks, but as Smith said, "Our prime beef in Indiana is poor compared to their aged beef in Brazil. It is the finest I've ever tasted."

Another thing the Brazilians had to adjust to was American beer.

"Their beer is very da and ours is very mild their opinion," Smith sa

But afterall, the coach didn't come here to let American cooking.

They came here to let more about track, and that they did.

Destaque em Jornal dos EUA quando da visita na Universidade de Indianápolis e outras universidades no estado de Indiana, EUA.

## 5.4 Doutoramento em Hannover/Alemanha

*O dilema foi se arrastando até que um dia alguém que passava por mim nos corredores do CEFD/UFSM em Santa Maria, simplesmente por nada, me questionou se eu não estaria disposto a fazer um **doutorado**, já havia terminado o mestrado tão rápido e talvez fosse o caso ele ponderou. E, embora nunca tivesse pensado nessa possibilidade, procurei saber mais sobre essa oportunidade e sobre as chances disso poder acontecer. O meu interlocutor daquela ocasião me deu a entender minhas chances poderiam ser grandes porque o tal doutorado era na Alemanha. E como sabia da minha descendência alemã, achava que isso poderia influenciar. Fiquei sabendo que era no Instituto Goethe de Porto Alegre que estava oferecendo oportunidades de inscrição para doutorado na Alemanha através de bolsa do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico). Atrevi-me a ligar para o tal Instituto Goethe e a secretária que me atendeu foi muito gentil comigo e parecia que estava realmente mais interessada que eu, para que me inscrevesse. Depois de tudo esclarecido, fiquei sabendo também, que toda documentação (que não era pouca) teria que ser entregue traduzida para o Alemão. Até aí, tudo bem porque o próprio Instituto que oferece cursos de alemão se ofereceu para fazer a tradução. O problema foi com o prazo que eu tinha para entregar a documentação completa e traduzida, menos de quinze dias. No momento que recebi essa informação eu já pensei comigo mesmo, perdi mais essa chance e desanimado falei para a secretária que me atendeu que não daria para conseguir em tão pouco tempo toda essa documentação. No que ela me perguntou, pelo tempo que eu necessitaria então para trazer a documentação completa e respondi que se tivesse um mês, poderia tentar. Ela imediatamente, sem chances de pensar um pouco mais, respondeu que me daria esse tempo e assim, me vi obrigado a ir atrás da documentação e embora difícil de acreditar, no final do mês, consegui minha inscrição. Porém, não antes de levar mais um susto, ou seja, quando fui entregar minha inscrição, li um prospectos deste tal DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) onde dizia explicitamente que Educação Física e Música não teriam chance alguma de conseguir a bolsa necessária para o ingresso no doutoramento na Alemanha. Fiquei muito frustrado depois de toda a correria e preocupação com a documentação. Resolvi esquecer e pensar em outras possibilidades, quando apareceu mais uma chance de concurso publico, agora para a Universidade Federal de Santa*

*Catarina em Florianópolis, tudo que eu queria, muito antes de qualquer outra coisa, inclusive esse “frustrado” doutorado na Alemanha. Mas, como sou um “teleguiado” por quem não sei, o tal concurso foi misteriosamente cancelado com a devolução do dinheiro da inscrição. E em seguida a isso, veio o resultado da minha inscrição para a Bolsa do DAAD em Porto Alegre e...surpresssssa fui classificado na primeira etapa. Portanto, tinha que me preparar para uma entrevista definitiva em Porto Alegre para ganhar a bolsa. Fiquei intrigado com aquilo e pensei: será que estão me enganando mais uma vez fazendo-me passar trabalho e talvez vexame, indo a uma entrevista para a qual nada me informaram sobre o que seria? Um colega, estudante do mestrado no CEFD então procurou me acalmar dizendo que provavelmente era uma entrevista de um colega dele da UFRGS que havia estudado na Alemanha e era da Educação Física, para perguntas sobre minhas intenções de estudo na Alemanha. Então, no dia marcado fui para Porto Alegre para a entrevista, mas o que vi foi bem outra coisa que apenas um professor ou um colega me entrevistando. Havia pelo menos umas 15 pessoas na sala para a tal entrevista e eu muito tímido naquela época fiquei apavorado sobre tudo que poderiam me questionar. Fiquei até muito arrependido de ter ido para a entrevista. Ficava pensando comigo mesmo porque mais essa “tortura” se não dão bolsa para Educação Física. Repentinamente, quando os entrevistadores começaram a falar eu comecei a me sentir muito bem, muito calmo inclusive, coisa que não era comum para mim. Expliquei a eles tudo o que queriam saber dando muita ênfase ao projeto de estudos e o contato com um professor alemão de Oldenburg que tinha sido meu professor no mestrado em Santa Maria, Prof. Jürgen Dieckert e do contato que esse havia realizado na Alemanha com um colega da pedagogia e da filosofia dos esportes e que tinha aceitado a me orientar. Ao final da entrevista e saindo da sala, senti um alívio tão grande, foi como se eu tivesse acabado de ganhar uma competição no atletismo, ou seja, o sentimento do “poxa cara, desta vez destes conta do recado”. E assim, a resposta definitiva da bolsa não demorou muito e ela foi positiva, ou seja, fui contemplado com a primeira bolsa do DAAD para Educação Física, nunca antes esse órgão de fomento à pesquisa da Alemanha para praticamente o mundo inteiro, havia dado uma bolsa de estudos para o doutoramento em Educação Física. Aí surgiu um dos maiores, ou talvez o maior dilema em minha vida: aceitar ou não aceitar uma bolsa tão importante para o doutoramento na Alemanha? Foi especialmente difícil porque minha família estava em Florianópolis e eu ainda em Santa Maria e tudo que eu queria era voltar para*

minha família. Quem poderia imaginar que para isso acontecer tive que aceitar a bolsa e me afastar ainda mais, numa distancia ainda maior e com possibilidades de contato muito mais difíceis com minha família. Ainda tinha o problema, depois que aceitei a bolsa, de me desvincular do Estado, ou seja, do meu contrato de professor estadual. Tive que solicitar uma liberação ao Estado com vínculo para uma período de 4 anos que era a duração do curso de doutorado. Essa liberação foi muito difícil tive que fazer várias viagens a Porto Alegre. Mesmo com a ajuda de muitas pessoas dentro da Secretaria da Educação para apressar meu processo de liberação, já que lá muitas pessoas me conheciam do esporte, o processo foi muito lento até passar pela assinatura do governador. Por isso, atrasei minha ida para a Alemanha. Mas enfim, quando a liberação saiu, fui atacado por um sentimento muito forte de alegria e tristeza ao mesmo tempo. Alegria pela conquista e tristeza pelo afastamento da família que estava próximo. A bolsa não permitia no primeiro meio ano levar a família, pois precisava passar por um período de estudos de língua (alemã) num Instituto Goethe na Alemanha. A cidade onde iria realizar esse curso foi Göttingen, uma cidade próxima a Hannover onde iria realizar o doutorado. O curso começou em 3 de abril de 1984, eu tinha que estar lá uns dias antes, mas fui liberado do estado daqui no dia 19 de abril bem próximo da páscoa daquele ano. Lembro que era uma quarta-feira e então fui atrás da minha passagem para Alemanha que já estava disponível na Varig. Estava me preparando para viajar na segunda feira depois da páscoa, depois de passar uns bons dias com minha família, mas uma surpresa desagradável minha passagem estava vencendo e tive que viajar no dia seguinte, em pleno feriado de Páscoa. Foi nesse clima que embarquei para Alemanha, foi com toda certeza a viagem mais triste que já fiz em toda minha vida. Em Göttingen me espera mais um internato do Instituto Goethe. Chegando lá no feriado da Páscoa, quase não encontrei ninguém, pois os demais estudantes tinham aproveitado para viajar nestes dias. Fui levado por um funcionário do Instituto para um quarto, onde muitas lágrimas derramei de saudades e tristeza por ter aceitado uma “aventura” destas. Cheguei a bater nas paredes do quarto, exclamando “por que isso acontece comigo?” Na segunda-feira depois da Páscoa começavam as aulas e tive que me apresentar, primeiro na secretaria porque o curso de alemão já havia começado e precisava saber qual o meu nível para me colocar na turma adequada. O secretário que me atendeu com muita má vontade, reclamava em alemão do meu atraso e quando respondi a ele algumas coisas em alemão, pois falar em alemão até que sabia

*razoavelmente, então ele se surpreendeu muito e logo me colocou um dos níveis mais adiantados do curso de alemão. Não me esforcei muito no estudo de alemão eu nem conseguia me concentrar nos estudos tal era a saudade da família. Logo fiquei novamente na mesma situação do meu primeiro internato, ou seja, esperando a hora para fugir, ir embora ver minha família. Por mais ou menos dois meses não desfiz minha mala, esperando uma oportunidade para ir embora. Mas aí antes de fazer isso resolvi telefonar para o meu professor do mestrado em Santa Maria, Prof. Jürgen Dieckert e ele me salvou desta situação, porque ele me levou para casa dele em Oldenburg por uma semana e assim fiquei um pouco mais aliviado. Mas antes disso já havia ligado ao DAAD para saber das consequências se eu fosse embora. Por sorte eu conseguia me comunicar muito bem em alemão e pude me fazer entender para o pessoal do DAAD explicando minha situação com a família. Mas, a secretária que me atendeu e depois de me ouvir atentamente, disse numa expressão em alemão muito forte e que já conhecia muito bem na época. Era uma espécie de repreensão muito forte, dizendo: "Herrn Kunz, tu não pode ir embora, tu é o primeiro na tua área que ganhou essa bolsa, se fores embora comprometes toda a tua área" e ,enfaticamente, concluiu meu contato: "Tu não podes ir embora". Enfim, consegui sobreviver ao curso de alemão e com certeza com alguma boa aprendizagem. Então, finalmente, minha família veio e fomos para Hannover. Já havia conhecido o meu orientador um mês antes de me transferir para lá, pois fui visitá-lo juntamente com o Prof. Dieckert que me apresentou a ele. Fiquei com uma excelente impressão na época, era filósofo além de professor de Educação Física. Era o prof. Dr. Andreas Heinrich Trebels, meu orientador, ele me recebeu nesta fase definitiva de ida para Hannover de forma excepcional. Consegui um lugar onde morar, muito próximo à Universidade e juntamente com alguns colegas também providenciaram móveis, para o apartamento e inclusive roupa, especialmente de inverno, para toda família. As dificuldades iniciais, não apenas de adaptação com a família num lugar estranho e outra língua, outra cultura, foram agravadas com a falta de condições financeiras melhores. Tivemos que viver apenas com a minha bolsa, que era muito boa, mas para uma pessoa. Nem eu nem minha esposa que era professora universitária (UFSC) conseguiu levar o salário. Também, foi muito importante a ajuda do estado alemão, da época, que recebemos. Assim, conseguimos um auxílio moradia e um auxílio para cada criança. Lembro que somado estas duas quantias dava muito mais que o meu salário de professor do estado naquela época. No fim das contas, consegui conviver bem, a minha*



*família morou comigo dois anos e meio, minhas crianças foram para um Jardim de Infância e aprenderam excelentemente o alemão e minha esposa também conseguiu realizar um curso de alemão na Universidade e estava se preparando para uma pós-graduação também na mesma universidade. Assim, aos poucos, comecei a gostar do doutorado, o orientador era excelente e não tinha grandes problemas com a língua o que me ajudou muito em tudo na Alemanha. (E.K.)*



Com os principais membros de minha banca de doutorado em Hannover Alemanha: á minha direita professor Doutor Jürgen Dieckert e á esquerda meu orientador professor Doutor Andreas H. Trebels, no Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover/ Alemanha.

O processo de seleção para o doutoramento na Alemanha auxiliou o professor a superar a questão da timidez, a vergonha de falar em público. Até

então, ele pouco se comunicava, tinha vergonha de se expressar diante de muitas pessoas. Quando chegou a entrevista pensando ser com um ou dois professores, surpreendeu-se com a elite da sociedade alemã que morava no Brasil. O professor se acalmou e segundo ele nunca mais parou de falar, ou seja, perdeu o medo e deu conta do recado. Ganhou a bolsa e a oportunidade de se afastar ainda mais dos familiares.

O colaborador se diz muitas vezes “teleguiado”, porém não no sentido de impossibilidade de fazer escolhas. As opções estavam à frente dele, entretanto os acontecimentos convergiam para que ele seguisse estudando. Um deles foi o cancelamento sem motivos do concurso em Santa Catarina, que lhe daria a oportunidade de união com a família. Assim, compreendendo que a vida queria que sua história tivesse outra forma, ele o fez, partiu a Göttingen/Alemanha com o objetivo de aperfeiçoar a escrita e fala em alemão.

Antes de embarcar gostaria de visitar a família não só por se afastar para o doutoramento, mas por ocasião da Páscoa, rever a esposa, as crianças, aguardar juntos a vinda do coelhinho, a busca por ovos é uma tradição muito apreciada pelos pequenos e compartilhar esses momentos seria formidável. Contudo, devido aos trâmites burocráticos para a liberação das funções do magistério no estado, atrasou sua viagem e teve partir para Alemanha sem sequer vê-los.

Ao chegar ao alojamento dos estudantes o professor sentia-se imensamente triste e revoltado com aquela situação. Suas lágrimas rolavam sem parar, batia nas paredes, irado. Viu-se novamente como um menino de doze anos ao internato, a circunstância se repetia, queria estudar, mas não longe da família. Ansiava pela fuga. Contudo, como primeiro bolsista da área de Educação Física do Goethe Institut sabia de suas responsabilidades com os estudos e a extensão que uma atitude impensada poderia alcançar comprometendo futuros estudantes.

Kunz tem muita saudade da família, não se dedica como poderia ao estudo da língua alemã. Com ajuda do professor Dieckert, que o acolhe em sua casa, apresenta os professores orientadores e dá estímulo para vencer a adaptação. Assim, alcança, pela facilidade, o nível de alemão desejado para estudantes e viaja para Hannover para cursar o doutorado.

Em Hannover conseguiu, enfim, levar a família. Foi bem recebido por seu orientador Trebels que o ajudou muito com questões de moradia, móveis e roupas.

As trajetórias de unem novamente com a ajuda do estado alemão que fornece um auxílio financeiro muito generoso para a educação das crianças, o que equivalia a bolsa que o professor recebia para fazer o curso. Sua esposa pede afastamento da UFSC para estudar alemão, todavia não leva o salário. As condições financeiras eram difíceis, mas a alegria foi imensa de manter por dois anos e meio a família reunida. Acompanhar o crescimento, o desenvolvimento dos pequenos, vê-los aprender uma nova linguagem foi fabuloso.

## 5.5 O desalento

*Porém num período em que estava mais empolgado com os estudos e já bem adaptado à vida na Alemanha veio mais um balde de água fria. Meu orientador, certo dia chegou a mim e disse: “acho que não vou poder te orientar com tuas intenções de realizar um trabalho pedagógico para a Educação Física brasileira. Poxa, mas agora? Eu pensei e me atrevi a perguntar, por que isso? Ele me respondeu que estava com receio de que eu iria fazer com minha tese uma espécie de importação cultural, ou seja, copiando as mais novas tendências pedagógicas na Alemanha para levar ao Brasil. Porém, ele acrescentou, “se eu puder ler em alemão algo sobre o teu país – lembrando que era uma época anterior à internet – sobre as escolas, o ensino escolar e da Educação Física, talvez eu possa fazer alguma coisa”. Assim, fora alguns textos sobre a Educação Física brasileira que julgava importante e que eu mesmo já havia traduzido para ele, fui fazer uma pesquisa nas maiores bibliotecas públicas de Hannover sobre livros que atendessem ao pedido de meu orientador. Logo me veio a lembrança de um autor que li num curto tempo em que iniciei um curso de Pedagogia na UNIJUÍ, de Ijuí. Lá conheci as obras de Paulo Freire e sabia do seu exílio na Europa, Suíça. Pensei que talvez encontrasse alguns conhecimentos desse autor nas bibliotecas da Alemanha. E foi imensa a minha surpresa pela, em primeiro lugar, quantidade de obras de e sobre Paulo Freire e depois pela grande repercussão de seu trabalho na Alemanha. Consegui levar alguns livros – os que já conhecia do Brasil e estavam traduzidos para o alemão como a Pedagogia do Oprimido – para meu orientador. Ele levou para casa e rapidamente os leu e suspeitei que - pela velocidade que ele conseguiu ler pelo menos três obras de Paulo Freire - ele*

*tinha se encantado com o trabalho desse autor. E não deu outra. Ele inclusive foi para as livrarias para ver se conseguia comprar algumas obras de Paulo Freire e encontrou uma que era bem recente, não existia ainda nas bibliotecas da minha pesquisa e tinha como título “Professor como político e artista simultaneamente” (a tradução é minha). Essa obra até hoje, se não me engano, não existe em Português. “Casualmente, disse-me ele um dia, as minhas ideias pedagógicas são muito semelhantes as de Paulo Freire e assim podemos trabalhar para tua tese”. Isso me aliviou muito e para resumir esse capítulo de minha história de vida, duas coisas aconteceram: eu li muito mais livros de Paulo Freire em alemão do que em Português e o meu orientador, Professor Trebels criou uma disciplina, no Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover, sobre as ideias pedagógicas de Paulo Freire para o ensino da Educação Física. No penúltimo ano de meu doutoramento viemos ao Brasil, a minha família para ficar, pois a UFSC não concedeu mais afastamento para minha esposa permanecer com os filhos comigo e eu vim fazer um trabalho empírico para minha tese. Permaneci por três meses e retornei, sozinho, para em no máximo um ano terminar minha tese. E assim se iniciou mais uma temporada de grandes sofrimentos, aflições e choros. Com saudades de minha família, meus filhos e com a pressão de escrever uma tese filosófico-pedagógica em alemão em apenas um ano foi uma proeza que não acreditei que conseguiria. Só posso dizer que aprendi muito com isso não apenas para minha tese, mas para a vida. “Aprendi que somos muito fortes e aprendi que podemos ir muito, mas muito longe mesmo, se perdermos o medo de tentar.” (Shakespeare) Para mim, no entanto, o medo foi tão forte que passou a ser minha energia para continuar, eu tinha que conseguir ir até o fim, não podia falhar depois do sacrifício que toda família fez para isso, especialmente, assim eu pensava na época, meus filhos pequenos que não faziam a menor ideia de tudo isso. Permaneci um ano inteiro na Alemanha longe dos meus filhos e eles eram pequenos meu filho tinha seis anos e minha filha tinha quatro anos naquela época e sem as facilidades de hoje, da internet, Skype, celular, apenas, o telefone comum e era muito caro telefonar da Alemanha para o Brasil. Finalmente, no dia 10 de dezembro de 1987 defendi minha tese que antes precisou passar pelo conselho da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais à qual o Instituto de Ciências do Esporte era vinculada. Fui o primeiro estrangeiro naquela instituição e terminei em tempo recorde até mesmo para o que se espera de doutorandos alemães. Após mais alguns dias em Hannover para tramites de documentação e entrega definitivas das teses à*

*faculdade, pude voltar ao Brasil definitivamente. Que alívio. Que alegria! É indescritível as emoções que senti até a chegada em casa, estar de volta e na companhia de meus filhos que pensei nunca mais abandonar. (E.K.)*

O desalento vem com a possível desistência da orientação de Trebels, o filósofo queria uma troca de experiências interculturais e não “importação”. Ainda hoje existe uma tendência muito forte de se criticar o que é brasileiro e exaltar cinema, educação, qualidade de vida em países de primeiro mundo.

Com isso, traz para a conversa um autor reconhecido mundialmente – Paulo Freire – que reforça o embasamento sobre teorias crítica da educação numa visão da educação brasileira. A apresentação deste autor a Trebels o salva, já que tinha sofrido tanto para chegar até ali, não poderia desistir no meio do caminho.

Juntando a isso a volta da esposa e dos filhos ainda pequenos tornam a trajetória ainda mais difícil. As horas pendurado a “orelhões” inserindo uma ficha atrás da outra se ampliavam. Kunz passou por um momento muito triste quando os filhos não queriam mais falar com ele, por que os pequenos perguntavam: - Pai, quando vai voltar? E ele não podia responder nem o dia exato, quanto menos dizer ou mentir que em breve retornaria. A saudade como único sentimento que não esvazia, só aumentava. Mas esse sentimento foi uma mola propulsora para mais uma vez acabar seu trabalho antes do tempo determinado e voltar ao Brasil.

## 6 PROFISSIONALIZAÇÃO E PUBLICAÇÕES

### 6.1 Ingresso como professor universitário

*De retorno à família, ao Brasil em Florianópolis, dou início a minha carreira profissional na universidade e em consequência na produção científica e o trabalho na pós-graduação. Quando retornei eu já era contrato pelo Centro de Educação Física (CEFID) e Desportos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) de Florianópolis, pois havia feito concurso naquela universidade no período em que vim fazer o trabalho empírico no Brasil para minha tese. Foi nesta Instituição que comecei minha carreira de professor universitário. A primeira atividade acadêmica que fiz e que se destacou nesta instituição, foi a tradução de minha tese para a publicação que de fato consegui pela Editora Unijuí de Ijuí. Acredito que foi uma das primeiras se não, a primeira tese de doutorado feita no exterior, na área, traduzida para o Português e publicada. O apoio que recebi da editora foi muito grande, especialmente de seu editor, professor Mário Osório Marques que considero um dos maiores intelectuais da Pedagogia e Filosofia do Brasil. Assim, a publicação aconteceu no ano de 1991, quando a Educação Física brasileira ainda vivia momentos de grande efervescência teórica e o período foi considerado de revolucionário para a área. Foi no ano de 1991, janeiro de 1991, que saí da UDESC, e ingressei na UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, no Centro de Desportos (CDS). Um ano após fiz concurso para professor titular naquela Instituição e permaneci até setembro de 2012. Quando me aposentei para assumir um projeto de Professor Visitante no CEFD da UFSM. Mas vale lembrar ainda desse período que entre 1995 e 1996, voltei mais uma vez, por um ano, à Hannover para um curso de Pós-doutoramento com o mesmo orientador do doutorado, Prof. Trebels. Esse pós-doutorado só não foi tão doloroso como o doutorado, pois me sentia em casa na universidade e na cidade de Hannover e pensava que um ano passa rápido. Não foi, e sofri muito de novo com a ausência da família, mas as condições financeiras na época eram melhores que no doutorado que consegui trazê-los para Hannover por um período de um mês, com direito a férias nos Alpes. Foi um dos momentos mais felizes de minha vida em família. Para sofrer mais um*

*pouco com a volta deles ao Brasil e eu mais 4 meses para concluir o Pós-Doutorado. Academicamente esse pós-doutorado foi muito importante, pois havia assumido coisas demais no Brasil, atividades acadêmicas nas duas pós-graduações da Educação e da Educação Física, com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Não havia tempo para estudar. O meu pós-doutoramento foi um ano para resgatar leituras que havia me comprometido fazer no Brasil. (E.K.)*

O ingresso como professor universitário se deu logo que retornou ao Brasil conceituado por um doutoramento no exterior, as portas se abriram e passou no concurso na UFSC. Teceu sua trajetória profissional acumulando muitas funções: professor, orientador, escritor, tradutor e ainda, por vezes, presidente ou vice do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

A publicação de sua tese no Brasil teve uma repercussão enorme, foi num momento histórico de “crise ou denúncia” na Educação Física na qual efervesciam ideias sobre a construção de uma nova Educação Física para as crianças e adolescentes. Kunz ganha prestígio e reconhecimento pela construção da Teoria Crítico Emancipatória em Educação Física, mas principalmente por sua teoria condizer com suas práticas em sala de aula e na vida. Certamente, não é um professor descolado, é uno, sua trajetória profissional com seu caráter e história de vida.

O reconhecimento pela dedicação ao trabalho vem com a oferta de um curso pós-doutoral, retorna para Alemanha. Contudo, o acúmulo de funções atrapalha um pouco as intenções já que não era mais mero estudante bolsista, inclusive diz no final que não deu conta do que pretendia, mas terminou o curso.

Nesta fase o professor relata que se sentia feliz de voltar para Hannover. Conhecia a cidade, já tinha laços de amizade com professores, mas que apesar de ter melhores condições financeiras o pesar por estar distante da família continuou sendo cruel. Conta também entusiasmado e saudosista um dos momentos mais felizes em família, as férias no Alpes. Imagino a felicidade das “crianças” na neve....

## 6.2 Atividades destaque: Construção da Pedagogia para as aulas de Educação Física

*Minha carreira acadêmica, minhas produções, atividades administrativas, pós-graduação e tudo que foi de destaque neste período foi realizado no período em que atuei na UFSC. Em síntese posso destacar as seguintes atividades e foram bastante prestigiadas no país, provavelmente mais do que merecido. Todos casos, após a boa aceitação do meu primeiro livro, escrevi um outro que já considerava um complemento do primeiro, minha tese, pois nela desenvolvi conceitos teóricos para uma Educação Física nova, diferente, mais pedagógica e para a escola. Estes conceitos foram especialmente de educação, de desenvolvimento humano, e o que considero mais importante até hoje, um novo conceito para o movimento humano. Na Educação Física das escolas brasileiras o enfoque principal era o ensino dos Esportes. Eu, no entanto, considerava uma cópia irrefletida do esporte de competição, de alto rendimento e considerava injusto demais para crianças sem as condições básicas para a prática de tal esporte. Essas crianças ficavam, como se prefere dizer hoje, excluídas desta aprendizagem. E, comecei a perceber também, que o número de excluídos aumentava assustadoramente. Então, e ainda com base na minha tese publicada, escrevi o livro “Transformação didático-pedagógica do esporte”, publicado em 1994 e atualmente está se encaminhando para uma 8ª edição com duas reimpressões. A repercussão do livro foi enorme, inesperado para mim e então me mantive no compromisso de aumentar a produção nesta linha de pesquisa e publicações. Minhas obras se tornaram nacionalmente conhecidas como sendo a proposta pedagógica “Crítico-Emancipatória da Educação Física”. Publiquei assim, muitos artigos em revistas da área e mais 5 livros complementares, como os três livros de “Didática da Educação Física” e neste ano de 2014 deverá surgir o quarto livro com o tema da “Criança, seu brincar e se-movimentar”. Estes livros de Didática, na verdade, sou organizador. Além destes, desenvolvi dois livros com autores alemães. Um foi fruto de um encontro entre os profissionais da Educação Física brasileiros e alemães que participaram de alguma forma num processo de intercâmbio Brasil-Alemanha. Esse encontro foi realizado em Florianópolis no ano de 2003 e todos os participantes apresentaram alguma temática de suas especialidades, os textos escritos foram publicados no que resultou o livro que*



*foi organizado por mim e pelo Prof. Reiner Hildebrandt da Alemanha. O segundo livro que organizei na parceria com professor alemão foi publicado em 2006 e quem cooperou comigo na organização foi o professor Andreas Trebels meu antigo orientador do doutorado. Esse livro surgiu a partir de quatro viagens minhas à Alemanha como Pesquisador Visitante, três vezes na Universidade de Hannover e uma na Universidade de Braunschweig. Foram períodos curtos de até três meses. O livro surgiu a partir de uma discussão que apresentei ao professor Trebels sobre o estágio de desenvolvimento de uma Pedagogia do esporte ou da Educação Física no Brasil. Comentei a ele que estávamos avançando muito bem na teoria, mas quase que abandonando a prática escolar da Educação Física. Ele me deu a ideia de convidar os mais renomados pedagogos da Educação Física alemã que se ocupam muito com as questões práticas da escola para escrever artigos que pudessem ser publicados no Brasil. Assim, fomos visitar um por um os professores que escolhemos para o livro e eles imediatamente concordaram com a ideia. O livro então foi publicado no Brasil, sempre pela Editora Unijuí, em 2006, com o título: “Educação Física Crítico-Emancipatória numa perspectiva da Pedagogia alemã de esportes.” Vale destacar ainda que no período que atuei na UFSC me envolvi intensamente com a Pós-Graduação, primeiro na Educação onde ministrei disciplinas sobre a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e orientei uma grande quantidade de dissertações, não apenas de profissionais da Educação Física como de outras áreas da Educação. Na sequência fui um dos fundadores do programa de mestrado e doutorado do Centro de Desportos da UFSC onde orientei muitos mestrandos e tenho doutorandos até hoje nesta Instituição.*

*Assim, minhas produções teóricas se orientaram muito nas teorias críticas da Educação e da Filosofia bem como da fenomenologia. Com a fenomenologia me ocupo muito ainda hoje, pois desde o começo de meu doutorado, juntamente com meu orientador, ocupei com o estudo desta teoria especialmente por causa do desenvolvimento de uma nova teoria para o conceito de Movimento Humano, com que me ocupo muito ainda até hoje.*

*Em questões administrativas acadêmicas nunca me envolvi muito, sempre achei que não era a “minha praia”. Mas de 1991 até 2000 me envolvi fortemente com a administração do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Inicialmente como editor da revista, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte. O presidente da entidade, na época, era o professor Valter Bracht, em seguida, na gestão seguinte que é de dois em dois anos, fui vice-presidente,*

*ainda com o Professor Valter na presidência e, finalmente de 1995 a 1999, fui presidente, ou seja, por duas gestões desta Instituição, o CBCE. Embora esse trabalho tenha me oportunizado grande aprendizagem e experiência e de ter auxiliado na divulgação de meus trabalhos, também impediu em parte, pelo tempo de dedicação que era exigido, avançar ainda mais nas teorias filosóficas e pedagógicas com as quais já me ocupava e assim me possibilitassem um maior numero de publicações.*

*Por último - embora, espero que não seja meu último trabalho na Educação Física - estou neste projeto de Professor Visitante aqui na UFSM, mais especificamente no Programa de Pós-Graduação do CEFD e que tem o seu término previsto para setembro deste ano de 2014. Além das aulas tento fazer mais uma produção de impacto, pois trata-se não de um livro propriamente meu mas de um Resumo Comentado de uma obra do Holandês Peter Heijn que tem por título, em holandês, "Por um Ensino de Movimentos de responsabilidade". Pretendo consultar os professores Andreas Trebels na Alemanha que traduziu essa obra para o Alemão e o próprio Peter Heijn a fim de conseguir uma autorização dos mesmos para publicar no Brasil esse resumo comentado que fiz. Além deste e, provavelmente bem antes, devo publicar o que já comentei acima, o livro da coletânea de didática da Educação Física, o volume 4 que tratará do assunto da criança, seu brincar e se-movimentar. (E.K.)*

Sobre os livros publicados, aprofundaremos o estudo em - Transformação Didático-Pedagógica do Esporte – o próprio autor define como obra de maior expressão e edições lançadas. A partir de agora, vamos conhecer suas principais ideias.

## Livros

1º) Educação Física Ensino e Mudança. (1991)
2º) Transformação Didático-Pedagógica do Esporte.(1994)
3º) Didática da Educação Física I (1999)
4º) Didática da Educação Física II (2002)
5º) Didática da Educação Física III (2005)
6º) Intercâmbios Internacionais em Educação Física e Esportes.(2004)
6º) Educação Física Crítico Emancipatória: Uma perspectiva da Pedagogia alemã do esporte. (2006)
7º) Didática da Educação Física IV (não foi publicado)
8º) Por um ensino de movimentos de responsabilidade. (não foi publicado)

## Quadro 2 - Cronograma de atividades.

Fonte: Elaborado pelo autor (2014).



Fazendo a abertura do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte em Cuiabá, 1997 como presidente do Colegio Brasileiro de Ciências do Esporte, CBCE.

### 6.3 Transformação Didático-Pedagógica do Esporte

Em 1991 Kunz publica Educação Física: Ensino & Mudanças tese de doutorado realizada na República Federal da Alemanha, mais especificamente no Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover. Como complemento escreveu Transformação Didático-Pedagógica do Esporte do qual explanarei mais detalhadamente, a seguir.

A Educação Física, além de sua especificidade, deve incorporar-se nas propostas político-educacionais de tendência crítica da educação brasileira. Essas ideias se desenvolveram rapidamente e o crescimento de produções acadêmicas na área também. Kunz (2001) destaca duas obras “Visão Didática da Educação Física: Análise crítica de exemplos de aula” de autoria do Grupo de Trabalho Pedagógico da UFPe/UFMS e “Metodologia do Ensino da Educação Física” proposta por um Coletivos de Autores, dentre eles Valter Bracht e Celi Tafarel. Nesses livros há uma preocupação com a realidade prática do ensino da Educação Física, são citados exemplos de atividades, porém não são propostas desenvolvidas em escolas brasileiras.

Refletindo sobre a carência de propostas práticas Kunz constrói uma nova concepção de ensino para modalidades esportivas tradicionais, em âmbito escolar. O objetivo é “anunciar e estimular mudanças reais e concretas, tanto na concepção de ensino, de conteúdo e de método, como nas suas condições de possibilidade, na prática pedagógica”. (KUNZ, 2001, p.8)

O referido autor propõe uma ampla reflexão sobre a possibilidade de ensinar os esportes pela sua “transformação didático-pedagógica” e de tornar o ensino escolar uma educação de crianças e jovens para a competência crítica e emancipada. Apresenta uma nova forma de tematizar o ensino, neste caso, o ensino do movimento humano, em especial, os esportes. Oportunamente, tece uma crítica do ponto de vista humano e pedagógico sobre os problemas que envolvem o esporte de alta competição ou o rendimento.

Na Educação Física, nos anos 80, iniciou-se um período de críticas ou de denúncia, sobre o ensino dos esportes. De um lado os marxistas criticavam a hegemonia dos esportes como fator de exclusão, de redução do ser humano a valores meramente materialistas, contribuindo para a alienação. Por outro lado a

crítica centrava-se no processo de aprendizagem no âmbito escolar, na capacitação dos profissionais que irão atuar nos anos iniciais, na precocidade das formas de esportivização dos pequenos, na obrigatoriedade de regulamentar as aulas de Educação Física para este público.

De posse desses questionamentos, utilizou-se durante anos e ainda utiliza-se a psicomotricidade para “atender à formação das habilidades básicas nas crianças sem envolvê-las demasiadamente no processo de treinamento de uma modalidade esportiva”. (KUNZ, 2001, p.17) A psicomotricidade apresentava uma tendência à educação integral do indivíduo que seria alcançada quando o ensino não do, mas pelo movimento fosse concretizado.

Concomitantemente, outras ideias emergem sobre uma “nova” Educação Física além dos já citados e apreciações são feitas. Em “Concepções Abertas no Ensino da Educação Física” de Hildebrandt e Laging a observação das experiências anteriores dos alunos é a chave para o ensino da modalidade que deseja ensinar, as influências, as expectativas, as condições materiais, os locais e a organização do ensino e da escola. Kunz observa que fica uma lacuna no que respeita a didática, maneira de como deve ser organizado os programas de ensino, a longo prazo, e diferenciações sobre os diferentes momentos de aprendizagem.

Sobre o livro Metodologia da Educação Física que trata dos conhecimentos como “cultura corporal” que são pertinentes a área e como devem ser transmitidos. Denomina-se como cultura corporal o jogo, o esporte, a ginástica e a dança definindo, assim, uma área de conhecimento. Kunz compreende essa terminologia como uma retomada ao dualismo entre corpo e mente, ora se existe uma cultura humana que é apenas corporal, devem existir outras de ordem mental, espiritual que são de ordem intelectual.

É inegável que o esporte é o conteúdo principal das aulas de Educação Física, preocupa-se com o tratamento dado ao conteúdo esporte como conhecimento pedagogicamente transmitido na escola pela Educação Física e de que maneira este pode ser estudado para que os alunos possam compreender e criticar seus espaços, normas, acesso e valores. O autor trabalha com a ideia que “o esporte passa por uma transformação didático-pedagógica para atender as possibilidades de realização bem sucedidas de todos os participantes do ensino e não apenas uma minoria” (KUNZ, 2001, p. 18).

O esporte é um produto produzido pela indústria cultural que não visa contemplar interesses sociais e humanos, mas interesses tecnológicos e de rendimento. Essa perspectiva padronizada e normatizada do esporte impede que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possam ser realizados.

Kunz estuda a “teoria crítica” da Escola de Frankfurt, principalmente Marcuse, Horckheimer e Adorno e estabelece uma relação entre a classe trabalhadora nas sociedades industriais e o esporte. A primeira se apresentada cada vez mais excluída, mecanizada, oprimida pelas relações de trabalho e de rendimento, enquanto similarmente o esporte também tem servido como ferramenta de exclusão, mecanização, padronização e alienação no que concerne ao esporte de alto rendimento.

Sobre a necessidade de ser movimentar Kunz (2001, p. 27) coloca que:

O homem é um ser com inerente necessidade de se movimentar. Essa necessidade não pode ser eliminada do ser humano, assim como outras (da alimentação, por exemplo), mas nem sempre se pode dizer que o homem mantém um constante interesse na satisfação de certas necessidades. [...] podem ser facilmente formadas, por isso e mais facilmente ainda, ser canalizados para interesses superficiais, ou menos necessários, reprimindo os que são vitais.

Para compreender o esporte o autor conversa com Brodtmann e Trebels (1979).

1. Ter a capacidade de saber se colocar na situação de outros participantes no esporte, especialmente daqueles que não possuem aquelas “devidas” competências ou habilidades para a modalidade em questão; 2. Ser capaz de visualizar os componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo (a mercantilização do esporte, por exemplo); 3. Saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e por intermédio dessa visão crítica poder avaliá-lo. (KUNZ, 2001 p. 29)

A teoria pedagogia critico-emancipatória está acompanhada por uma didática comunicativa, uma vez que todo o processo educativo é pautado por “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito histórico e cultural deve ser capacitado para a participação na vida social, cultural e esportiva. A vivencia não deve se restringir a apreensão de uma habilidade, mas de através da reflexão crítica proporcionar o conhecimento, reconhecimento e problematização dos sentidos e significados do esporte. Esse exercício crítico de refletir os motivos, as

circunstâncias e as relações esportivas leva o aluno a racionalidade, ao esclarecimento, e, por conseguinte, a maioria<sup>10</sup>.

Na teoria crítica de Adorno e Horkheimer também desenvolvem a ideia de esclarecimento e emancipação, Kunz cita os pontos propostos e tece uma aproximação com o ensino dos esportes. O estado inicial apresenta uma “falsa consciência” de que o modelo do esporte de rendimento é ideal para todos os praticantes. A “coerção autoimposta” exercício de poder sobre exigências, as condições física e técnicas para a prática, fomentando, assim, uma “existência sem liberdade”.

Nesse sentido Kunz (2001) propõe a pedagogia crítico emancipatória no sentido de gerar a “autorreflexão” e dissolver a “falsa consciência e a coerção autoimposta”. Para que isso ocorra no processo de ensino aprendizagem dos esportes é necessário o desenvolvimento da didática comunicativa para que haja interação social e desenvolvimento da linguagem.

Kunz (2001, p. 36) explica que “deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que além de tornar o fenômeno esportivo transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades”.

O processo de ensino aprendizagem se dá pelo desenvolvimento de três competências: objetiva, social e comunicativa. A competência objetiva engloba conhecimentos, informações, técnicas e destrezas. Na competência social são esclarecimentos sobre os diferentes papéis que os indivíduos possuem na sociedade, desvelar diferenças e discriminações entre os gêneros. Em suma, deverá contribuir para um agir solidário e cooperativo. E, por fim, a competência comunicativa que enlaça a oralidade, o se movimentar, linguagem verbal e não verbal oportunizando ao “aluno ler, interpretar e criticar” para melhor entender o fenômeno esportivo.

Kunz (2001) apresenta um excerto, ou seja, uma divagação sobre o treinamento especializado precoce e uso de *doping*<sup>11</sup>. Sobre o *doping* não me

---

<sup>10</sup> Maioridade ou emancipação devem ser colocadas como tarefa fundamental da educação. Isso implica, principalmente, num processo de esclarecimento racional e se estabelece num processo comunicativo. Processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação (kunz, 2001 p. 32,33)

deterei. Em contrapartida, sobre o treinamento especializado precoce também farei um breve desvio da teoria crítico emancipatória. Compreendo que todas as relações esportivas que ocorrem na escola ou em clubes estão interligadas numa amálgama muito difícil de ser rompida.

O treinamento especializado precoce ocorre quando crianças iniciam o treinamento esportivo planejado e sistematizado pelo menos três vezes na semana antes da fase da puberdade. Esse tipo de treinamento causa problemas na vida ou na própria saúde psíquica da criança, como fracassos, desilusões e sentimento de exclusão por estar “fora” do padrão da equipe.

Kunz (2001) cita alguns fatores que prejudicam as crianças como a formação escolar deficiente, devido a grande exigência e dedicação aos treinos em turno inverso; a unilaterização do desenvolvimento que deveria ser plural e a redução da participação das atividades, brincadeiras e jogos que condizem a fase infantil e são essenciais para o processo de desenvolvimento das crianças.

Em defesa da especialização precoce está o documento da Confederação Alemã e Bento (1989) propõe o treino legal com o objetivo de expor aspectos positivos do treinamento, assim, desenvolver o esporte infantil em níveis em cada vez mais altos. No Brasil, o que o estado parece propor como meta escolar da Educação Física é descobrir talentos e ancorar carreiras esportivas de sucesso, especialmente de jogadores de futebol.

Kunz (2001, p.61) coloca que “o fim de tudo certamente só alcançaremos quando conseguirmos ensinar um esporte de tal forma que as nossas crianças possam crescer, desenvolver-se e tornar-se adultas através dele, e quando isso ocorrer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças”.

Do fenômeno esportivo depreendem-se dois conceitos de esporte um no sentido “restrito” e outro “amplo”. O conceito hegemônico é o “restrito” tem como “conteúdo o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo”. Já o sentido “amplo” o esporte pode ser andar de bicicleta, caminhar, fazer ginástica, brincar e jogar.

Nosso colaborador apresenta uma crítica ao modelo restrito e hegemônico de esporte quando nos fala sobre as aulas de Educação Física que “através da

---

<sup>11</sup> Doping expressão que significa a adulteração de uma conduta através de substâncias química para obtenção de melhores resultados.



difusão desse modelo, passa a ser um mero agente de propaganda e incentivo ao consumo, não só do esporte, mas de tudo com que se relaciona”. (KUNZ, 2001, p. 64)

Fundamenta sua teoria a partir das ideias de Habermas (1981) sobre a teoria da comunicação e esclarece os conceitos de esporte supracitados relacionando coexistentes “mundo vivido e o sistema”, com o esporte enquanto mundo vivido e o esporte enquanto sistema. O mundo vivido seria um mundo comum a todos que se apresenta as pessoas intuitivamente sem nunca ser problematizado, um plano de fundo às nossas costas, ao passo que o sistema seria a colonização.

O esporte pensando no sentido amplo, a partir do mundo vivido percebe-se a relação do mundo vivido com o mundo de movimento para se compreender a importância do se-movimentar do homem no mundo. O autor menciona Trebels (1992) que a partir das ideias de Habermas (1981) diferencia o “movimento do se-movimentar”: “o movimento enquanto conceito geral e com interesse no resultado ou na produção de movimentos eficazes no cumprimento de determinadas tarefas (sistema) e o se movimentar enquanto uma instância onde a unidade primordial de Homem e Mundo (mundo vivido) se manifesta”. (KUNZ, 2001 p. 66)

Para que o esporte possa ser tematizado no conceito amplo para um homem que pensa, tem história, cultura, afetividade e classe social, o autor propõe a encenação do esporte. Na encenação “há papéis predeterminados, regras a serem seguidas, o desempenho dos papéis depende de um texto, ou de um livro-texto, em que a abordagem e as ações são rigidamente estabelecidas, especialmente quando se trata das apresentações oficiais”. (KUNZ, 2001, p.69)

A encenação proposta auxilia nos objetivos pedagógicos da Educação Física como:

- 1) Compreender melhor o fenômeno esportivo; 2) avaliar e entender as mudanças históricas do mesmo; 3) possibilitar o desenvolvimento de diferentes encenações do mesmo – inclusive a evolução histórica; 4) possibilitar vivências de diferentes encenações e interpretação de diferentes papéis; 5) entender o papel do espectador; 6) conhecer o mundo dos esportes que é encenado para atender os critérios e os interesses do mercado. (KUNZ, 2001, p. 69)

Por meio da encenação que ocorre em três planos: trabalho (utilização de espaço físico e material), interação (motivos) e a linguagem (mediadora, elo de

ligação). Assim, a prática crítico emancipatória visa uma superação de condicionantes alienadores e opressores que constituem o mundo dos esportes.

O esporte é encenado com uma intencionalidade pedagógica de organizar, praticar, compreender, participar com autonomia, mas acima de tudo refletir e criticar. Nesse contexto o sujeito é considerado o ator da encenação esportiva; o mundo como sendo do movimento e dos esportes que precisam ser compreendidos perpassando pelas diferentes modalidades esportivas e que tenham um sentido/significado para os sujeitos que históricos, culturais e sociais.

O ensino numa concepção crítico-emancipatória deve ser pautado pela “perspectiva antropológica problematizadora”, com isso espera-se:

1) evidenciar e esclarecer o problema básico na encenação do esporte; 2) destacar a importância nas situações de encenação e seu significado individual e coletivo; 3) favorecer a responsabilidade individual e coletiva no processo de encenação do esporte; 4) aceitar diferentes soluções para diferentes situações de encenação e 5) orientar-se nas vivências e experiências subjetivas dos participantes, para problematizar sempre novas situações (KUNZ, 2001, p. 74).

A partir de agora estudaremos sobre o movimento humano que é considerado uma conduta para algo, um diálogo entre o homem e o mundo. O referido autor coloca a ideia do *movedum*, ou seja, do objeto/corpo que se movimenta. Deve se levar em consideração o sujeito que movimenta, a situação ou contexto em que o movimento é realizado e o sentido/significado relacionado ao movimento. É necessário “ampliar a concepção do se-movimentar enquanto acontecimento fenomenológico relacional, ou melhor, como relação intencional de ações significativas” (KUNZ, 2001, p. 78).

A evolução científica e tecnológica contribuiu em muito para que o esporte se tornasse um movimento cada vez mais estereotipado e de execução prática mecanizada. O interesse da ciência vem de encontro ao mesmo ideal, aperfeiçoar os gestos, a técnica com vistas ao princípio de concorrência, aos melhores indicadores de desempenho. O esporte é, portanto, a manifestação mais característica da evolução da ciência/tecnologia nas sociedades industriais.

A análise do movimento humano receberá um enfoque nos esportes, na aprendizagem motora, na dança, e, nas atividades lúdicas e jogos. O esporte tem adquirido um alto nível de exigência do praticante, que necessita de horas para treinar habilidades, preparo físico com horas de musculação para fortalecer a

musculatura, além de ter que aprender a técnica e tática do esporte em questão. Com isso, aquele antigo discurso da saúde como prêmio para a prática do esporte se torna mistificado uma vez que o benefício nem sempre é alcançado em detrimento do rendimento.

No que respeita aos cursos de formação inicial em Educação Física, o professor aponta outra “distorção”: a prática do esporte institucionalizado exige condições físicas e materiais que muitas vezes são supridas por convênio entre universidades particulares e federais ou por institutos estrangeiros. Contudo, a realidade da escola pública brasileira nem de longe se parece com a da universidade, ainda que precária possui quadras, piscinas térmicas, bolas dos quatro esportes hegemônicos. A tentativa é formar especialistas do esporte e não professores. Suas palavras denotam que a situação da escola chegou “ao ponto de muitos professores estarem totalmente despreparados para ministrar aulas em escolas que por ventura não possuem nenhum tipo de instalação ou local apropriado para a prática de esportes” (KUNZ, 2001, p. 83).

Para a proposta crítico-emancipatória deve haver uma transformação didático-pedagógica do esporte levando em consideração a importância cultural e social. A partir de agora o autor trabalhara com diferentes modalidades esportivas: a aprendizagem motora, a dança e atividades lúdicas e jogos.

A análise do movimento na aprendizagem motora também se concentra na funcionalidade, isto é, melhor eficiência, ensino do movimento correto, das capacidades para crianças e adolescentes. As capacidades de reação, adaptação, condução, orientação e a combinação em diferentes situações motoras.

Na aprendizagem motora o ser humano se apresenta numa visão mais ampla e complexa que se percebe nas dimensões trabalhadas como a motora, cognitiva, social e afetiva. Destaca-se o processamento de informações pelo sistema nervoso central, material que será armazenado ou utilizado dependendo da situação, tarefa ou estímulo dado ao ser que se movimenta e, complementa, que “do motor passamos ao computador”.

De acordo com Kunz (2001, p. 89) os interesses da aprendizagem motora são: “estudar o movimento humano enquanto conduta ou ação humana; analisar as possibilidade de otimizar o rendimento motor e aproveitar esses conhecimentos para a melhoria da performance humana nas dimensões perceptivo-cognitiva, emocional-afetiva, social e motora, e na concepção de interdependência”.

Já a dança é uma manifestação da cultura de movimento muito forte em todo o mundo, que se orienta para vivências e expressão de cultura do que para a padronização ou mecanização de movimentos. Contudo, há muitas modalidades que são desportivizadas, isto é, quando adquire espaço na forma competitiva se equiparando à mesma análise feita ao esporte de alto rendimento.

Através da dança o movimento adquire o significado expressivo e comunicativo caracterizando-a pela “busca da alegria e do prazer proporcionado pelos movimentos ritmados e compassados, desenvolvendo de forma criativa diferentes funções mímicas e pantomímicas.” Essas funções referidas por Kunz, (2001, p.91) dizem respeito ao gestual (passos) e conjugação dos passos dentro de determinado espaço e balizado por um ritmo dado pela música.

Na dança tratada como fenômeno de expressão e vivência, aparece pela primeira vez a subjetividade dos que se-movimentam. O “saber-sentir” é posto em questão. Kunz (2001, p.92) nos diz que “isto permite ao ser humano um retorno a sensibilidade ao belo e a própria vida que, de certa forma, o processo civilizatório tem sufocado no homem das sociedades atuais”. E complementa a ideia de subjetividade quando escreve que “o sentido pedagógico da dança seria o desenvolvimento do ser humano mais estético do que pelo lógico, mais emocional-afetivo do que intelectual-racional”.

Com relação às atividades lúdicas e o jogo, o autor coloca que desde as sociedades primitivas há inerente necessidade do ser humano se-movimentar e ter uma vida plena de significados através das brincadeiras e jogos. Com a modernização a invenção de brinquedos e construção de brincadeiras e jogos foram suprimidas pela “indústria cultural do brinquedo”.

O crescimento dessa indústria gerou uma padronização nas atividades, o que antes era inventado/construído a partir da realidade social e cultural dos pequenos, hoje é tão somente consumido pelas crianças sem nenhuma relação com sua vida, família ou contexto social. Um exemplo claro é a febre Monster High (bonecas vampiras com cicatrizes) ou a atividade torre-copos (formar torres com copos e verificar o vencedor com marcador de tempo). São brinquedos consumidos pelas crianças de diferentes classes sociais ou heranças culturais vendidos pela indústria cultural do brinquedo.

A homogeneização do mundo do brinquedo/jogo tem como objetivo atuar sobre o imaginário infantil uma vez que “a criança forma seu imaginário social,

cultural e lúdico através do seu pensar, agir e sentir que, até a idade do adolescente, configura-se, especialmente, pela brincadeira e pelo jogo”. (KUNZ, 2001, p. 94).

Atenta-se para o fato de há uma diferenciação entre os interesses dos praticantes e os interesses dos estudiosos no assunto. “Para as crianças, o brinquedo é a própria vida, sua forma de inserção no mundo” e para os adultos seria uma atividade contrária ao trabalho. Ambos os praticantes relacionam com a cultura de movimento hegemônica da sociedade a qual pertencem. Os estudiosos querem a cada área servir-se das brincadeiras e jogos como melhor os aprover, os psicólogos para melhorar a cognição, a pedagogia para a aprendizagem, a Educação Física para construir bases de movimentos para o ensino dos esportes tradicionais, assim por diante.

Contudo, o interesse deveria centrar-se em perceber o sentido/significado que o brinquedo tem na vida da criança e do adolescente bem como a própria existência humana. Kunz (2001, p. 97) reitera seu interesse “pedagogicamente, deve-se levar em consideração que oportunizar a criança e ao adolescente a chance de vivenciar experiências bem-sucedidas de vida, que escapam do sentido cotidiano das atividades obrigatórias, é contribuir com a possibilidade de formação de indivíduos críticos e emancipados”.

O ensino dos esportes, da dança, das atividades lúdicas e jogo deve dar importância ao sujeito que é capaz não só saber-fazer, executar o movimento corretamente, mas de saber-pensar sobre o que está fazendo e saber-sentir, considerar a individualidade do ser que movimenta. Nesse sentido, o interesse pedagógico-educacional no movimento humano deve voltar olhares para quem se-movimenta e em qual o plano de fundo de fundo se-movimenta.

Sobre o rendimento e o mundo crítico de movimentos Kunz (2001, p. 102) nos diz:

O fato da Educação Física utilizar-se de conhecimentos produzidos com o movimento humano com essas finalidades de alcançar o máximo de rendimentos não precisa ser totalmente impedido. Basta que esse conhecimento seja utilizado na perspectiva de sujeitos constituintes de um real objetivo e subjetivo, onde se respeita e se fomenta a subjetividade crítica e as possibilidades dos sujeitos se pensarem como agentes e autores de suas próprias vidas e de seu mundo. Assim, atuando-se com uma cultura hegemônica como o esporte, por exemplo, é possível que pelo esclarecimento crítico e pela transformação didático-pedagógica de elementos mais autoritários e complexos de serem realizados pela maioria, a promoção de subjetividades críticas de emancipadas possa ser alcançada (KUNZ, 2001, p. 102).

Com isso, o mencionado autor propõe a ideia de “mundo fenomenológico dos movimentos” que seria a compreensão e interpretação natural dos movimentos contrastando com o mundo objetivo, no qual o movimento é segmentado de maneira artificial para o ensino. E revela que a “insistência e a repetição de movimentos destrói a cultura do movimento dos praticantes”. Essa ideia é contraditória ao passo que talvez a maior parte das técnicas surgidas/aprimoradas se originaram de maneiras diferenciadas de os atletas executarem o movimento. Quer dizer que antes de se obter excelentes resultados se poderia fazer o gesto diferente, hoje não podemos, temos que seguir a copiar a técnica e repeti-la.

Para a compreensão do ensino na perspectiva crítico-emancipatório tem-se a clareza de que o movimento parte de um sujeito dentro de uma determinada situação ou contexto que tem uma ação com sentido /significado para a pessoa que joga ou brinca. O movimento é entendido como um diálogo entre o homem e o mundo, é sempre um acontecimento fenomenológico relacional, uma relação intencional de ações significativas, o sentido e o significado numa relação dialógica do sujeito que se-movimenta.

Apresenta quatro concepções básicas que estão sendo trabalhadas nas aulas de Educação Física, com diferentes concepções de homem, movimento, mundo e diferenciados entendimentos sobre a educação, o movimento e a cultura. São elas: concepção Biológico-Funcional, Formativo-Recreativa, Técnico-Esportiva e a Crítico-Emancipatória.

Para a concepção Biológico-Funcional a Educação Física tem como função o condicionamento físico. Dessa maneira prescrevem-se atividades físicas, inclusive o esporte de forma sistemática, metódica e distingue-se para grupos de sexos e idades diferentes tendo em vista a promoção da saúde.

Na concepção Formativo-Recreativa, a meta é contribuir na formação da personalidade e de habilidades motoras gerais dos alunos, para cumprir exigências sociais pesando no tempo livre ou horas de lazer.

Já na Técnico-Desportiva, a concepção hegemônica do esporte é trabalhada nas aulas de Educação Física com intuito de descobrir talentos esportivos, adaptar os alunos a essa cultura e focar nos resultados obtidos através dos treinos.

E, por fim, apresento a Crítico-Emancipatória, na qual a Educação Física caberia:

O estudo do movimento humano através do desenvolvimento de competências a autonomia, a competência social e a competência objetiva. Esta última – a competência objetiva – significa na prática a instrumentalização específica de cada disciplina. Ou seja, o saber cultural, historicamente acumulado, é apresentado e criticamente estudado pelo aluno. (KUNZ, 2001, p. 107).

Os interesses da Educação Física no ensino do movimento humano é propiciar ao aluno uma atividade prazerosa, espontânea expressando-se por uma linguagem, o movimento humano. Pela complexidade da concepção estudaremos o fator da subjetividade tão mencionado pela proposta.

Sobre o objetivo fator subjetividade é fundamental esclarecer que o ensino deve se concentrar sobre a pessoa, criança ou adolescente que se movimenta, e não sobre o movimento. Kunz (2001, p.109) explica conceitua este fator:

A subjetividade pode ser entendida, assim como este processo por meio do qual o homem se desenvolve no contexto social concreto, numa relação tensa entre um “ser social” e um “ser individual”. Neste desenvolvimento os indivíduos se encontram e se confrontam com mecanismos hegemônicos que desafiam e pressionam o indivíduo para uma forma de desenvolvimento estereotipado.

Atenta-se para o fato de que a escola se coloca entre a criança e a sociedade atual de maneira artificial, isso gera um distanciamento com a realidade e desenvolve subjetividades submissas, preparadas para servir a interesses dominantes. Nas palavras de (Kunz, 2001, p. 109) “a subjetividade tem a ver com querer conhecer a verdade e o que se conhece pode-se manifestar objetivamente, pode-se objetivar através das próprias capacidades e modalidades do agir e pensar”. Neste contexto o desenvolvimento das capacidades do ser humano saber-sentir, saber-pensar e saber-agir é indissociável do fator subjetividade.

Na sociedade moderna a razão científica tolhe, a cada dia, a subjetividade reprimindo a sensibilidade e a comunicação livre de coerção. Preserva-se a ênfase ao individualismo, a competição, autoritarismo, endurecimento de emoções e a condições de adquirir subjetividades para uma formação estereotipada do ser humano.

Na análise do movimento humano interessa dois momentos: das significações subjetivas no se-movimentar e das reificações da subjetividade por movimentos estereotipados. as significações subjetivas tem a ver com as experiências de movimentos, o que é significativo para a criança. Ao passo que a

reificação concerne ao controle da subjetividade, civilizar a crianças dentro de uma lógica séria representa a perda da fascinação pelo mundo natural e um elo com uma corrente de dependências para garantir um futuro com sucesso. Em contrapartida a reificação o objetivo fator subjetividade “se configura numa função de aceitar e preservar sentidos em vez de constituir sentidos, como acontece quando as possibilidades do livre e espontâneo brincar ainda existe” (KUNZ, 2001, p. 112).

O autor estudioso da fenomenologia de Merleau-Ponty cita as vivências subjetivas como uma “reabilitação ontológica do sensível”, isto é, deve haver sempre situações na vida das pessoas que propiciem expressar seus movimentos com sensibilidade, de forma alegre e prazerosa com liberdade e espontaneidade. A concepção crítico emancipatória vem com o objetivo de libertação das falsas ilusões, dos falsos interesses e desejos. A ideia de que o correto deve ser reproduzido com menor gasto de energia, de que deve se aprender a técnica para poder jogar a modalidade, a repetição para a aprendizagem de movimentos que nem sempre tem significados para as crianças, a formação de um modelo, um quadro bonito e correto com ângulos bem ajustados de movimentos passam a ser questionadas.

A concepção crítico-emancipatória tem o intuito de esclarecer sobre as falsas ilusões, desenvolver condições para que as estruturas críticas e autoritárias e a imposição de uma comunicação distorcida possam ser suspensas e encaminhadas para uma emancipação referente à realidade. Para a libertação se efetivar, é imprescindível ressaltar o esclarecimento e a autorreflexão dos alunos.

Estratégias didáticas para a efetivação na prática para o ensino crítico-emancipatório é baseada no que Kunz (2001, p.123) denomina de “transcendência de limites” o aluno é colocado em contato com a realidade de ensino do esportes, dança, jogos ou atividades lúdicas relacionando com graus de dificuldades. A transcendência pode ocorrer de forma direta, indireta ou criativa/inventiva. A forma direta corresponde a intencionalidade da ação espontânea, não pensada; a indireta indica a aquisição de uma linguagem de movimentos ou repertório motor através da aprendizagem; e a criativa/inventiva que já se expressa por si só, uma compreensão de movimento inventada para determinada situação de jogo.

Para que ocorra a “transcendência de limites” os alunos deverão pelas suas experiências descobrir formas de participação bem sucedidas, manifestar através



da linguagem as experiências e, por fim, refletir e questionar sobre a atividade, o que aprenderam ou não aprenderam e o significado da atividade ou jogo no contexto cultural.

A partir de um olhar crítico Kunz (2001) elenca pontos fundamentais para a construção da teoria Crítico-Emancipatória: O esporte é o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, mas não apresenta elementos de formação geral nem para servir a educação quanto mais à saúde. Essa cópia irrefletida de um modelo leva para sala de aula vivência de insucesso ou fracasso para a maioria dos alunos, que se torna uma irresponsabilidade para quem é conivente com tal situação e a fomenta no dia a dia da escola – o professor. A vivência do esporte de rendimento nas quadras escolares vem com o pretexto de que a sociedade é competitiva e desigual, segue os princípios da “sobrepunção”, isto é, ultrapassar limites, sobrelevar-se sobre seus colegas. Assim, leva-se a perda de sensibilidade e da afetividade em prol do racionalismo exacerbado.

A transformação pedagógica do esporte se dá pela identificação do significado central do se-movimentar, a identificação das insuficientes condições físicas de técnicas do aluno para realizar a modalidade com perfeição. (Kunz 2001, p. 126) atenta para “o fato mais importante nessa transformação é que enquanto o significado dos movimentos esportivos permanece, o sentido individual e coletivo muda”. As situações e condições do se-movimentar do aluno, sujeito principal no processo de aprendizagem, devem ser consideradas como centro das ações de ensino.

Para auxiliar no objetivo da proposta Kunz (2001, p.128) os “arranjos materiais” são utilizados. O autor não esclarece o motivo da expressão, mas leva a pensar que são materiais que o professor arranja, inventa ou constrói para tornar mais atrativo o ensino de um esporte que não tem como característica a sobrepunção nem o rendimento. Os “arranjos materiais” serviriam como estimuladores das práticas na transcendência de limites e levariam o aluno que não tem um condicionamento físico de força ou velocidade se aproximar dos que tem. Como exemplo cita a construção de uma mini trampolim, que daria condições mais igualitárias de todos os alunos permanecerem determinado tempo no ar.

Como bem nos lembra (Kunz, 2001 p.128) “é importante filtrar os significados centrais de cada modalidade” no caso do atletismo, esporte mais trabalhado pelo autor, correr, saltar e arremessar, as situações de ensino devem

levar professor e alunos a construir uma teia com sentido/significados por meio do tripé: trabalho, interação e linguagem. A transformação didático-pedagógica não deve desviar atenção de recomendar a autorreflexão e o diálogo sobre as práticas esportivas.

Assim, nos adverte, Kunz (2001, p. 140) que “o interesse crítico-emancipatório liberta os indivíduos da coerção autoimposta, da opressão e da submissão alienadora, deve ser possível pelo ensino escolar”.

Recordamos que a proposta Crítico-Emancipatória está alicerçada sobre três competências: objetiva, social e comunicativa. Nas possibilidades didáticas para a construção prática de uma pedagogia para aulas de Educação Física. A competência objetiva é desenvolvida basicamente pela categoria de trabalho, através de atividades que buscam a “transcendência de limites”. A social é trabalhada pela tematização das relações e interações sociais, problematizando as atividades. E, por último, a competência comunicativa que deve ser desenvolvida pela linguagem verbal e linguagem de movimentos que os alunos expressam suas inquietudes, sentimentos e pensamentos.

O autor supracitado conclui sua utopia concreto alertando para o fato de que há de se por fim a nossa (remete-se a Educação Física) bagunça interna, organizar um “programa mínimo” para as aulas de Educação, deve ser flexível e deixar opções para atender as condições materiais e locais para as práticas. A ausência de um programa definido com diferentes graus de complexidade abre uma lacuna aos professores, que pode ser preenchida com qualquer atividade dependendo o seu bom ou mau humor. Conclui dizendo que pensa uma Educação Física que possa ser estudada, ter graus de dificuldade, organizada, pensada e refletida não pela área isoladamente, mas pela escola e o esclarecimento dos sujeitos que a frequentam.

## 7 VIDA PESSOAL

### 7.1 Musicalidade

*Esta é minha trajetória de vida profissional, ocupei-me mais dela porque o resto quase tudo tem a ver com essa vida profissional ou pelo menos esta inserido nesta vida. Claro que a infância, vida familiar, amizades, vida amorosa e tantas coisas mais não tem nada a ver diretamente com a vida profissional, mas influenciaram ou foram influenciadas por ela. Disto tudo então o que gostaria de acrescentar por último, é meu envolvimento com a música. Minha família, meu Pai e um irmão dele, como também da família de minha mãe, foram músicos. Participavam de bandinhas que tocavam especialmente o folclore alemão. Meu tio, irmão de meu Pai, era professor de música, embora, assim como meu Pai não estudou mais do que a terceira série primária. Ele também foi compositor de músicas que depois chegou a ser gravado em LPs por bandinhas muito conhecidas do RS e SC. Com isso, a princípio meu Pai sempre me incentivou a tocar um instrumento. Quando criança comprou uma gaita pequena para eu aprender a tocar, mas quem aprendeu foi minha irmã mais velha. Eu me interessava muito pelo instrumento que meu pai e meu tio mais tocavam, o saxofone. Quando meu pai deixou a musica, por problemas de saúde, eu até comecei a tocar, mas na época me encontrava no Internato e lá, tempo e local para os ensaios eu não tinha, então abandonei de vez a ideia de ser músico. Deixei que o esporte substituísse esse interesse e desejo em minha vida. Mas alimentei uma esperança de um dia, ainda conseguir “tocar o meu Sax”. Talvez quando me aposentasse, mas, felizmente, isso aconteceu bem antes. Quando eu estava por completar 50 anos de idade encontrei um colega que tinha se aposentado e começou a aprender, numa escola de música, justamente o sax. Interessei-me pela escola e fiz uma visita. Era um professor, quase que exclusivamente para ensinar Sax. Perguntei das possibilidades de começar aprender o instrumento mesmo com as minhas múltiplas atividades profissionais e ainda sem o instrumento próprio. Ele me garantiu que era possível e menos de três meses já estaria tocando minhas primeiras músicas. Fui tomado pelo entusiasmo e alegria de finalmente poder preencher mais um vazio em minha vida. Então, iniciei logo e também já no*

*primeiro mês comprei um sax usado, mas de boa qualidade e assim apesar de poucas horas de aula pude ensaiar bastante em casa e de fato com três meses de aula consegui tocar algumas músicas. Desta forma permaneci nesta escola por uns quatro anos, apesar de alguns intervalos longos em que realmente não encontrava tempo para continuar com o curso. E, para o meu gosto, aprendi muito bem a tocar saxofone. Ainda tenho alguma dificuldade para tocar com acompanhamento eletrônico, os chamados playbacks porque tenho uma acentuada deficiência auditiva. Atualmente com meus dois sax, o Alto e o Tenor, toco quase todos os gêneros musicais, sempre acompanhado de partituras.*

A relação de Kunz com a música é muito forte. Primeiramente porque o aproxima com o pai na relação familiar. A descoberta da sua música favorita “My Way” ou na tradução para o português “Meu jeito” denota uma síntese sobre sua história de vida. Ele adora tocar seu sax.

## **Meu Jeito**

E agora o fim está próximo  
E portanto, encaro o desafio final  
Meu amigo, direi claramente  
Irei expor o meu caso do qual estou certo

Eu tenho vivido uma vida completa  
Viajei por cada e todas as rodovias  
E mais, muito mais que isso  
Eu o fiz do meu jeito

Arrependimentos, eu tive alguns  
Mas aí, novamente, pouquíssimos para mencionar  
Eu fiz o que eu devia ter feito  
E passei por tudo consciente, sem exceção

Eu planejei cada caminho do mapa  
Cada passo, cuidadosamente, no correr do atalho  
E mais, muito mais que isso  
Eu o fiz do meu jeito

Sim, em certos momentos, tenho certeza que tu sabias  
Que eu mordida mais do que eu podia mastigar  
Todavia fora tudo apenas quando restavam dúvidas  
Eu mastigava e cuspiava fora

Eu enfrentei a tudo e de pé firme continuei  
E fiz tudo do meu jeito

Eu já amei, ri e chorei  
Cometi minhas falhas, tive a minha parte nas derrotas  
E agora conforme as lágrimas escorrem  
Eu acho tudo tão divertido

E pensar que eu fiz tudo isto  
E devo dizer, sem muita timidez  
Ah não, ah não, não eu  
Eu fiz tudo do meu jeito

E para que serve um homem, o que ele possui?  
Senão ele mesmo, então ele não tem nada  
Para dizer as coisas que ele sente de verdade  
E não as palavras de alguém de joelhos

Os registros mostram, eu recebi as pancadas  
E fiz tudo do meu jeito

A canção de autoria de Paul Anka e eternizada na voz de Frank Sinatra, embala a história de vida do professor com uma linda melodia e uma mensagem positiva: “Eu fiz do meu jeito”.

A letra fala no final da trajetória, dos caminhos, rodovias em que professor viajou, seja para fazer o curso de formação inicial, para fazer especialização ou para tentar concursos. Rodovias que até hoje percorre vindo, com sua caminhonete, de Florianópolis/Santa Catarina para Santa Maria/Rio Grande do Sul para dar aula.

Remete-nos a pensar em uma pessoa forte e determinada e que pode dizer sem timidez que fez do seu jeito. Embora tenha alguns arrependimentos, riu, chorou, muitas vezes assumiu mais compromissos do que podia cumprir. Todavia, não teve vergonha de “cuspir fora” talvez não no sentido de deixar de fazer, mas de refletir sobre como poderia ter sido diferente se...

Quando fala sobre que homem que não tem a si mesmo não tem nada, o professor se volta à questão da fenomenologia que estuda muito e adota com filosofia de vida, a qual pretende se dedicar mais após suas últimas publicações na área da Educação Física.

## 7.2 O misticismo

*Outro assunto que envolveu fortemente minha vida é um assunto que pertence a esfera místico-espiritual, diria assim. Sim, pois embora vivendo um grande período de minha vida em internato de um colégio religioso nunca fui muito religioso, no sentido de seguir uma religião cristã, mas tinha um interesse profundo na, que hoje poderia chamar, de espiritualidade. Desde jovem fui muito motivado por leituras que tratavam de assuntos como parapsicologia, poder da mente, zen-budismo, xamanismo, ufologia e espiritismo. Consegui fazer um curso de parapsicologia e com as leituras que tinha sobre os mais diversos assuntos esotéricos encontrei dia destes, um senhor que dizia que tinha poderes de clarividência e confirmei que tinha mesmo. Então, tentei prestar o meu auxílio a ele, pois percebia que ele não tinha estudos, mal sabia escrever o nome, e eu poderia esclarecê-lo melhor sobre o que se passava, para que tomasse consciência de seu poder e não fizesse mau uso, como pensava. Após algum tempo trabalhando com esse senhor e encontrando outros interessados no assunto, criei em minha casa, em Ijuí, um grupo de estudos sobre paranormalidades e espiritualidade. Participaram deste grupo o*

*meu amigo clarividente e que só mais tarde se revelou a mim, também como médium umbandista, mais um médium kardecista, um estudioso da parapsicologia, uma adepta da loga que fazia psicografia entre outros. O grupo durou uns dois anos. Depois disso e por influência de um dos participantes deste grupo comecei a participar de uma organização místico-filosófica a AMORC que é a Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz onde participo até hoje, ou seja, a 35 anos. Estes estudos, todos eles, creio que me influenciaram enormemente em todas minhas realizações tanto na vida como na profissão. Por isso achei importante revelar aqui também isso.*

Embora, o professor seja um pesquisador/cientista, posso assim dizer, é uma contradição que queira narrar fatos da sua religiosidade. Muitos professores falam em suas trajetórias sobre o catolicismo, o protestantismo, fazendo referência aos locais de trabalho, escolas, orfanatos. O pesquisador mostrar seu lado místico é de se elogiar por sua franqueza, muitos não o diriam. Impossível negar o que se é. Em nossos primeiros contatos Kunz disse que não sabia se deveria revelar um segredo. Achei fascinante. Ao conversarmos sobre os prazos que tinha para realizar os escritos eu como boa comunicadora, contei sobre o acúmulo de atividades que tinha. Disse:- “Estou meio apertada no prazo, me comprometi com muitas tarefas, academia, comecei o curso de Pedagogia, faço parte do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, GEPEF, GEPFICA e ainda trabalho no centro espiritualista”.

Ao ouvir isso, o segredo sobre o misticismo foi revelado na hora, sem medo de sofrer qualquer tipo de insinuações sobre a inexistência da espiritualidade. É importante lembrar que nos momentos difíceis, distantes da família a ajuda de estudos místicos foi fundamental. Através, desses estudos, das aprendizagens na AMORC influenciaram a trajetória pessoal e profissional.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Esta é minha vida, até aqui, em linhas bem gerais e creio que em muitas etapas aqui apresentadas poderia acrescentar muitos detalhes, mas, com certeza, iria extrapolar o espaço delimitado para as intenções da mestrandia Juliana com esta entrevista. Espero que ela própria como outros leitores deste relato possam encontrar muitos destes detalhes que estão nas entrelinhas do acima exposto. Muito Obrigado por esta oportunidade. (E.K.)*

O professor faz o fechamento da narrativa, agradecendo a oportunidade de contar suas memórias. Nosso objetivo com a realização deste trabalho em primeiro lugar foi conhecer a história de vida. Num segundo momento delinear e compreender a trajetória formativa do colaborador. E, por fim, e relacionar a história de vida com a concepção de Educação Física – proposta Crítico Emancipatória – criada por ele.

Apresentamos sua bonita história de vida, marcada por fatos misteriosos que se deram ao longo de sua trajetória. A vida em família foi plena e rica de liberdade, podia lhe faltar luxo ou bens materiais, contudo foi lindamente livre, alegre e sagaz. O ingresso no internato marcado pela tolhida da liberdade ou quase prisão, não podia transitar na cidade sem obter boas notas nas provas, era retirado o cartão de saída para passeio. Através da perda da liberdade busca o esporte Atletismo como fuga, a meta era sair correndo velozmente do internato. Correr para a casa, para a liberdade plena. Lançar ao longe suas inquietudes, seu uniforme. Arremessar dardos contra a prisão, contra a vigilância dos carrascos professores.

A opção por escolher o curso de Educação Física e continuar praticando o Atletismo ocorre por ser um esporte individual, não precisava se comunicar para fazê-lo, também não tinha a necessidade da presença de outras pessoas para jogar. Com isso, pôde treinar e se sair muito bem dependendo apenas de suas capacidades físicas como força e velocidade. A timidez que o acompanha é o que auxilia a eleger o Atletismo como seu principal esporte. Supera-se, a cada dia, nos recordes de corrida e arremessos. Isso garante uma vaga na Sogipa como atleta e treinador, mas a é opção por permanecer no internato, seu medo e timidez vencem e empatam a partida para uma promissora carreira de técnico na capital gaúcha.



Ingressa no curso de formação inicial em Cruz Alta, mas continua preso ao orfanato em Augusto Pestana como professor. Trabalha e reside no orfanato. Na faculdade tem facilidade nas disciplinas práticas, pois o Atletismo lhe fornecesse as bases motoras como o correr, salta e arremessar utilizado nos esportes, pelo menos nos quatro hegemônicos da Educação Física. Frustra-se com a falta de estudos sobre as práticas, pois estava acostumado a estudar, ler muito no orfanato, no qual os professores eram “linha dura”.

Essa vontade de estudar levou-lhe a procurar cursos de formação continuada. A formação continuada, tratada também como formação permanente, tem como finalidade dar continuidade aos estudos, aperfeiçoá-los bem como proporcionar a aquisição de novos conhecimentos. Coursou uma especialização na própria universidade em Atletismo. O reconhecimento por seu trabalho como treinador de atletas de grande expressão vem com a oportunidade de especializar-se nos Estados Unidos. O anseio por aprender continuou, ele próprio lembra várias vezes que na Educação Física não tinha o que se estudar. Surge a oportunidade de fazer curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano em Santa Maria.

Em Santa Maria ganha sua liberdade do orfanato, passa no concurso público para o magistério estadual do Rio Grande do Sul. Começa a perceber a realidade das escolas públicas brasileiras, compreende como impossível estabelecer uma Educação Física próxima de treinamento na escola, sem quadras e pistas, sem materiais e como muitos alunos para atender por turma. Salta-lhe aos olhos a necessidade de adaptação de seus estudos e de que a possibilidade formar atletas em sala de aula é remota. Escreve sua dissertação sobre a temática da “Especialização Precoce” que desde o orfanato já observava.

Surge uma possibilidade de continuar estudando, fazer doutorado em Hannover/Alemanha. Com a facilidade na língua alemã proporcionado pela descendência de seus pais. Vai em busca de vaga e passa por uma grande prova: Romper com as barreiras da sua introvertida comunicação. Mais uma enigmática situação acontece, na hora de defender seu projeto, sente-se calmo e pronto para o embate consigo próprio e com a plateia composta pela elite alemã. Consegue não somente a vaga para cursar o doutorado, mas também a bolsa do DEAD.

Em Hannover a saudade da família dói muito. Sente-se mais uma vez como um garoto preso no orfanato, a vontade de fugir, sair correndo é imensa. Com o

auxílio de professores e colegas, permanece, estudando até a vinda da família que o aquece o coração. Portanto, lembro que professor se constitui pelas relações que estabelece com os outros que lhe são significativos, e ainda com a história sociocultural, geracional e pessoal, assim torna-se resiliente e continua seus estudos.

A história de vida perpassa o campo pessoal e profissional. Deixamos claro que a trajetória pessoal envolve a perspectiva subjetiva do professor quando falamos em sentimentos, que estão em todo momento evidente nas suas falas ou na entonação de sua voz, caracterizados pelos risos ou semblante fechado. A trajetória profissional destaca-se a passagem por diferentes instituições como CEAP (como aluno e professor), CEFCA (formação inicial), CEFD/UFSM como mestrando e em Hannover como doutorando. Há certamente uma complexidade nesse enlace entre vida pessoal e profissional, muito bem amarrado pelas histórias de vida.

É o desenrolar da vida que alicerça as trajetórias. E diria mais: o desenrolar da vida alicerça as teorias. Criou-se a teoria Crítico Emancipatória baseando-se em primeiro lugar na busca da liberdade, liberdade esta que desejava que todas as crianças, sem exceções, possuíssem.

As situações de competição vivenciadas na infância na escola traziam-lhe uma dualidade de emoções. A felicidade e elogios quando ganhava e a frustração e represália dos professores quando perdia. A observação da especialização precoce das crianças como professor na escola particular levou-lhe a compreensão de que o esporte deve passar por uma transformação didático-pedagógica para atender as possibilidades de realização bem sucedidas de todos os participantes do ensino e não apenas uma minoria.

A criação da transformação didático-pedagógica do esporte está embasada pelo estudo da teoria crítica da escola de Frankfurt. O professor se aproxima de leituras de Adorno e Horkheimer desenvolvem a ideia de esclarecimento e emancipação, Kunz cita os pontos propostos e tece uma aproximação com o ensino dos esportes.

A teoria Crítico emancipatória tem como principal eixo o se-movimentar humano e a transformação didático-pedagógica do esporte. A busca pelo se movimentar livre e consciente é traço da vida infância e na vivência no internato. A transformação didático-pedagógica do esporte é construída através da observação

dos espaços públicos enquanto docente para a prática da Educação Física, dos conteúdos a seres desenvolvidos, do foco central na modalidade esportiva (movimento) e não no aluno que se movimenta.

Na transformação didático-pedagógica do esporte o processo de ensino aprendizagem pelo desenvolvimento de três competências: objetiva, social e comunicativa. A competência objetiva engloba conhecimentos, informações, técnicas e destrezas. Na competência social são esclarecimentos sobre os diferentes papéis que os indivíduos possuem na sociedade, desvelar diferenças e discriminações entre os gêneros. Em suma, deverá contribuir para um agir solidário e cooperativo. E, por fim, a competência comunicativa que enlaça a oralidade, o se movimentar, linguagem verbal e não verbal oportunizando ao aluno ler, interpretar e criticar para melhor entender o fenômeno esportivo.

A comunicação é tratada como uma competência a ser desenvolvida, devido a sua timidez, o embaraço para se comunicar faz perceber que deve ser oportunizado as crianças possibilidade de se expressar através do se-movimentar (esportes, danças, lutas e atividades lúdicas e jogos). Contudo, compreende-se a necessidade de se expressar verbalmente, colocar em palavras que saltam a boca, transmitir em palavras que alegrem e colore o papel. Na escola é muito fácil eleger um bom comunicador para garantir uma boa nota nas apresentações do trabalhos, difícil é fazer aquele aluno quietinho e encolhidinho falar, brincar, perder o medo, deixar a vergonha de lado. O professor entende que a oportunidade de se comunicar é crucial em todas as áreas, importante para a vida das pessoas, não que seja obrigatória, mas ofertada com justiça para todas as crianças.

Para finalizar gostaria de esclarecer um questionamento que surgiu a todo instante durante a realização dessa dissertação. Por que escolheu este colaborador? A minha relação com a teoria Crítica Emancipatória foi estabelecida desde as primeiras aulas no curso de Educação Física no CEFD/UFSM, ainda no primeiro laboratório. Ao conhecer alguns livros do professor Kunz, eu via ali a possibilidade de uma Educação diferente. Diferente de todas as vezes que me senti excluída nas aulas, das vezes que corria muito para vencer e tossia muito com falta de ar na escola. Parecia que meus sentimentos eram percebidos por alguém. Alguém com uma sensibilidade ínfima.

No decorrer da entrevista, vi em muitas vezes o que nem eu mesma compreendia – a escolha de meu colaborador – Não é por que ele conhecido é

renomado, é por que ele é humano. É um professor humano como eu e como você pode ser ou se tornar. É gente de verdade. Gente fina na definição de Marta Medeiros. Criança como eu com inquietudes, sufocado pelo orfanato. Eu pelos extremos cuidados da mãe. Aluno com vitórias, derrotas, medos. Opção pela Educação Física pelo amor ao Atletismo, eu a paixão pela dança. A timidez também foi minha companheira, como a perdi não sei.

Misteriosamente, nossas trajetórias tem uma aproximação em alguns pontos como trabalhar para manter estudos, gostar de estudar Pedagogia, se lançar ao magistério público e vontade, muita vontade de desbravar novos caminhos. O interesse na esfera místico-espiritual nos aproxima muito.

Espero que este trabalho contribua trazendo um novo ânimo para os estudantes e professores. Assim, com muita alegria encerro mais um ciclo de minha vida acadêmica.

Encerro com lindo poema de Cora Coralina – “Saber Viver”

Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,  
Braço que envolve,  
Palavra que conforta,  
Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia,  
Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia,  
Desejo que sacia,  
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela

Não seja nem curta,  
Nem longa demais,  
Mas que seja intensa,  
Verdadeira, pura... Enquanto durar.

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A. **Enseñante es también una persona**. 1986 Barcelona: Gedisa, 1986.

ABRAHAM, A. **El mundo interior de los enseñantes**. Barcelona: Gedisa, 1987.

ABRAHÃO, M.H.M.B. **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.

ABRAHÃO, M.H.M.B. **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação sul-riograndense**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

ALMEIDA, F.Q.; BRACHT, V.; SANTOS, N.Z. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.02, p.141-165, abr./jun., 2009.

ALMEIDA, L. de; FENSTERSEIFER, P.E. Professoras de Educação Física: duas histórias, um só destino. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.13, n.2, p.13-35, mai./ago., 2007.

BAUER, M.W.; GASKELL, G.; ALLUM, N.C. Quantidade, qualidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

BETTI, I.C.R.; MIZUKAMI, M.G.N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.3, n.2, p.108-115, dez., 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BUENO, B.O. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p.385-410, mai./ago., 2006.

BUENO, B.O. O método autobiográfico e os estudos com história de vida de professores: a questão da subjetividade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p.11-30, jan./jun., 2002.

CASTELLANI FILHO, L. A educação física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CONSTANTINO, N.S. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLLE, A.; FARIAS, G.O.; BOSCATTO, J.D.; NASCIMENTO, J.V. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.25-49, jan./mar., 2009.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J.V. Momentos marcantes da trajetória docente em Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, p.95-103, 2009.

GARCIA, C.M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GONÇALVES, J.A. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992. p.141-169.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992. p.63-78.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992. p.31-61.

IMBERNÓN, F. Formación e innovación em la docencia universitaria em la universidad del siglo XXI. **Universidad, Sociedade e Inovación**, p.179 -190, 2000.

ISAIA, S.M.A. Construção da profissão docente: possibilidades e desafios para a formação. In: ISAIA, S.M.A.; BOLZAN, D.P.V.; MACIEL, A.M.R. **Pedagogia universitária: tecendo redes sobre a educação superior**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.163-176.

JOVCHELOVITVH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MOROSINI, M.C. **Enciclopédia Universitária**. 2. v. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, Ed. INEP/MEC, 2006.

MOITA, M.C. Percurso de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992

NÓVOA, A. Os professores e suas histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de professores**. Tradução Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992.

MACIEL, A.M.R. O processo formativo do professor no ensino superior: em busca de uma ambiência (trans)formativa. In: ISAIA, S.M.A.; BOLZAN, D.P.V.; MACIEL, A.M.R. **Pedagogia universitária: tecendo redes sobre a educação superior**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.163-176.

NUNES, R.M.; GODOI, M.R. História de vida, formação e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física das redes públicas de educação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.12, n.1, p.156-172, 2013.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

ZABALZA, M.B. Formación del profesorado universitario: mejorar a los docentes para mejorar la docencia. **Revista Educação**, Santa Maria, v.36, n.3, p.397-424, set./dez., 2011.

ZABALZA, M.B. Os diários de classe dos professores. Artigo originalmente publicado na **Pátio - Revista Pedagógica**, n.22, jul./ago., 2002. Disponível em: [http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=18](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=18) . Acesso em 11 nov. 2013.



## **APÊNDICE**

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Título do projeto: História de Vida ou Vida de Professor: o Pessoal e o Profissional na Construção da Trajetória Docente

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Hugo Norberto Krug

Autor: Juliana da Silva Silveira

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Endereço: Cidade Universitária – Centro de Educação (CE/UFSM) – Sala 3280A

Convidamos o prezado professor a participar desta pesquisa, a qual tem como objetivo geral proporcionar uma aproximação com a história de vida do professor, estabelecendo as relações com a trajetória formativa: a vida familiar, o exercício profissional e a concepção de Educação Física que contribuíram para a construção da pedagogia para as aulas.

A metodologia será embasada em Jovchelovitch e Bauer (2002). A coleta de informações seja realizada mediante a narração das histórias de vida do professor que serão gravadas e posteriormente transcritas. A estrutura da pesquisa não seguirá uma entrevista, propriamente dita no esquema pergunta-resposta, foi preparada através de tópicos com o objetivo de propiciar uma abertura maior as vivências do colaborador, que será voluntário ao tema da pesquisa.

Será importante a gravação das entrevistas, se assim aceitarem os participantes, para não se perder detalhes importantes das suas falas. Após a realização das entrevistas, elas serão transcritas e devolvidas aos sujeitos, para que esses possam incluir, excluir ou reescrever os seus depoimentos. Entretanto, será impossível o sigilo sobre o nome do professor tendo em vista que ele é o criador da teoria Crítico-Emancipatória apresentada na dissertação.

O material coletado através das entrevistas será utilizado exclusivamente com caráter científico, sendo lidas apenas pelo pesquisador responsável e pelo autor da pesquisa, estando estes, responsáveis por qualquer extravio ou vazamento das informações confidenciais. Desde já, informamos que se pretende divulgar os resultados encontrados neste estudo em periódicos e eventos da área da educação.

Mesmo não sendo a nossa intenção, este estudo poderá trazer algum constrangimento ao colaborador do estudo, mas que serão amenizados pelo

tratamento ético que teremos. O autor compromete-se em esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou, posteriormente, através dos telefones residencial (55)3347-4233, via celular (55) 9169-6398 ou por e-mail juliana.cef@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado (a) de todos os aspectos desta pesquisa, seus propósitos, procedimentos e ter esclarecido minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_, concordo voluntariamente em participar deste estudo e autorizo a realização de entrevista sobre a temática proposta, podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Assinatura e CI do entrevistado: \_\_\_\_\_,  
CI: \_\_\_\_\_

Declaramos, abaixo assinado, que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do colaborador da pesquisa para a participação no estudo.

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_  
CI: 8005150357

Assinatura do autor do estudo: \_\_\_\_\_  
CI: 1085211769

Santa Maria, \_\_\_\_ de janeiro de 2014.